

Cap. 4 - ROSA TIRLONI

A figura de Rosa se reveste de uma importância muito grande para toda a nossa família, e o mérito de Rosa, mas também de seus descendentes, foi de ter mantido sempre tudo aquilo que foi recebido dos parentes italianos, como se fossem relíquias autênticas preservados com veneração, e portanto, é graças a ela que hoje ainda podemos ler as cartas antigas e compreender, sem sombra de dúvida, o que realmente acontecia em nossa família, nos dias em que ainda estava vivo o grande patriarca Alessandro.

Essas cartas são de um valor quase maior do que qualquer história oral, pois elas não estão sujeitas às deturpações típicas devido ao longo tempo, ao esquecimento ou até mesmo à inevitável interpretação da narração. Scripta manent (as coisas escritas permanecem) diziam os antigos romanos, e as cartas que ela amorosamente preservou, são os dados mais objetivos e mais preciosos em nossa posse.

Uma pessoa tão importante como a Rosa, que nos permitiu reconstruir com tanta precisão tudo o que estava acontecendo ao seu redor (especialmente na Itália). Por outro lado - quase pelo contrário – deixando para nós, parentes da Itália, alguns poucos traços de si mesma, pois, de fato, até recentemente tínhamos poucas notícias sobre ela e seu marido. Também o material escrito sobre eles era quase totalmente desconhecido, até mesmo para muitos de seus próprios descendentes. Assim, para reconstruir a sua breve história terrestre, inicialmente se devia fazer uso apenas de fragmentos de memórias já distantes, mas que no entanto, em seguida, ocorreu algo como por um golpe de sorte, quando foi encontrado um material preciso.

Uma grande ajuda veio do trabalho posto em prática por uma de suas netas, a prima brasileira Cremilde Tridapalli Mendonça que, embora naquele tempo era apenas uma menina, ela era muito afeiçoada à sua avó Rosa, e sempre ficava muito impressionada e fascinada pela história de nossa grande família. Tanto é verdade que, muitas vezes, tinha vindo para a Itália para nos visitar. Cremilde, infelizmente morta há vários anos, manteve com o maior cuidado todas as lembranças da avó, fazendo-as chegar intactas e, portanto, com todo o seu valor, até os dias de hoje. Era também muito generosa com suas histórias muito enfáticas sobre essa sua avó, que ela só conheceu por pouquíssimos anos.

Para ser sincero, é preciso dizer que os contactos com este ramo da nossa família foram muito difíceis, se não mesmo inexistentes, nas últimas duas décadas. O desaparecimento dos velhos (quer da Itália e quer os do Brasil) tinha levado a inevitável diluição da relação tanto que eu mesmo durante minha viagem ao Brasil em 2009, não conheci nenhum desses parentes, porque eu não tinha nenhum contato com nenhum deles.

É mesmo nesta época atual que, sobretudo, graças à comodidade dada pela Internet e pelo e-mail, chegou-se a se relacionar com alguns deles, e através destes contatos iniciais que agora estão se expandindo, tentar alcançar o maior número possíveis de ramificações desta grande família. O golpe de sorte obtido graças à internet, foi encontrar o jovem primo Luiz Augusto Tridapalli Archer, neto de Rosa e Carlos, que apesar da sua tenra idade, sempre foi apaixonado pela história da família, e esta-

va muito perto da tia Cremilde, irmã de sua mãe, a qual entregou a ele todas as suas memórias e, especialmente, o seu precioso arquivo. Luiz Augusto aderiu com entusiasmo à nossa iniciativa, e se colocou ativamente disponível de uma forma muito proveitosa e colaborativa, dirimindo muitas dúvidas e lançando luz sobre muitos lados escuros que estavam em perigo de serem perdidos para sempre. A ele o nosso maior e sincero agradecimento !

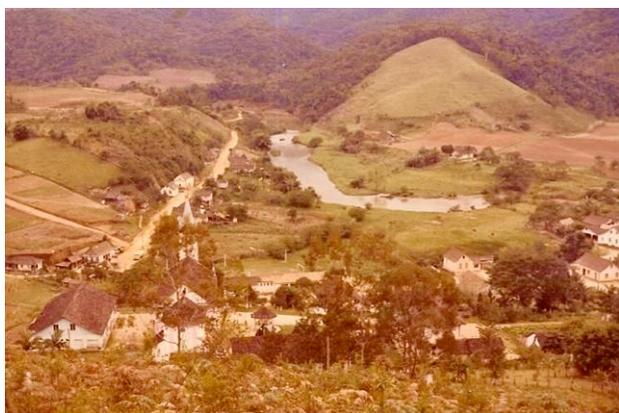
Precisamente no que diz respeito à falta de contatos e poucos conhecimentos sobre as histórias da vida de Rosa e de seu marido Carlos, nasce o nosso maior arrependimento. Isto é devido ao fato de que uma ajuda certamente valiosa teria vindo da uma sua filha que ainda está viva hoje: a filha mais nova Luiza Duarte Tridapalli. Os longos decênios passados em silêncio tinham feito perder a memória desta tia, e levou-nos a pensar que agora já não havia mais vivo qualquer parente da antiga família Tridapalli. Em vez, inesperadamente, no início do nosso trabalho, chegou a notícia de que esta velha tia, não só estava viva, mas ainda era muito lúcida e saudável.

Esta notícia no-la foi dada por um grande amigo brasileiro: Talmir Duarte da Silva. Ele é sobrinho do falecido marido da idosa tia Luiza Tridapalli Duarte, e seu afilhado. Tinha conhecido o meu avô Peppino (quando ele esteve no Brasil em 1974) e veio várias vezes para a Itália, tanto para negócios e como para férias. Em cada uma de suas viagens, Talmir nunca deixou de vir encontrar a nossa família e eram quase constantes os contatos com ele, já há muitos anos. Foi realmente mérito seu que viemos a saber que esta velha tia ainda estava vivo.

Imediatamente começamos a tentar entrar em contato com alguns de seus filhos e netos, com a esperança de poder entrevistá-la e filmá-la, enquanto ela abrisse seu livro de memórias, mas quando chegamos a um passo dela, infelizmente o destino se completou para ela, e teve que se render ao peso de seus 93 anos, para se reunir a todos os seus entes queridos, que há muito tempo a haviam precedido no Além.

Sua morte súbita não foi apenas um desgosto por causa de uma pessoa que veio a faltar, mas também uma verdadeira perda para nós que estamos fazendo esse esforço para reconstruir a nossa história, porque ela nos deixou sem o seu grande tesouro de histórias e anedotas que certamente ela ainda retinha em sua memória.

Rosa nasceu em Porto Franco (hoje Botuverá) aos **06 de dezembro de 1881** na casa da família, na margem direita do Rio Itajaí-Mirim, e era a segunda filha de Alessandro e de Elizabetta. Na época de seu nascimento seus pais tinham respectivamente, 29 e 26 anos, enquanto sua irmã mais velha, Joana, tinha 1 ano e meio.



Porto Franco: vista da vila e especialmente em casa Tirloni (fotografias, e 60 em 2009)

Como foi mencionado no caso da irmã mais velha, não sabemos se a família Tirloni havia começado a viver imediatamente na casa grande, ou se foi morar nela num segundo momento. Pode ser que até mesmo a pequena Rosa tenha começado sua vida em uma pequena casa de madeira que, talvez, ficava na mesma área em que, posteriormente, se construiu a casa grande.

Rosa veio ao mundo cinco anos após a fundação do Porto Franco, assim pode ser que, neste período, Porto Franco não tinha absolutamente nenhuma aparência de uma aldeia, mas, ao contrário, é possível que teria sido apenas um pequeno grupo de dispersas e isoladas casas de madeira, engolidas pelo mato, em que com muita fadiga e um esforço constante, realmente incrível, um grupo de pioneiros teve que lutar todos os dias para sobreviver.

Também para Rosa valem todas as considerações feitas anteriormente para a sua irmã mais velha, portanto, essas duas meninas encontraram as mesmas dificuldades neonatais, e também para Rosa, o fato de chegar ao final do primeiro ano de vida, pode não ter sido inteiramente uma questão de normalidade, mas de sorte.

Sua data de nascimento, por um longo tempo, havia sido deturpada devido a um erro na leitura, uma vez que ainda está gravado na sua lápide no cemitério em Nova Trento, e se pensava que tinha ocorrido exatamente três anos depois da realidade, isto é, no dia 06 de dezembro de 1884. Este erro de leitura fazia crer que ela fosse a terceira filha de Alessandro e Elisabetta Colombi, em vez de ser a segunda. Mas a coisa que havia alimentado tantas dúvidas, como também considerações estranhas, a colocava como tendo nascido menos de oito meses depois do nascimento de sua irmã Albina (que tinha vindo ao mundo no mês de abril do mesmo ano, 1884).

A má interpretação da data ao nascimento de Rosa tinha provocado uma série de considerações que, no final, provaram ter sido tudo clamorosamente incorreta. Primeiro, tinha-se colocado a atenção no fato de que a mãe Elizabetta teria tido dois partos em menos de oito meses, o que, se fosse verdade, teria sido um grande risco

de vida, não só para a mãe Elizabetta (que teria ficado grávida quase que imediatamente, sem tempo para se recuperar da gravidez anterior), mas também para Rosa, que fazendo bem as contas, teria vindo para o mundo muito cedo. Portanto deveras incrível o fato de ela ser capaz de sobreviver em condições de vida difíceis no mato que circundava Porto Franco).

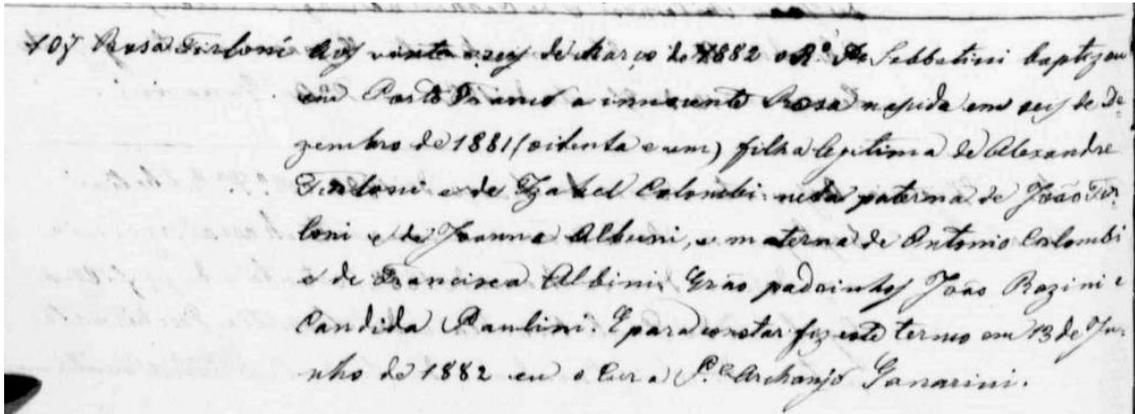
Sempre se imaginou que a data de nascimento entre aquela de Rosa e de Albina Rosa estava errada, mas qual era a errada? Eu me lembro que eu tinha ouvido falar de uma hipótese muito interessante, baseada precisamente sobre a remota eventualidade que tudo, em vez, teria ido exatamente como a tradição relatada: se ambas as datas de nascimento fossem verdadeiras, isso significava que Rosa havia nascido apenas de sete meses de gravidez, coisa que naquele tempo era visto como algo muito especial.

Naqueles tempos era muito difícil que um bebê vindo ao mundo prematuramente pudesse sobreviver. O limite mínimo era mesmo aquele dos sete meses. Abaixo destes, o bebê era praticamente destinada para a morte certa nos primeiros dias de vida. Enquanto que, se nascido de sete meses, ele tinha alguma esperança de viver. Isto ocorria a bebês muito fortes, ou como afirmava a crença popular, "era um predestinado". De fato estas pessoas, tornadas adultas, demonstravam propensão para dotes sensitivos ou adivinhação (na verdade, se costumava dizer: "I ga an segn" = eles têm um sinal) e poderiam ser iniciados e doutrinados para se tornarem curandeiros, adivinhos, ou outros personagens semelhantes, envoltos em mistério.

A doutrinação para estas pessoas era dada por outros pré-nascidos de sete meses (também chamados segnù = benzedor), que agora já idosos procuravam pessoas prematuras – nascidas apenas de sete meses – porque eles eram os únicos que tinham as características úteis para receber as instruções, porque eram pessoas fora do comum, e portanto predestinadas". Este "sinal" portanto só poderia ser transmitido entre as pessoas nascidas prematuramente.

O que eu acabei de dizer era o que comumente acontecia na realidade rural Italiana, mas não sei se essas mesmas "regras" eram tidas em conta na vida real ainda mais rural, mas mais cosmopolita do Brasil. Também se neste pequeno mundo do Rio Itajaí-Mirim existiam os chamados "benzedores", não significa que as características para se tornarem um deles, fosse o mesmo das da Itália. Pode ser que, devido ao fato de que o novo mundo já estava, na época, povoada por pessoas que tinham vindo de diferentes partes da Europa, essas velhas crenças nativas do norte da Itália tivessem perdendo o significado e importância. Mas é certo que o detalhe de uma criança nascer aos sete meses (com o que isso significava) certamente não teria sido aprovado na mente dos pais de Rosa, os quais haviam sido educados e haviam sempre vivido no meio desses rituais e crenças supersticiosas das áreas rurais.

Como já foi mencionado, todas estas suposições tornaram-se infundadas, graças à ajuda do primo Luiz Augusto Archer Tridapalli, que nos enviou todos os documentos relativos a Rosa, e logo tornou-se claro o erro de leitura cometido há muitos anos e que durou até hoje.



Certificado de Batismo Rosa Tirloni (fotocópia - os anos noventa)

Embora naquela época também os certificados e documentos oficiais, muitas vezes relatavam grandes erros, ainda eram mais confiáveis do que as datas escritas em lápides no cemitério, como já vimos, que muitas vezes eram pouco confiáveis, mesmo a respeito da data da morte do indivíduo. Mas no caso de Rosa, as coisas são diferentes, na verdade não houve erros na transcrição, mas de leitura.

O ato de batismo de Rosa, pelo menos no que diz respeito às datas, é um raro exemplo de total confiabilidade porque o dia e mês de nascimento foram relatados em palavras e por extenso, enquanto no que diz respeito ao ano de nascimento foi relatado tanto em algarismos e por extenso, portanto, neste caso, as dúvidas tornam-se praticamente inexistentes e se encaixam perfeitamente com o que está escrito no túmulo. A data na lápide sempre foi correta, simplesmente por causa da escrita especial usada, o que era um "1" foi lido e relatado como se fosse um "4".

Mesmo este ato, no entanto, não está livre de erros enquanto os nomes dos avós maternos de Rosa são ambos flagrantemente errados: seu avô materno foi marcado com o nome de Antônio Colombi, quando na verdade ele era chamado de Calisto, a avó materna é chamada Francisca Albani em vez Tardini. ...

De acordo com o ato do Batismo, Rosa foi batizada em 26 de março de 1882, na capela de Porto Franco, pelo Padre Sabbatini (sacerdote de origem italiana) e foram padrinhos de Cândida Paulini e João Rozini (mas a escrita desse sobrenome não é muito certa). Foi uma sorte chegar a ter o original do certidão de batismo, porque se pode ver um detalhe que é muito interessante, que é o fato de que ele já estava escrito no idioma Português, e não em latim, uma língua que era usada na Itália, em documentos eclesiásticos, até o Concílio Vaticano II (fortemente apoiado pelo Papa João XXIII, em início dos anos 60).

Podemos imaginar que também a infância de Rosa foi curta, se não praticamente inexistente... Podemos imaginar que Rosa deve ter passado seus primeiros tempos com a irmã mais velha, Joana, mas que por certo, esta não podia cuidar dela porque ela era muito pequena.

Pode-se facilmente imaginar a rotina familiar durante sua infância: acordavam cedo e, certamente, o pai Alessandro imediatamente começava seus dias de trabalho intenso, provavelmente também ajudado por sua mulher Elizabetta.

Havia tanta coisa para fazer, praticamente tudo! Era necessário derrubar a floresta para abrir caminho para plantações e espaços para a sobrevivência da família.

Cortar as plantas para obtenção de madeira para uso, cultivar o solo, removendo as raízes para o plantio poder crescer, e construir toda a infra estrutura útil. Em resumo, pode-se imaginar que havia sempre um monte de entulhos, muita desordem e - quando chovia - havia muita lama. Certamente nada de um mundo idílico em contato com a natureza.

Com os dias marcados sempre desta forma, pode-se entender que ambos os pais tinham pouco tempo para se dedicar à sua primeira filha, que certamente deve ter aprendido cedo a cuidar de si. Como costumavam fazer naqueles tempos, as crianças eram enfaixadas e levadas junto com os pais no lugar onde eles tinham que trabalhar, e quando se relaxavam as costas, de vez em quando se olhava para as crianças para verificar se não havia nenhum problema, e quando o bebê estava chorando como de costume se deixava chorar porque se dizia: "assim fortalece os pulmões"!

A irmã mais velha Joana ainda era muito pequeno para poder, mesmo em sua inocência da infância, ajudar a cuidar um pouco da recém-nascido, Rosa. Nada mais fácil de acontecer de que o pranto de Rosa criasse imediatamente também o choro de sua irmã mais velha, Joana. Não deve ter sido um tempo fácil nem para os pais nem para as duas meninas!

Depois de um longo dia de trabalho até um profundo cansaço, com o anoitecer, era tempo do descanso bem merecido. Certamente a sua mãe Elizabetta, de volta para casa (mais provavelmente na pequena casa de madeira) com a pequena Joana, preparava o jantar, enquanto o pai Alessandro se punha a pôr em ordem as últimas coisas, e só então tinha condições de se recuperar da fadiga, comer as pobres coisas que a natureza e a agricultura primordial do lugar lhes concedia.

Bem ou mal, essas coisas aconteciam em todos os lugares, e isso era uma realidade constante dos camponeses em qualquer lugar. Mas aqui no Brasil havia um agravante, porque quando à noite retiravam-se para suas casas para descansar, era preciso pensar que todos os ouvidos estavam sempre alerta para ouvir sons "estranhos" que pudessem sugerir um ataque de algum animal selvagem, ou pior, dos Bugres selvagens. Então mesmo aqueles poucos momentos de paz terminavam e tinham que tomar imediatamente providências para proteger a vida. Em suma, não havia muito tempo para descansar!

4.2 - Infância e adolescência

Como foi mencionado acima, quando a irmã de Rosa veio ao mundo, a sua irmã mais velha Joana tinha apenas um ano e meio. As duas meninas cresceram juntas e, portanto, é de se esperar que entre elas, desde a infância, tenha se criado um

vínculo de cumplicidade familiar "também devido ao fato de serem quase da mesma idade.

Dois anos e cinco meses depois do nascimento de Rosa nasceu uma outra irmã, Albina. Certamente Rosa se juntou a sua irmã Joana que se tornou responsável pelos cuidados desse bebê. Imaginamos que as três irmãs durante a sua infância foram companheiros em brincadeiras dirigida por Joana, a irmã mais velha. (embora naquele tempo, para brincar com despreocupação elas tiveram muito pouco tempo).

Um ano e meio após o nascimento de Albina veio ao mundo o primeiro irmão homem, João, e depois dele vieram mais outros oito irmãos. A família cresceu de uma forma muito generosa, e em apenas uma década, Rosa acompanhou o nascimento - e ter de cuidar - de nove irmãos mais novos!

É claro que todo esse trabalho não caía apenas em seus ombros, mas era distribuído entre as irmãs mais novas, que cuidavam dos irmãos que gradualmente vinham ao mundo. Quando nasceu a última filha, Antonia, Rosa tinha 17 anos, e era uma jovem que olhava para o seu pequeno mundo com olhos diferentes. Quase com certeza a pequena irmã Antonia foi vista por Rosa mais como se fosse uma filha, com quem compartilhava momentos e pensamentos.

Para Rosa não havia muito tempo para dedicar aos estudos, mas aprendeu a ler e escrever, e como se costumava dizer, "a fazer as contas". Sobre o fato de ser capaz de escrever não há notícia certas, por isso não podemos afirmar com certeza, mas nós sabemos das histórias narradas que lia a correspondência recebida da Itália e, uma vez casada, era ela quem cuidava das contas da economia familiar.

Como foi dito, não chegaram até nós relatos sobre a juventude da Rosa. Não temos histórias diretamente relacionadas a ela neste período de sua vida, mas pode-se crer que tenha imediatamente se juntado a sua mãe e às irmãs na gestão da casa, da família, mas também de todas as atividades comerciais dirigidas pelo pai Alessandro, e então podemos imaginá-la ocupada no empório, ou na mesa da cantina, ou dedicada a cuidar dos dormitórios e de acolher os muitos trabalhadores empregados de seu pai.

Nós não sabemos exatamente em que momento ocorreu a emancipação que levou o pai Alessandro aos níveis de força econômica que conhecemos. Não sabemos exatamente quando começaram a entrar em operação as serrarias, o refeitório, os dormitórios e, finalmente, o empório. Podemos imaginar, porém, que tudo começou quando Rosa era ainda uma criança, e tudo tenha chegado à plena capacidade quando ela era adolescente. Eis, então, que a jovem Rosa tornava-se testemunha de uma grande e radical transformação: não era mais uma família pioneira que vivia com fadiga, mas uma família de verdadeiros empreendedores, mas que no entanto precisava continuar a trabalhar muitíssimo.

Tudo isso significava para ela um aumento acentuado no trabalho. Uma maior quantidade de negócios significa mais trabalho e, portanto, um maior número de trabalhadores para alimentar e cuidar no dormitório, bem como mais clientes no empório. Assim, apesar de tudo, era quase pior do que antes.

O pai Alessandro, provavelmente, agora tendia cada vez menos a arriscar sua vida através do corte das plantas no mato, e passa mais tempo dirigindo o trabalho nas serrarias, e a verificar a loja. Mas certamente as roupas do pai, cujo cabelo agora

está começando a virar cinza, estavam sempre sujas por causa do trabalho. Agora acontecia mais frequentemente que eram os irmãos jovens, que deviam entrar no mato para cortar madeira, para trabalhar em serrarias e descer o rio com as pilhas de madeira. Certamente, a jovem Rosa ficava sempre apreensiva quando os jovens irmãos, ou talvez os próprios pais partiam com pilhas de madeira para a cidade de Brusque. (O pai sobre as pilhas de madeira e a mãe com a carroça ao longo do caminho).

Em casa, enquanto os jovens irmãos cada vez mais punham em jogo as suas vidas, todas as mulheres da família, apesar de preocupadas com o destino dos rapazes, elas nem sequer tinham tempo para parar e conversar com eles por um momento. Então aqui está o jovem Rosa, ocupada com sua mãe e irmãs na gestão complexa do "império econômico", nascido graças à vontade obstinada de seu pai Alessandro, e criado e mantido graças à atividade corajosa e incansável da mãe Elizabetta e seu "exército" obediente das filhas. Eu não tenho nenhuma idéia do quanto poderia ser o volume de negócios e quantas pessoas gravitavam em torno desse microcosmo econômico. Mas eu acho que para as mulheres da época da casa Tirloni, tempo para descansar deveria ser sempre muito pouco!

Então, quando Rosa se recolhia para dormir, nada de mais fácil do que acontecer que o sono da jovem fosse interrompido pelos ataques dos Bugres selvagens, ou talvez nem começasse a dormir porque, mesmo ciente de que seu pai e seus irmãos mais jovens do que ela (pois ela os tinha visto nascer) estivessem a postos para montar guarda. Podemos apenas imaginar o terror que a jovem sentia quando, em situações como esta, ouvia gritos, ou talvez pior, tiros de espingarda!

Quem sabe o que acontecia na casa, naquelas longas noites, quando os homens estavam em guarda, e talvez as mulheres se reuniam com a mãe e, talvez, rezavam alguma oração, ou ficavam em suas camas e mantinham todas as suas preocupações para si mesmas ... Sem falar que, mesmo quando as pessoas levavam a madeira para a cidade, a cena doméstica de quem ficava em casa à espera de seu retorno, não devia ser muito diferente ou mais serena Certamente, as oportunidades de oração e pedidos de intercessão não foram poucos!

A partir das histórias transmitidas até os dias atuais, podemos supor que Rosa era uma moça com um bom coração, como sua mãe, mas muito determinada, assim como seu pai. Não sabemos como ela se relacionava com seu pai. Não temos idéia se ela aceitava ao pé da letra os seus desejos e ideias (como no futuro faria a irmã mais nova Vitoria) ou, se pelo contrário, o seu ser muito determinado a tenha levado a algumas ocasiões de divergências e até a colidir com ele.

Como todos os jovens membros da família Tirloni, também Rosa certamente deve ter sido uma grande trabalhadora, uma incansável como seu pai. Até apesar da pouca escolarização que tinha, era útil para ajudar - sempre que o pai Alessandro lhe dava a oportunidade de fazê-lo - manter todas as contas dos muito afazeres da família.

Nós não temos idéia de como esteticamente Rosa aparecia como jovem, porque a primeira foto dela que veio até o dia de hoje, mostra-a já como mãe de família, enquanto sua outra foto (a mais famosa, também usada na lápide no cemitério) a retrata os anos de maturidade.

4.3 - Casamento e filhos

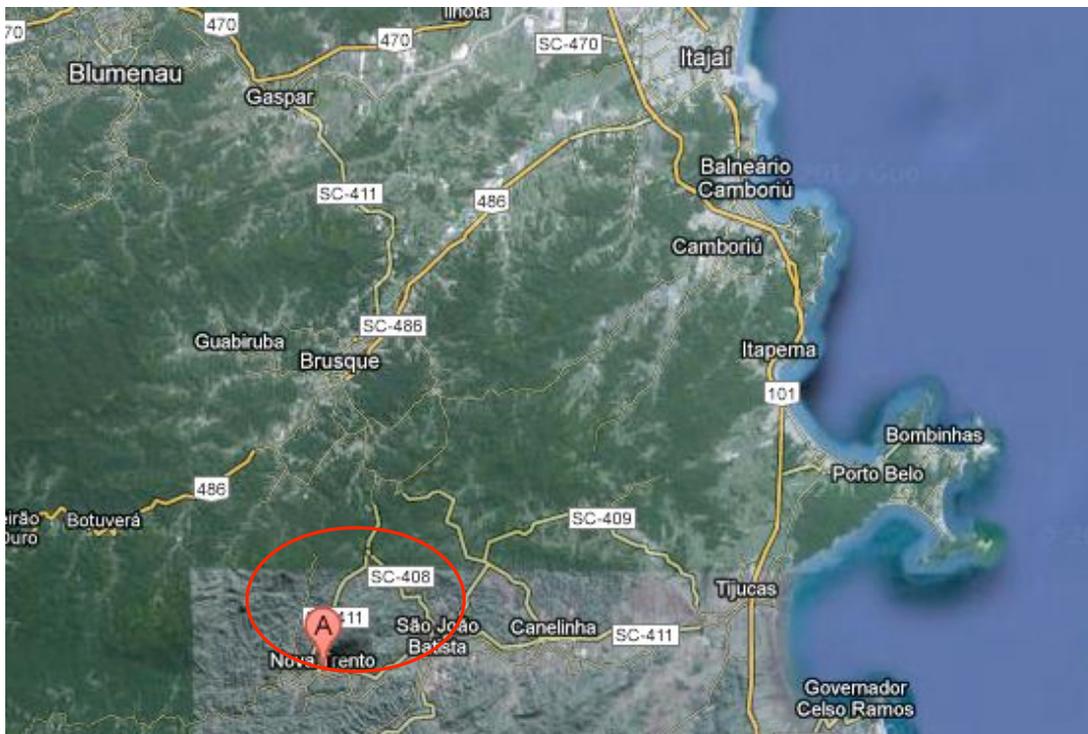
Nos primeiros anos do século XX, enquanto a sua irmã mais velha, Joana, acabava de sair de casa para começar sua nova vida como esposa, Rosa conheceu, provavelmente durante uma festa religioso, ou talvez na festa do Patrocínio de São José

(como relatou tio Dorval Luiz Mastri, filho mais novo de sua irmã Albina), Rosa conheceu um jovem que vivia em Nova Trento, chamado **Carlos Tridapalli**.

A cidade de Nova Trento tem uma história muito similar à de Porto Franco, mas com a diferença de que a sua colonização começou algumas décadas antes da chegada maciça e constante de imigrantes italianos começada em 1875. Na verdade, já em 1834, o vale do Rio Tijucas tinha visto um afluxo de pessoas da América do Norte que exploravam essas áreas para começar a explorar a madeira excelente e abundante. Também foi instalada uma primeira serraria, mas depois de alguns anos tudo foi abandonado por causa das grandes dificuldades.

A partir de 1875 tinham chegado colonos das regiões montanhosas do sul do Tirol e de Trento, que naqueles tempos não eram parte do Reino da Itália, mas sim do Império Austro-Húngaro. Um primeiro grupo de emigrantes, cerca de 20 famílias, principalmente da Valsugana (vale a leste da cidade de Trento), mas também de Monza (cidade ao nordeste de Milão) que se estabeleceu nestas áreas e começaram a lutar obstinadamente para não sucumbir, em face dos perigos da natureza e dos buggres selvagens (índios nativos dessas áreas).

Após a chegada desses pioneiros, ocorreu uma onda maciça de migrantes provenientes não só da Áustria ou da Itália, mas também da Alemanha e da Polônia (ambas, fazendo parte do império da Prússia) que se estabeleceram nestas terras, e deram vida a uma grande comunidade, de tal forma que, em 1880, estimava-se que pelo menos 11.000 pessoas haviam se estabelecido ao longo deste vale.



Localização de Nova Trento (fonte Internet no ano de 2010)

Entre todos esses pioneiros havia também uma menina de cerca de 10 anos, chamado Amabile Visentainer (1865 - 1942), que tinha chegado a esta terra com seus pais, vindos de sua terra natal, Vígolo Vattaro, da província de Trento. Amabile desde a idade de 14 anos, juntamente com Virgínia Nicolodi, começou a cuidar da assistên-

cia aos doentes, da catequese às crianças e a manutenção da igreja de San Giorgio. Em 12 de julho de 1890, junto com sua amiga, acolheu e deu assistência a Angela Viviani, que estava gravemente doente com câncer.

Assim nasceu no pequeno hospital de São Virgílio, as primeiras sementes da nova Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, que foi aprovada pelo bispo local no dia 25 de agosto de 1895. Pela profissão religiosa, Amabile tomou o nome de Irmã Paulina do Coração Agonizante de Jesus (mas sempre foi conhecida simplesmente como Madre Paulina).

Em 1903, ela se tornou a primeira Superiora Geral das duas comunidades, e se mudou para São Paulo, onde eleita superiora geral para toda vida, conduziu a congregação com simplicidade e sabedoria, organizando escolas, hospitais, laboratórios, educandários, dedicando-se totalmente aos pobres. Mostrou obediência heróica e humildade quando em 1909 ela foi convidada a deixar a liderança da Congregação, estabelecendo-se em Bragança Paulista. Chamada de volta a São Paulo, em 1918, continuou na casa mãe, uma vida de humildade e de oração, como uma simples religiosa. Nos últimos anos de sua vida, ela suportou com serenidade o sofrimento causado pela diabetes. Antes de morrer, 9 de julho de 1942, teve a alegria de ver a Congregação aprovada pela Santa Sé, em 1933, bem como para comemorar o 50 ° aniversário da sua fundação em 1940.

João Paulo II, que já a havia beatificado em Florianópolis no dia 18 outubro de 1991, a elevou à glória dos Santos no dia 19 de maio de 2002, em Roma.

Madre Paulina foi a primeira santa brasileira (embora não seja nativa do Brasil) e atualmente atrai para Nova Trento um grande número de fiéis e peregrinos.



Madre Paulina e o santuário dedicado a ela (fonte Internet no ano de 2010)

Ninguém pode dizer com certeza como nasceram as relações entre nossa família e a comunidade de Nova Trento, uma aldeia cerca de algumas dezenas de quilômetros de distância de Porto Franco. Embora a distância hoje parece absolutamente pequena, é preciso pensar que o tempo de viagem através da floresta era uma verdadeira proeza! Talvez os contatos entre a nossa família e os colonos Neo-trentinos começaram para fins puramente comerciais, facilitados pela proximidade, porque os

bens que Alessandro tinha nas Água Negra estavam ao longo da estrada que conduzia a Nova Trento, e este pode ter sido um fator positivo. O fato é que a família Tirloni tinha muitas vezes contatos com a comunidade de Nova Trento.

Por mais absurdo que possa parecer, pode ser que em vez disso, foi o Carlos mesmo que pessoalmente tenha viajado para Porto Franco, por razões comerciais, talvez para o empório da família Tirloni, ou na serraria de Alessandro, para negociar a compra de madeira, ou até mesmo para propor a cooperação comercial, na qual a madeira vinda de Nova Trento seria trabalhada nas serrarias do Sr. Tirloni, o qual havia se tornado um grande nome da economia dessas áreas.

Seja como for, Rosa e Carlos começaram a manter um interesse mútuo, começaram a se visitar, e por fim iniciaram um namoro.

Carlos Tridapalli era também de origem italiana, e suas raízes vinham de São Bento Po, cidade antiga e famosa, que fica cerca de 25 km a sudeste de Mântua, ao longo da margem sul do rio Pó, e é conhecida com o "Borghi " mais bonita da Itália.

A história de São Bento Po está intimamente ligada com o desenvolvimento do nascimento, da vida e da supressão napoleônica da abadia de Polirone, um dos locais mais importantes de Cluny, entre as mais de mil que foram construídas na Europa medieval. O mosteiro foi fundado em 1007 por Tedaldo de Canossa (955-1012).

A família de Canossa foi responsável por seu desenvolvimento com doações de terras. Atenções especiais foram prestadas pela Rainha Matilde de Canossa (1046 - 1115) que, quando morreu, ela quis ser enterrada ali. Esta rainha, em vida, deu a Abadia de Polirone ao Papa, que a confiou a Hugo de Cluny. Em 1634, o Papa Urbano VIII comprou os restos mortais de Matilda de Canossa para que pudessem ser enterrados na Basílica de São Pedro do Vaticano, onde ainda hoje se encontram em um mausoléu desenhado por Bernini. Ao longo dos séculos, houve períodos de declínio alternando com períodos de renovado esplendor. Em 1420, por iniciativa dos Gonzaga, Polirone passou para a congregação de Santa. Justina de Pádua, o que levou, entre outras coisas, Giulio Romano para participar da restauração da Basílica de São Bento. As atividades do mosteiro continuaram até 9 de março de 1797, quando Napoleão decidiu a sua supressão.

Hoje São Bento Po é um importante centro turístico, pela visita ao mosteiro, à imponente basílica (restaurada no estilo neoclássico por Giulio Romano a partir de 1540), o Museu Polironiano com suas coleções etnográficas e pela excelência da culinária, como os ravióli de abóbora, um prato típico de Mântua.



São Bento Po: vista aérea da cidade e, especialmente, a Basílica de São Bento, em Polirone (fotografias, idade atual)

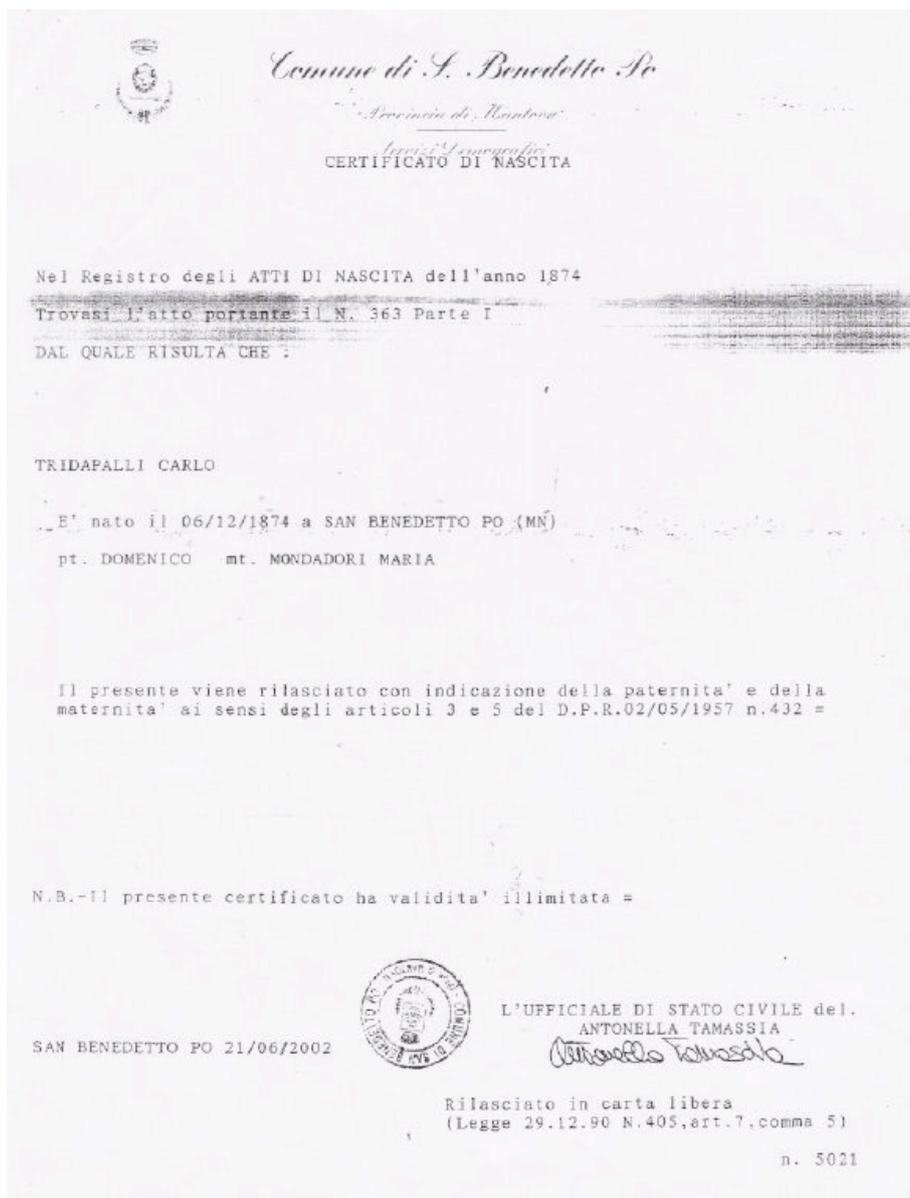
O jovem primo Luiz Augusto Tridapalli Archer nos forneceu não apenas notícias, mas também muito preciosos e completos registros sobre a família Tridapalli como também sobre Carlos. Todos estes documentos, transmitidos por mais de um século, e em alguns casos encontrados pela tia Cremilde Tridapalli, foram cuidadosamente preservados e transmitidos a partir de então, até os dias atuais, o que nos permite reconstruir de uma forma muito fiel não só a história da família, mas também a sua aventura.

Carlos é o segundo filho de Giuseppe Domenico Tridapalli e Maria Mondadori, nascido na Itália, em São Bento Po, no dia **6 de dezembro de 1874**, e emigrou com a família para o Brasil, com apenas dois anos e meio. Por ser tão novo não preservou a memória do tempo e do desgaste da viagem que o trouxe e sua família ao novo mundo. Uma boa coisa, porém, foi poder ter sido afortunado por ter sobrevivido neste tempo das longas viagens, em condições desumanas, quando elas eram um verdadeiro massacre para as crianças.

Carlos e o cunhado João Morelli (marido da irmã Joana Tirloni, irmã mais velha de Rosa), que – por incrível que possa parecer - eles nasceram no mesmo dia, e são os únicos parentes do Brasil nascidos em Itália, a pátria, a terra-mãe, sobre a qual muitas vezes eles ouviram as histórias dos velhos de Nova Trento e de Porto Franco..

Olhando para a data de nascimento de Carlos fica-se espantado com duas coisas: primeiro, o fato de que ele nasceu no mesmo dia de Rosa, e por isso os dois celebravam o aniversário no mesmo dia. Mas especialmente pela diferença de idade entre os dois, o que é de fato, nada menos do que exatamente sete anos.

Antes que descobrissem as datas exatas do nascimento de Rosa e Carlos, estimava-se que a diferença de idade era de 11 anos de . Realmente seriam muitos, quase demais. E este fato levou a fazer conjecturas que se refletiam no fato de que, quando Rosa e Carlos se tinham conhecido, ela devia ser uma mocinha, um pouco mais do que uma adolescente, enquanto ele já era um homem de 30 anos. Este detalhe tinha suscitado uma hipótese de que Carlos havia sido muito desafortunado, e nos primeiros anos do século XX já era um viúvo de uma eventual primeira mulher que morreu muito jovem. Então, como se pode ver, a imaginação tinha corrido tanto!



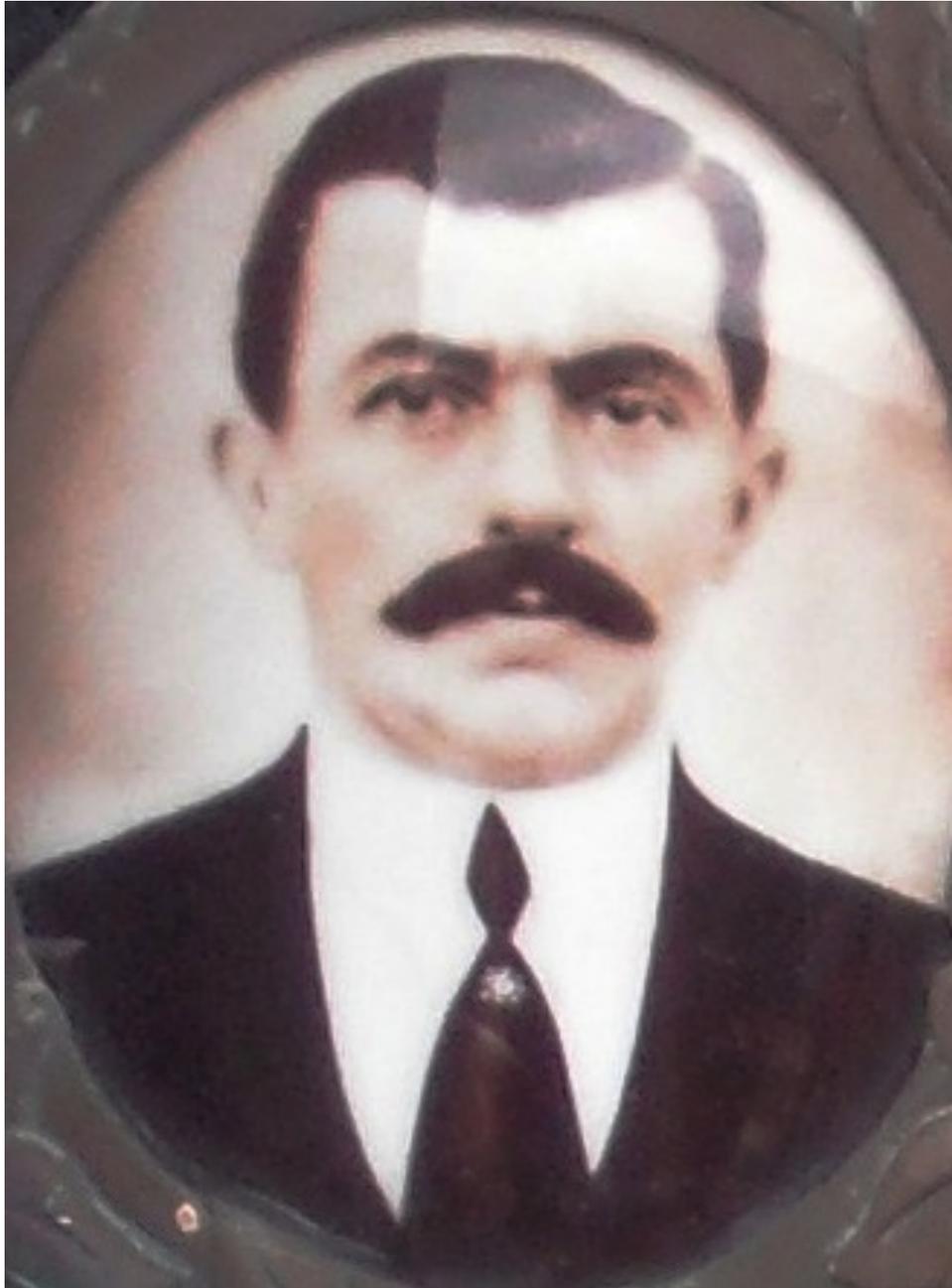
Certidão de nascimento de Carlos Tridapalli (fotocópia, 2002)

É preciso dizer que Carlos, quando considerado como um homem ainda solteiro, é objetivamente um homem já avançado em anos. Naquele tempo, chegar aos 30 anos e ainda não ser casado, era muito raro, quase estranho, especialmente na realidade rural destas pequenas vilas perdidas nas matas. Naqueles tempos, quando um homem chegava em torno de 25 anos e não tinha uma namorada, era instigado pela própria família para se apressar, porque ele não podia esperar muito, pois era a hora de ele "começar uma família". Chegado aos 30 anos, um homem devia se contentar com as moças que ainda não tinham encontrado um marido.

Temos uma fotografia de Carlos que o retrata em sua juventude, não sabemos exatamente o ano em que foi feita, mas podemos imaginar que esta fotografia foi tirada logo nos primeiros anos do século XX, quando ele era namorado ou talvez apenas casado com Rosa.

Esta foto, infelizmente, foi retocada como era praxe naquele tempo. O terno foi visivelmente desenhado e, obviamente, não era original. No entanto parece que o

rosto não tenha sofrido qualquer retoque. A imagem que temos de Carlos é de um senhor simpático e bem cuidado, com uma testa alta, e ligeiramente calvo. Seu cabelo é cortado curto, de cor escura, bem como seu bigode espesso. Carlos é objetivamente um homem bonito, e não é de admirar que ele esteja apaixonado por Rosa, apesar de ser muito mais velho que ela.



Carlos Tridapalli (fotografia, início do século XX)

Esta diferença de idade entre os dois, mesmo que seja grande, ainda era aceitável. É certo que essa diferença deve ter sido imediatamente evidenciada aos olhos de todos os membros da família e, especialmente no início de sua história, deve ter causado aos dois amantes alguns problemas, e os dois devem ter sido objeto de rumores. Algo que todos certamente estariam se perguntando era: "O que ocorre que uma moça tão jovem esteja junto com um homem tão maduro?"

Nós não temos nenhuma notícia sobre isso, portanto podemos apenas especular. Não sabemos o que sua mãe Elizabeth pensava a respeito e, especialmente o tremendo pai Alessandro a respeito desse o homem que namorava sua filha. Pode até ser que Alessandro (que, como já temos podido dizer, pelo menos sobre esse assunto ele nunca impôs sua vontade, e a liberdade de escolha sempre deixou aos filhos) fosse imediatamente a favor dessa união, e isso eu suponho, porque sabemos que Carlos era aquilo que nos dias de hoje se designa como um "bom partido". Isto porque os Tridapalli eram uma das famílias mais importantes em Nova Trento, mesmo os mais ricos desta pequena aldeia.

Pesquisa realizada pelos descendentes, nos arquivos de São Bento Po, nos permitiram traçar as raízes mais profundas desta família, o que nos permite voltar aos avós de Carlos. Descobriu-se que sua família teve as seguintes evoluções: seus avós paternos eram chamados de Carlos Tridapali (e a documentação é escrita com um "L" só) e Teresa Beltrami. Casaram-se em 1841 e viveram em Bondeno, uma pequena fração do Gonzaga (outra cidade antiga ainda na província de Mântua). Nasceu aqui, em 1848, seu primeiro filho Domenico Giuseppe. A família, mais tarde, mudou-se para São Bento Po exatamente onde nasceu, em 1858, seu segundo filho, Luis.

Estas datas de nascimento são muito estranhas e deixam sérias dúvidas sobre a sua veracidade, mas não tanto quanto a confiabilidade do agregado familiar. Parece fato muito estranho que este casal tinha apenas dois filhos, dos quais, o primeiro só depois de 7 anos de casamento e o segundo só depois de 17 anos. Certamente esta família tinha sido devastado pela morte de muitas crianças, que haviam morrido prematuramente. Ou talvez, mais simplesmente, foram encontrados apenas documentos relativos a esses dois.

Domingos José casou-se com Maria Mondadori, e o casal ficou morando em São Bento Po, uma vila onde nasceram seus primeiros filhos - incluindo Carlos - mas depois as grandes dificuldades empurram o pai Domenico a emigrar para o Brasil com sua família.

A sorte quis que fosse encontrada toda a documentação relativa à emigração desta família o que favoreceu que se pudesse reconstruir de maneira muito fiel não só todas as travessias, mas também toda a papelada burocrática que esses pioneiros tiveram que fazer para realizar a sua grande aventura.

Primeiro eles tinham que comunicar à cidade de São Bento Po sua intenção de emigrar, a fim de serem excluídos das listas de registro e da lista de moradores. Para cumprir este dever Domenico Tridapalli, como chefe da família, se apresentou na prefeitura, e na diante de sua comunicação, lhe foi emitido um certificado de mudança de residência, que foi datado no dia 27 de agosto de 1877. Provavelmente, com os documentos no bolso e seus poucos pertences trancados nas malas de papelão, deixa para sempre a terra natal e se aventura no desconhecido.

MODELLO A.

Circondario di *Lonigo* Comune di *San Donato Po*

**CERTIFICATO
DI CAMBIAMENTO DI RESIDENZA N. *2***

(Da rimettersi al dichiarante che deve presentarsi nel termine di un mese dalla seguita traslocazione all'Amministrazione Comunale della sua nuova residenza)

Oggi (1) *27 Agosto 1887*
è comparso davanti a me Sindaco del Comune di *San Donato Po*
il Signor (2) *Tridapalli Domenico*
che ha dichiarato la sua residenza nel suo domicilio *San Donato Po*
danzotto di *San Donato Po* Circondario di *San Donato Po* Provincia di *Verona*
di *San Donato Po* colla sua famiglia composta, esso compreso dell'età *49*
persone indicate nel contro esteso quadro.

Della quale dichiarazione gli ho rilasciato presente Certificato, da servire, a norma del disposto dal Reale Decreto 31 dicembre 1864, alla di lui iscrizione nei registri della Comunità in cui esso intende stabilire la sua nuova residenza.

FIRMA DEL DICHIARANTE *[Signature]* FIRMA DEL SINDACO *[Signature]*

(1) Giorno, mese, anno.
(2) Cognome, nome e professione.
(3) Se il dichiarante conserva il domicilio la parola "suo domicilio" devono essere cancellate.
(4) Numero in lettere delle persone che compongono la famiglia del dichiarante.

Mantova, Tip. Bandov 1876.

Numero d'ordine sua, secondo la famiglia	COGNOME E NOME	NOME DEL PADRE o Cognome e Nome della Madre	PROFESSIONE o condizione	COGO DI NASCITA	Data della nascita			STATO (celibato, no, ve)	CIVILE Singato (vo)	RELAZIONI di parentela o di con- vivenza col capo di famiglia	Se sa scrivere	
					Giorno	Mese	Anno				Si	No
1	<i>Tridapalli Domenico</i>	<i>Paolo e Baltracini Teresa</i>	<i>Contadino</i>	<i>San Donato Po</i>	<i>18</i>	<i>Agosto</i>	<i>1848</i>	<i>ve</i>	<i>Capo</i>			
2	<i>Mondadori Maria</i>	<i>Angelo e Vittoria Magnanini</i>	<i>Contadina</i>	<i>San Donato Po</i>	<i>17</i>	<i>Aprile</i>	<i>1851</i>	<i>ve</i>	<i>Moglie</i>			
3	<i>Tridapalli Costante</i>	<i>Domenico e Mondadori Maria</i>	<i>Contadino</i>	<i>San Donato Po</i>	<i>6</i>	<i>Settembre</i>	<i>1854</i>	<i>ve</i>	<i>Figlio</i>			
4	<i>Do Carlo</i>	<i>idem</i>	<i>Contadino</i>	<i>San Donato Po</i>	<i>6</i>	<i>Settembre</i>	<i>1854</i>	<i>ve</i>	<i>Figlio</i>			
5	<i>Do Virginia</i>	<i>idem</i>	<i>Contadina</i>	<i>San Donato Po</i>	<i>23</i>	<i>Settembre</i>	<i>1856</i>	<i>ve</i>	<i>Moglie</i>			
6	<i>Tridapalli Domenico</i>	<i>Paolo e Baltracini Teresa</i>	<i>Contadino</i>	<i>San Donato Po</i>	<i>17</i>	<i>Aprile</i>	<i>1855</i>	<i>ve</i>	<i>Figlio</i>			

Certificado de mudança de residência da família Tridapalli (digitalização do original - ano 2012)

Observando o certificado em questão, pode-se ver algumas coisas interessantes: primeiro, vê-se que a seção inteira para o novo endereço é excluída porque sendo um emigrante ainda não sabia exatamente onde chegaria, e além disso, se notam os detalhes de sua assinatura, que é feita com um simples sinal (provavelmente feita pelo mesmo funcionário municipal que tenha expedido este certificado). Isso muitas vezes acontecia quando a pessoa era analfabeta, e, em alguns casos, contudo, era pe-

dido ao interessado que pusesse qualquer sinal (como o típico "X" muito atrofiado) da sua mão direita para validar o documento com algo pessoal, como um selo.

No verso do formulário também estão relatados os nomes de todos os pobres participantes desta odisséia, e descobriu-se que, quando ele enfrentou o "grande passo" para o novo mundo, o núcleo dos Tridapali era composto por seis pessoas:

- O pai Domenico Tridapali que iria completar 29 anos
- A Mãe Maria Mondadori -26 anos
- A avó maternal Ângela Magnanini de 52 anos (viúva de Ângelo Mondadori)
- O primeiro filho Fioravante Constante que tinha acabado de completar 5 anos
- O segundo filho de Carlos, que tinha quase 3 anos
- A terceira filha Maria Adelaide Virgínia, que ainda não havia completado um ano.

A família, uma vez saudado para sempre seu povo e deixado para trás para sempre o pequeno mundo de São Bento Po começava a sua jornada rumo ao desconhecido, dirigindo-se para o norte da França, até a cidade portuária de Le Havre. Embarcaram para o Novo Mundo no dia 17 de setembro de 1877, e revêm a terra firme só depois de três semanas, isto é, dia 10 de outubro de 1877, quando o navio atracou no porto do Rio de Janeiro.

Provavelmente foi durante esta travessia oceânica que a lei implacável do mar pede o pagamento de uma vida humana à família Tridapalli. De fato sua filha recém-nascida, Adelaide, que estava prestes a fazer o seu primeiro ano de vida, tornou-se vítima de uma doença que facilmente se contraía nestes navios, por causa das péssimas condições de higiene (como já foi amplamente descrito no capítulo 2) e seus pequenos restos são confiados ao abraço do mar.



Sepultamento no mar de uma criança (ilustrações - segunda metade do século XIX)

Chegados ao Rio de Janeiro, o grupo permaneceu parado por mais de dois meses em um centro de acolhimento - certamente em quarentena, depois de exames médicos, a que todos foram destinados - e então partiram para a ilha do Desterro (atual Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina) no dia 17 dezembro de 1877, a bordo de um navio comandado pelo Capitão Vasse, e chegaram ao seu destino em 10 de janeiro de 1878.

Neste ponto, o grupo é encaminhado para a colônia de Itajaí, e embarca para a última viagem no vapor São Lourenço para chegar justamente cidade portuária no dia 21 de janeiro de 1878.



A longa odisséia dos Tridapalli (fonte internet)

Depois de mais de quatro meses de tribulações e medos passados à mercê do mar desconhecido, das condições de higiene horríveis e epidemias mortais, este grupo de imigrantes pobres está apenas no início de suas lutas. Mudou-se para a cidade de Brusque, e parou aqui por 16 anos. A partir do momento que esta família chegou ao Brasil, seu sobrenome foi erroneamente transcrito em todos os documentos oficiais com um duplo "L" e, portanto, tornou-se Tridapalli como nós a conhecemos. Mas ainda é preciso dizer que, na Itália, nas áreas de Mântua, ainda hoje em dia coexistem

as duas versões deste nome, com um ou dois "L" (embora deva se referir que a maior parte das famílias tem um sobrenome como a sua forma original, ou seja, com um "L").

Se no momento de sua chegada no Brasil, o pequeno Carlo - cujo nome durante a ditadura torna-se inevitavelmente Carlos - tinha apenas dois irmãos, nos anos seguintes, a sua família cresceu muito, pois os seus pais tiveram mais 11 crianças! No final o núcleo familiar era o seguinte:

- O chefe da família Giuseppe Domenico Tridapali (1848/10/18 – 1901/08/12)
- Sua esposa Maria Mondadori Tridapali (17/04/1851 - 1932/12/22)
- A sogra Angela Magnanini viúva Mondadori (1825/04/17 -??)
- E um total de 14 crianças:
 - Constante Fioravante (nascido em São Bento Po 1872/06/10)
 - Carlos (nascido em São Bento Po 1874/06/12)
 - Adelaide Maria Virginia (nascido em São Bento Po 1876/10/22
bebê que morreu durante a viagem para o Brasil)
 - Aquilina Colomba (nascido em Brusque em 1878/09/04)
 - Rosa Virginia (nascido em Cedro Grande de Brusque em 1880/12/05)
 - Maria (nascida em Cedro Grande, em Brusque 1881/08/20)
 - Aquiles (nascido em Brusque em 1883/06/05)
 - Angela (nascido em Brusque em 1886/05/18)
 - Páscoa (nascido em Brusque em 1887/10/09)
 - José (nascido em Brusque em 1888/08/28)
 - Primeiro (nascido em Brusque em 19/02/1890)
 - Albina (nascido em Brusque em 1891/11/05)
 - Luiz (nascido em Brusque em 1892/08/09)
 - Adelina Teresa (nascido em Brusque em 1893/12/03)

Destes primeiros anos não veio até nós qualquer testemunho, por isso não sabemos como essa família se arranhou a viver nos primeiros momentos, até mesmo em anos posteriores. Mas há razão para acreditar que, após as primeiras dificuldades inevitáveis, o chefe de família Domenico foi capaz de fazer uma mudança positiva em seu trabalho, permitindo uma vida digna para toda a sua família muito numerosa.

Nós não sabemos exatamente qual a motivação que levou o chefe de família Domenico a tomar a decisão de deixar a cidade de Brusque, mas se sabe com certeza que decidiu transferir a sua grande família para dentro dessas áreas de mata densa que apenas alguns anos antes era totalmente selvagem e inóspita, mas onde agora estava começando a haver um grande aumento na exploração econômica e produtiva, da abundância de matérias-primas (incluindo o subsolo).

Decidiu- se mudar para Nova Trento (em um lugar chamado "Velha", no lado direito do rio), cruzamento ao longo da estrada que levava da cidade costeira de Florianópolis e Tijucas para Brusque, mas também baluarte extremo para todos aqueles que, a partir da cidade, entravam em busca de fortuna no interior das matas. Nós não sabemos exatamente quando a transferência se realizou, mas sabemos que foi em

Nova Trento que o filho mais velho de Domenico se casou aos 04 de maio de 1895 com Madalena Testoni, uma imigrante de origem italiana.

Como vimos, esta família emigrou alguns anos depois do nosso grande patriarca Alessandro Tirloni, mas estes poucos anos de diferença são aqueles de uma virada crucial que transformaram o mato denso, totalmente deserto, em uma área onde pelo menos alguns assentamentos humanos já estavam presentes. Os Tridapalli não são, portanto, os pioneiros típicos que estavam limpando florestas para criar espaços de vida. Pelo menos, disto foram resguardados porque quando em 1894 chegam em Nova Trento, esta vila já estava altamente desenvolvida, e portanto suas condições iniciais eram muito melhores.

Os Tridapalli tiveram, no entanto, que enfrentar um outro problema que certamente não aconteceu com os Tirloni: eles são mantuanos (de Mântua) em uma área povoada quase inteiramente por gente tiroleza ou trentino

Como já foi mencionado, naquele tempo, estas áreas que eram agora parte da Itália, há quase cem anos caíram debaixo da coroa do imperador da Austra-Hungria Francisco José (1830 - 1916) e ainda hoje mantêm um orgulho local forte, e um forte sentido de pertença àquele império, que não toleram a presença da Itália. Mesmo hoje em dia, na verdade, essas pessoas preferem falar o alemão, em vez do italiano, e seu dialeto tem praticamente os mesmos sons e construções gramaticais das línguas germânicas (das quais é derivado).

Acontece, então, que os Tridapalli se sentem substancialmente estrangeiros, que não pertencem ao mesmo grupo étnico, e são inicialmente tratados como estranhos. São tratados com o devido respeito, no entanto, deliberadamente, deixados de lado. Eles não estão autorizados a misturar-se com o grande grupo de colonos, uma vez em que há uma forte identidade entre as pessoas que vêm das mesmas áreas, e tendem inevitavelmente a confiar e entrar em acordos e alianças com seu companheiro.

Foi assim, então, que a família Tridapalli, desde o início "foi colocada na berlinda" e começou a diferenciar-se do resto dos migrantes, também em relação à profissão: não se lançaram na exploração de madeira, mas talvez, por causa do conhecimento que haviam feito durante uma estadia na cidade de Brusque, decidiram abrir um empório em alguns terrenos que lhes foram destinados.

De um certo ponto de vista, o fato de inicialmente terem sido excluídos, tornou-se um golpe de sorte para a família Tridapali, uma vez que seu comércio tornou-se a fonte de sua fortuna econômica que a tornou, em curto tempo, uma família rica!

O chefe de família Domenico, pai de Carlos, morreu aos 52 anos, ainda jovem, no início do século XX, deixando a mulher sozinha para criar muitos filhos que ainda são crianças. Mas certamente já tinha lucros com a loja da família e outras iniciativas. O pai não teve tempo para ver seu filho Carlos se casar com a filha do rico Sr. Tirloni, mas provavelmente, quando Domênico morreu, os dois já estavam noivos. Não há razão para acreditar que os dois futuros sogros não apenas sabiam, mas

também estavam cientes e aprovavam a história que estava nascendo entre seus filhos.

A mãe de Carlos, em vez, viveu muitos anos, e de fato morreu com 81 anos, uma vida muitíssimo longa para aqueles tempos. Especialmente se levarmos em conta suas múltiplas gestações e indigências iniciais. Pode ser que durante os últimos anos de sua vida fosse a mulher mais velha de todo Trento Nova! Ela teve tempo de ver a emancipação deste cantinho formado de mato, especialmente a de seu filho e nora. Veria seus netos crescerem e serem educados, e com o tempo, também, para conhecer os primeiros três bisnetos que viriam ao mundo nesta família.

Olhando para as datas de nascimento de seus filhos é muito impressionante não só pelo grande número de casos de gravidez, mas também para o fato de que engravidou pela quarta vez, depois de apenas dois meses e meio da chegada em Brusque. Isso significa que esta mulher tinha vindo a enfrentar uma longa e perigosa viagem da Itália, com um bebê no ventre! Quando partiu da Itália era provavelmente o primeiro mês de gravidez, e talvez por isso ainda não tinha percebido que ela estava grávida. Por absurdo que possa parecer, pode-se pensar que se a família Tridapalli tivesse tido conhecimento da chegada de um novo filho, poderia adiar a viagem e, provavelmente, tudo por eles teria sido diferente. Realmente esta mulher tinha bastante sorte de ter uma saúde de ferro!

Rosa e Carlos casaram-se no dia **15 de outubro de 1904**, quando Rosa tinha quase 23 anos e seu marido Carlos quase 31 (mas na leitura da certidão se descobre um erro, pois o noivo foi indicado com uma idade de 28 anos, em vez de sua idade real). A cerimônia ocorreu na capela do Sagrado Coração de Jesus, em Nova Trento, e foram testemunhas os Srs. Ippolito Boiteux e Antonio Tomasoni.

10. Carlos Tridapalli com Rosa Tirloni.
Nos quinze de Outubro de mil, novecentos e quatro, na capella do S. Coração de Jesus, em Nova Trento, após feitas as prescrições canonicas e sem impedimentos, perante os Srs. S. J. Boiteux e Antonio Tomasoni, receberam-se em matrimonio Carlos Tridapalli e Rosa Tirloni, elle com vinte e oito annos de idade, filho legitimo de Domingos Tridapalli já falleuido e Maria Mandari, natural de S. Remedello, diocese de ~~Mantova~~ morador das Novas Trento, e ella com vinte e dois annos de idade, filha legitima de Alexandre Tirloni e Isabel Bolombi, natural de Porto Franco, districto de Brigue, d'onde é moradora. Receberão as bençãos nupciales. Do que para constar mandei fazer este acerto.
S. J. M. Eyles D.

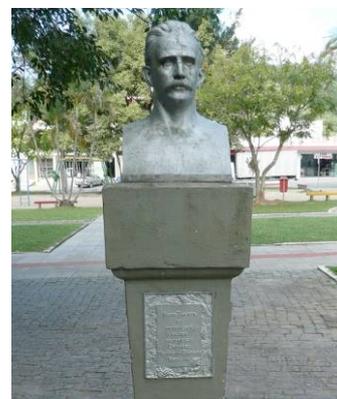
Ato de casamento de Rosa e Carlos Tirloni Tridapalli (fotocópia - ano 2012)

Observando-se a certidão de casamento são deduzidas algumas observações. Primeiro de tudo, nós vemos que, mesmo neste caso, o ato foi escrito no idioma Português, em vez do Latim (que ainda era a língua oficial da Igreja, e rotineira até o ad-

vento do Concílio Vaticano II, (Como queria o Papa João XXIII - natural de Bérgamo) e, além disso, é curioso que os dois jovens se casaram em Nova Trento e Franco Porto, porque até hoje pela tradição, a cerimônia, é celebrada na paróquia onde a noiva reside.

O importante a notar é, no entanto, o detalhe de uma das testemunhas, Sr. Ippolito Eugenio Boiteux (1861 - 1937) Ele era, na verdade, um homem muito famoso, e muito em vista no momento. Era descendente de uma importante família, e era já naquela época "um deputado" muito influente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Seu pai, o coronel Carlos Henrique Boiteux (1838 - 1894), foi, por sua vez, político, e também o primeiro prefeito de Nova Trento, (tanto que, na praça principal de Nova Trento está um pequeno monumento com o seu busto) e com sua morte inesperada e súbita, o título de prefeito passou para seu filho mais velho, Hipólito Eugenio.

Este, depois de seu mandato como prefeito, havia tomado uma carreira política brilhante, exatamente como todos seus irmãos mais jovens, que se tornaram ainda nos anos a seguir, mais importante e bem conhecidos do que ele: o almirante e herói militar Carlos Henrique Filho (1862 - 1945), o juiz e fundador da Faculdade de Direito de Santa Catarina, José Artur (1868 - 1934) e, finalmente, o almirante e experiente pesquisador histórico Alexandre Lucas (1880 - 1966).



O homem Ippolito Eugenio Boiteux, o pai de Carlos Henrique e o monumento ao último (pinturas e fotografia - anos diferentes)

O fato de que Rosa e Carlos tivessem tido uma personalidade tão importante para ser testemunha em seu casamento, significa que na realidade de Nova Trento o jovem Tridapalli era uma pessoa muito influente, não menos importante do que o idoso pai de Rosa, Alessandro Tirloni que, embora saibamos que era muito contrário aos poderes constituídos - quase se poderia dizer que era um "anarquista" – imaginamos que, no entanto, estivesse mais do que orgulhoso deste fato.

Pode-se imaginar que, por muito tempo, este casamento era visto como o "casamento do século", como se diz hoje, por causa da união de duas famílias entre as mais ricas na área, em especial pela presença de pessoas tão importantes.

O casal tem sete filhos:

- 1) **Luiz Carlos** (1906/07/05 / 1969/02/14)
casou com Josefina Maria Tolomeotti (01.09.1910 / 18.04.1982)
- 2) **Amélia** (02.14.1908 / 19.07.1997)
casou-se com Ângelo Sgrott (07.04.1905 / 27.05.1978)
- 3) **Albertina** (16.10.1909-???)
casou-se com José Erbs (-??)
- 4) **Eliseu** (08.08.1911 / 09.??.1957)
casou com Clara Piazza (28.08.1913 / 18.12.1997)
- 5) **José** (07.03.1914 / 24.04.1971)
casou-se Yolanda Bitencourt Soares (viva, nascido?)
- 6) **Vitorio** (29.03.1916 / 26.06.1987)
casou com Maria de Lourdes Gallotti (1920/05/19 / 1994/11/11)
- 7) **Luiza** (21.06.1918 / 27.03.2012)
casou Senésio Duarte (-??)

Graças ao primo Luiz Augusto Tridapalli Archer, temos conhecimento da maioria das datas de nascimento dos filhos do casal, portanto pode-se fazer algumas considerações confiáveis. O filho mais velho nasceu um ano e meio após o casamento, e Rosa dá à luz a seus sete filhos em um total de 12 anos. Portanto, há uma boa chance de que todas as suas gestações tenham sido felizes. Ou no máximo, perdeu apenas uma criança, porque pode-se considerar também que a filha mais nova, Luiza, nasceu quando seus pais tinham respectivamente, 36 e 43 anos, portanto ainda jovens. É muito provável que talvez, depois do nascimento de Luiza, Rosa tivesse tido outras gestações, mas que terminaram mal.

Olhando para os nomes dos filhos de Rosa e Carlos nota-se como ninguém herdou o nome ou dos avós Tirloni, ou dos avós Tridapalli. Porém, dois filhos herdaram o nome dos irmãos mais novos da mãe (na verdade, Eliseu e Vittorio).

O primeiro filho que nasceu foi logo um homem, e foi batizado como Luiz Carlos, e este segundo nome é uma homenagem ao pai. O fato de que dois filhos do casal terem o mesmo nome (Luiz e Luiza) deixa imaginar que esta escolha dos pais tenha sido fortemente influenciada por um parente, e há razão para acreditar que, se eles fizeram isso, teria sido um parente da família paterna, porque na casa Tirloni o nome "Luigi" nunca apareceu e há razão para acreditar que se trata de uma homenagem a Luigi Tridapali, o irmão mais novo do avô paterno, a quem mencionamos nas páginas anteriores.

Apenas o quinto filho levou o segundo nome do seu avô paterno, mas parece realmente uma escolha estranha, se queriam realmente prestar uma homenagem a seu

avô Tridapalli. A menos que, como às vezes acontecia, o velho patriarca Domenico Giuseppe Tridapalli fosse chamado por seu nome do meio, e "Domingos" fosse um nome usado apenas no batismo. Do primo Luis Augusto Tridapalli Archer, no entanto, aprendemos que o velho patriarca Tridapalli, no Brasil era chamado de "Domingos", então essa hipótese também é falha..

4.4 - A vida conjugal

Nós não sabemos onde o casal se estabeleceu para viver nestes primeiros anos de vida de casados, e nós não sabemos exatamente com o que os dois inicialmente se ocuparam, mas nós sabemos que este casal viveu sempre em Nova Trento e teve sempre uma vida confortável, sem ter que lidar com problemas como a fome ou a pobreza.

Talvez Rosa imediatamente começou a ajudar a família Tridapalli trabalhando em sua loja. O pai, como foi mencionado, havia morrido alguns anos antes de se casar, então provavelmente agora a loja era dirigida por sua sogra Maria com os filhos mais velhos. No entanto, disto não temos certeza porque temos que considerar que os Tridapalli eram uma grande família e quando Rosa tornou-se parte desta família, 6 de seus cunhados já passavam dos 20 anos de idade. Não se pode acreditar que todos aqueles seis jovens fossem viver sobre as receitas provenientes desta loja familiar ... a menos que este empório fosse muito grande e o volume de afazeres fosse alto. É mais provável que, ao contrário do que se tem sugerido, alguns dos irmãos de Carlos realizavam atividades diferentes e foram desligados da loja. Provavelmente a loja ainda era dirigida por sua mãe, cujos seis filhos ainda vivem em casa, eles que tenham entre 17 e 9 anos.

É preciso dizer que os anos passados por Rosa para ajudar sua mãe e a irmã mais velha no empório da família Tirloni em Porto Franco, lhe teria dado uma experiência que lhe foi muito útil, e então podemos acreditar que a sogra Maria houvesse ficado muito animada ao receber em casa esta nora que tinha uma boa experiência nessa atividade, e talvez a teria imediatamente decidido colocá-la seu lado. O "currículo" de Rosa era de fato impressionante: era de uma família de pessoas de um incansável trabalho duro, de habilidade nos negócios, mas especialmente de uma parcimônia nada menos do que proverbial. Por isso podia confiar ao colocar ao seu lado uma semelhante mulher.

Nós não sabemos se Rosa, que agora vivia em Nova Trento, sempre manteve contato freqüente com sua família, pois mesmo que as duas vilas fossem praticamente vizinhas, não era tão fácil de alcançá-las (Tio Dorval Luiz Maestri lembra que para percorrer esta distância era preciso quase um dia e ao chegar, estavam completamente esgotados pelo cansaço). Aliás a quantidade de trabalho ainda era muito grande não deixava muito tempo livre para se mover. Mas, provavelmente, Rosa recebia frequentemente visitas de seu irmão imediatamente mais novo do que ela, João, que na verdade muitas vezes chegava a Nova Trento só para visitá-la.

O fato de seu irmão João vir tão frequentemente a Nova Trento fez com que começasse a fazer amizade e a se relacionar com os moradores, tanto que por ocasião de uma festa, ele conheceu uma garota de Nova Trento chamada Narciza Geselle, com que ficou noivo e depois se casou.

Nós não sabemos o que Rosa pensava desta namorada de seu irmão, que, aliás, tinham quase da mesma idade. Mas pode-se acreditar que ela estava feliz, pois esta seria uma oportunidade de ver muito mais frequentemente em Nova Trento, pelo menos alguns de seus familiares.

4.4.1 - Os Primeiros Anos

Foi durante os primeiros anos de casamento, que Rosa e Carlos se fizeram retratar em uma fotografia: e esta é a primeira foto que temos de Rosa. O longo período transcorrido havia feito esquecer a existência desta fotografia, mas foi felizmente redescoberta graças à pesquisa meticulosa realizada pelo primo Luiz Augusto Tridapalli Archer, que pessoalmente já se encontrou e entrevistou muitos parentes desta grande família.



Família Tridapalli (fotografia - início do século XX)

Em ordem de posição se vêem:
Maria Mondadori viúva Tridapalli, Carlos Tridapalli, Rosa Tirloni Tridapalli, Amelia e Luiz Carlos

Esta fotografia tem um valor muito grande, não apenas pelo fato em si de mostrar a jovem família, nos primeiros anos de casamento, revelando-nos rostos até agora desconhecido, mas também é interessante do ponto de vista da "história da foto-

grafia" . Se for olhada de perto, se pode ver que, de fato, esta imagem mostra muitas coisas estranhas: em alguns pontos, as figuras parecem quase “fictícias”, e também o fundo atrás deles, bem como a grama a seus pés, tudo tem algo antinatural.

Para analisar todas as peculiaridades desta foto partimos da grama: eles foram fotografados com uma luz brilhante que a faz parecer perfeitamente nítida e clara, e não há dúvida de que este é de fato um gramado! O fundo branco por trás dos ombros das pessoas dá a entender que é, na verdade, um muro, pois a grama se sobrepõe. No entanto, parece incrível a perfeita uniformidade da parede branca! É 'perfeitamente uniforme e não apresenta qualquer diferença em todo o campo da fotografia.

Se observarmos as figuras, vê-se que em vários pontos parecem quase, como disse, "fictícias", sem profundidade, e este sentimento parece apenas óbvio, se olharmos para as bordas onde as silhuetas humanas estão relacionadas com o fundo, ou com a grama a seus pés. Outro detalhe é que, ao contrário da grama em seus pés, todos os personagens retratados têm uma clareza e definição menos acentuada do que a grama sob seus pés. Se tivessem sido retratados em pleno sol (como parece, ao olhar para a grama) suas roupas, apesar de escuras, iriam mostrar muito mais detalhes. Um último detalhe curioso desta foto é que mostra mais achatamento dos personagens: não há qualquer vestígio de sombras!

Uma explicação poderia estar em um dos simples truques que naqueles tempos os fotógrafos usavam. Em uma folha de papel em branco, usada como um fundo, era colada uma fotografia, retalhada com cuidado, neste caso a de um gramado. Depois, sobre este artifício criado especificamente, foram coladas as formas das pessoas fotografadas em outro lugar (também cortadas com o máximo de cuidado - como evidenciado pelo detalhe de alguns cabelos de Carlos, que são ligeiramente levantados). Este pode ter sido o truque que foi utilizado, porque talvez as pessoas tinham sido retratadas com fundos não atraentes ou nem bonitos.

Removendo as fotografias das pessoas retratadas do seu fundo original, se chegava a eliminar todos aqueles detalhes, tais como luzes e sombras, bem como as perspectivas que serviam para dar espaço e profundidade a um objeto que estava sendo fotografado!

Além deste velho truque fotográfico, um outro detalhe muito bonito e interessante para a avaliação, ao qual se costumava prestar muita atenção nas fotos "oficiais", é a posição de cada uma das pessoas representadas. O arranjo é piramidal, com Carlos - chefe de família, e também a pessoa mais alta fotografada - no centro da foto, numa posição dominante. As duas mulheres são colocados à sua disposição, ao lado como típico casal em que o marido está à direita e a esposa à esquerda.

A mulher idosa está no lado direito de Carlos, longe de sua esposa Rosa, e isto imediatamente nos faz entender que ela era a mãe de Carlos.

As duas crianças também são engenhosamente colocadas: Carlos segurando a mão do filho, que representa o futuro e a sobrevivência de seu nome, mas em vez disso, a filha é tida no colo da mãe (por razões óbvias, pois é realmente pequeno) para indicar a operosidade e a continuação dos cuidados maternos.

Como pode ser visto, tudo é feito para acentuar a figura de Carlos, para fazê-lo sobressair como um "ponto de gravidade" que está no centro, e é ladeada pelas mulheres de sua vida (sua mãe e esposa), e os filhos na frente dele, em primeiro plano. Tudo gira em torno dele: o passado, o presente e o futuro.

Uma coisa muito importante é o fato de que o casal se fez retratar com seus dois primeiros filhos: Luiz Carlos e Amélia, pois é graças a essas duas crianças retratadas - para as quais é muito mais fácil estabelecer uma boa aproximação da idade - que se pode calcular o ano em que esta foto foi tirada.

O mais velho, Luiz Carlos, nasceu em 1906 e nesta foto pode ter provavelmente pouco mais de três anos, enquanto a Amélia pode ter cerca de um ano. Ambas as crianças usam roupas leves e têm claramente sinal de pés descalços, sinal de que esta fotografia foi feita em condições de tempo quente, o que nos leva a dizer, quase sem sombra de dúvida, que a família Tridapalli foi retratada no verão brasileiro entre 1909 e 1910.

Infelizmente, a qualidade da fotografia não é tal, de podermos afirmar com segurança se as roupas são originais. O mais provável é exatamente como estávamos dizendo. As posturas, mas acima de tudo a posição dos braços, torna muito difícil para os fotógrafos antigos intervirem sobre as roupas, modificando-as substancialmente. No máximo, pode ter sido acrescentado alguma jóia (feminina), mas pelo menos a roupa deve ser aquela real.

Com relação à nossa pesquisa histórica, o valor absoluto maior desta fotografia está no fato de nos trazer os rostos desta família jovem (a primeira imagem que temos de Rosa) e como se pode facilmente observar, todos eles estão muito sérios, tais como a prática daquele tempo exigia quando se era retratado, porque uma fotografia era algo muito sério e formal, então não se devia sorrir.

Carlos aparece exatamente como na fotografia de sua juventude, descrito nas páginas anteriores. De fato, é evidente que as duas fotos foram tiradas no mesmo período. Carlos tinha cerca de 35 anos, e vendo sua figura completa se pode ver que é um homem muito magro, estatura média para aquela época (mas pequena para os padrões de hoje) e com mãos grandes, como todas as pessoas que trabalham, mas bem cuidadas - ao contrário das pessoas que trabalham a terra.

Olhando para o seu elegante terno escuro com colete se observa um particular realmente curioso (mesmo porque indica uma forma muito antiga) do nó da gravata em destaque no colarinho engomado, que naquele tempo não fazia parte da camisa, mas era aplicado posteriormente. Parece também que o dedo anular direito abriga um anel grande, mas não podemos ter certeza por causa da má qualidade da fotografia.

Carlos está perfeitamente ereto, e seu rosto fino e cônico tem uma expressão de segurança relaxada, olhando ligeiramente para cima, induzindo a pensar nele como sendo um homem idealista, olhando "para a frente, para além do atual", que está perseguindo um sonho e, portanto, não se limita a viver o agora, mas olha para o futuro.

A mãe de Carlos, Maria Mondadori, tinha cerca de 59 anos, e naquela época era uma idade suficiente para ser considerada como velha, embora depois desta foto ela realmente viveu muitos anos (mais de 20), Esta foi, provavelmente, a única vez em que foi fotografada. Olhando a foto dela, logo fica claro que é uma mulher que teve que trabalhar, e trabalhar duro. Na verdade ela parece muito mais velha do que era a sua verdadeira idade. Vestindo um vestido cortado tipicamente do século XIX, assim aparece muito "fora de moda" para a época, apertado acima da cintura e mangas bufantes em seus ombros.

Seus cabelos, ainda escuros, são penteados para trás e, provavelmente recolhidos por uma fita (ou mais provavelmente por um coque), mas que não se vê na foto. Nota-se que usa brincos, e ela provavelmente também usava alguns anéis na mão direita, na qual ela segura o que parece ser um lenço branco.

Olha diretamente para o fotógrafo, e apesar de seus pequenos olhos serem encovados, no conjunto o seu é um olhar de bondade. Até mesmo a cabeça ligeiramente inclinada sobre um lado acentua aquilo que parece ser uma pessoa de boa índole e toda doce. É a típica avó de contos de fadas, doce e amoroso, mas ao mesmo tempo, cuidadosa de seus netos, que tiveram a sorte de ter uma avó como ela!

Rosa tinha cerca de 28 anos, e esta é provavelmente a primeira vez posando na frente de uma câmera, ou pelo menos esta é a imagem mais antiga que sobreviveu até os dias de hoje. Para ser honesto, temos de admitir que esta foto não faz justiça pois ela parece muito mais velha do que sua idade real. Parece até mais velha do que o seu marido Carlos que, em vez, ele é 8 anos mais velho do que ela ... Como já disse em várias ocasiões, infelizmente naqueles tempos o envelhecimento das mulheres era realmente muito mais rápido do que hoje em dia, por causa do cansaço de muito trabalho, por uma nutrição certamente não tão completa quanto os dias de hoje, mas também pelas muitas gravidezes normais que tinham que enfrentar. Mulheres de 45 anos já parecia que tivessem 70 anos de idade.

Rosa está vestida com um vestido escuro (como era prática naquele tempo) embelezado com enfeites de renda no pescoço e nos pulsos. Parece ter um broche colocado sobre o peito, mas, infelizmente, não podemos ter certeza do que estamos dizendo. Ela Segura a filha pequena que também usa um vestido colorido e muito bem decorado. Seu cabelo escuro é recolhido em um coque atrás da cabeça, como as mulheres casadas costumavam fazer naqueles tempos.

Seu rosto tem uma grande semelhança com algumas de suas irmãs mais novas, especialmente a Angelina, mas lembra muito nos traços somáticos a mãe de Elizabetha. - Essa é uma semelhança que ao longo dos anos, mais e mais se acentuou: o queixo quadrado, boca grande, rosto e sobrancelhas largas e grossas, que emolduram a expressão dos olhos grandes, uma expressão – de verdade - um pouco apagada.

Seu olhar revela uma seriedade quase melancólica mas isto é, talvez, devido a uma expressão particular assumida enquanto estava se fazendo fotografar, porque esta sua imagem realmente diverge muito com as memórias que todos temos dela, e que é uma mulher forte e determinada. Parece ser uma mulher subjugada por seu ma-

rido e pela sogra, uma mulher quase dominada, enquanto se tem certeza de que ela estava dirigindo a família.

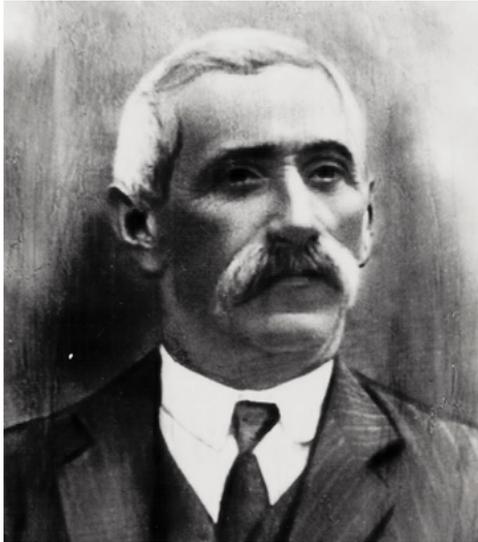
Não olha de frente para o fotógrafo, olha para bem outro lugar, e é realmente estranho! Eu analisei um monte de fotos antigas e esta é a primeira vez que vejo uma foto de grupo em que um componente claramente observa em outro lugar. Além disso, não olha para a sua família, que estão todos à sua direita, mas tem o olhar voltado para a esquerda e ligeiramente para baixo. Uma explicação poderia ser que ela estava de frente para a criança que estava segurando para controlá-la, e não teve tempo de voltar-se para o fotógrafo.

Por mais absurdo que se possa achar, se pode pensar em outro truque de fotografia, em que os sujeitos tenham sido fotografados em momentos diferentes, talvez até mesmo em anos diferentes (e isso pode explicar o que nós julgamos um envelhecimento realmente muito grande de Rosa) e depois as fotografias de cada um deles, foram cortadas e juntou-se em uma fotografia com o fundo e a base, como já foi mencionado no início do comentário. Como se pode ver, então, são tantas as dúvidas e os "mistérios" desta foto, mas a verdade é que o seu valor é muito alto!

Em 1909, cinco anos depois de o casal se casar, os pais de Rosa decidiram voltar para a Itália, levando os filhos mais jovens, que ainda não tinha casado. Nós não sabemos exatamente como Rosa teria comentado sobre esta escolha, mas pode-se acreditar que ela ficou realmente muito triste, porque isto significaria que ela nunca mais haveria de ver nenhum de seus familiares. Não sabemos se pelo menos ela tentou dissuadir seu idoso pai de sua escolha, também porque não sabemos como era o seu relacionamento com ele, mas pode-se acreditar que muito pouco pôde ter sido feito contra a vontade do férreo e despótico Alessandro.

O fato de que Rosa vivia em Nova Trento implica que não estava sempre presente e, portanto, não constantemente envolvida na vida familiar Tirloni, mas o fato é que ela teria sido informada, especialmente em face de notícias como esta. Embora talvez todos esses anos tinha ido visitar os pais muitas vezes, certamente isso se tornava uma oportunidade de estar presente em Porto Franco, ou receber visitas de membros da família em sua casa, também para passar o tempo, tanto quanto possível com sua família, a qual nunca mais haveria de ver de novo.

Ficou sabendo, com isso, que seu pai Alessandro estava se preparando para ir para a Itália com o seu irmão João, a fim de comprar uma fazenda, e começavam para ela os meses de apreensão por causa dos dois homens que enfrentavam a rota marítima (sempre perigosa). Imaginamos que, neste momento, ocasionalmente Rosa encontrasse na vila ou mesmo recebia em sua casa a visita de sua futura nora Narciza, que, também ela, muito ansiosa e preocupado, perguntava-lhe se por acaso ela havia recebido a notícia de seu namorado que estava na Itália junto com o pai.



Alessandro e João Tirloni como eles deviam parecer no momento de sua viagem para a Itália (fotografias - início do século XX)

Uma vez que o pai e o irmão estiveram voltando para o Brasil (deve-se calcular pelo menos quatro meses depois de sua saída), Rosa ficou imediatamente ciente da escolha de seu irmão João, que desobedeceu seu pai, recusando-se a segui-lo por causa de sua namorada. Não temos ideia de como ela reagiu e que partido tomou, mas certamente há razão para acreditar que ela teve a sua parte nos momentos excitantes que seriam vividos na casa Tirloni, e talvez ela fez a ligação com a futura nora Narciza que, talvez, foi perguntar-lhe como esta notícia estava sendo vivida pela família de seu namorado João.

Antes de abandonar definitivamente a terra brasileira, o ancião pai Alessandro decidiu dividir todos os seus bens entre seus quatro filhos que permaneciam no Brasil, mas o que aconteceu com Rosa deixa-nos fazer uma consideração muito importante. Sempre ouviu-se dizer que Alessandro havia deixado aos seus quatro filhos mais velhos que permaneceram no Brasil toda a sua terra e as suas propriedades, como se fossem uma herança. Mas por sorte veio até nós um documento oficial que mostra que talvez as coisas não aconteceram exatamente como se dizia. Rosa e Carlos para ter a terra que lhes pertence, devem resgatá-la, pagando para o pai uma importância em dinheiro.

Pela leitura do documento que chegou até os dias de hoje verifica-se que o ancião patriarca Alessandro, cuja mesquinhez e ganância eram bem conhecidas, vendeu sua grande propriedade por uma soma total de 1.000.000 Reis, exatamente para sua filha Rosa e o genro Carlos, e deixou ao co-sogro Pietro Giacomo Morelli (pai de seu outro genro João) a procuração para representar e agir legalmente como intermediário, até que Rosa e Carlos tivessem pago a dívida que contraíram com ele.

Infelizmente, o documento não menciona que tipo de dívida os dois cônjuges teriam contraído com o velho Alessandro. Há razões para crer que esta era de fato a venda de terrenos, mas, infelizmente, não sabemos exatamente o quão grande eles eram, e onde esta terra era localizada.

Declaro, eu Pedro Morelli, abaixo assinado que, nesta data, recebi do Carlos e Rosa Tridapalli Tirloni a importância de 500.000 Reis em moeda deste país.

A dita soma eu a recebo por conta e ordem do Sr. Alessandro Tirloni, agora residente em Itália. Ainda falta para a extinção total da dívida que os senhores acima mencionados têm de Alessandro Tirloni, a importância de "um conto de Reis" [= 1.000.000]. De acordo com a declaração pública das dívidas existentes no escritório da vila de Nova Trento.

Eu escrevi por ter recebido este documento, e assino na presença de duas testemunhas.

Por falta [no momento] de selos que serão liberados em tempo hábil.

Nova Trento, 17 de junho de 1911

Pedro Morelli

Testemunhas: Alexandre Cattone

Pedro Paulo Laus

No. 500000

Declaro eu Pedro Morelli abaixo assinado, que nesta data recebi do Sr. Carlos Tridapalli e Rosa Tridapalli a importância supra de quinhentos mil reis (R\$ 500.000) em moeda corrente deste País.

A dita quantia a recebo por conta e ordem do Sr. Alessandro Tirloni, actualmente morador na Itália, restando ainda para a total liquidação da dívida que os senhores mencionados têm de pagar a Alessandro Tirloni a importância de um conto de Reis, e assim forne a declaração pública da dívida existente no Cartório da Vila de Nova Trento.

E por ter recebido supra passivo e prosseguir que assino na presença de duas testemunhas. Por falta de selos para sellada em tempo hábil.

Nova Trento em 17 de Junho de 1911.

Pedro Morelli
Testemunhas: Alexandre Cattone
Pedro Paulo Laus

Escritura de dívida contraída por Rosa Tirloni e Carlos Tridapalli para com Alessandro Triloni (ano 1911)

A partir do documento preparado para esta operação mostra que o jovem casal não tinha dinheiro suficiente para imediatamente liquidar a dívida (que seria paga em duas parcelas de 50% em dois anos) e por essa razão o documento foi registrado em um "registro oficial de dívidas". Não se sabe se era uma prática obrigatória, devido ao fato de que eles venderam a terra, ou se teria sido feito deliberadamente por Alessandro. Se esta hipótese for verdadeira, tudo isto é surpreendente, porque mostra que quando se tratava de dinheiro, ele não confiava nem mesmo na palavra dos filhos.

Por muitos anos se falou da grande riqueza do pai de Rosa e também da família Tridapalli, e por muitos anos se tinha conhecimento deste ato, mas nunca se foi capaz de ter uma ideia, mesmo que aproximada, de quanto montava essa dívida. Ficou claro desde o início, no entanto, que era uma cifra realmente ingentíssima. Já o fato de que este jovem casal decidiu assumir tal despesa, significa que a situação econômica em que viviam era muito boa e esse número era, para eles, de qualquer maneira - mesmo à custa de algum sacrifício - acessível, evidenciado por este ato, que os dois conseguiriam pagar esta enorme dívida em apenas 2 anos!

Somente na época atual veio mais uma vez para ajudar a esclarecer os fatos o primo Luis Augusto Tridapalli Archer que, graças à sua paixão pela numismática e seu conhecimento de economia e história, ele facilmente deu números atualizados ao ato. O primo explicou que nos 50 anos entre 1890 e 1942, durante a existência da República dos Estados Unidos do Brasil, devido à falta de notas, foram colocadas em circulação no país até 135 cupons diferentes de dinheiro (na época a unidade monetária corrente eram os Reis).

Havia um bem preciso sistema numérico sobre a base do qual subdividiam-se as várias cédulas com base em seu valor monetário, e o primo Luis Augusto assim resume, mostrando-nos todas células que circulavam na época:

500 Reis:	2 cédulas diferentes
1000 Reis:	8 Diferentes cédulas
2000 Reis:	9 Diferentes cédulas
5000 Reis:	14 Diferentes cédulas
10.000 Reis:	17 Diferentes cédulas
20.000 Reis:	15 Diferentes cédulas
50.000 Reis:	17 Diferentes cédulas
100.000 Reis:	17 Diferentes cédulas
200.000 Reis:	15 Diferentes cédulas
500.000 Reis:	16 Diferentes cédulas
1.000.000 Reis:	5 Diferentes cédulas

(Havia também a Cédula de 1 Milhão de réis ou "um conto de réis")



Cédulas de 500 mil a 1 milhão de Reis e Reis (1908/1942)

O primo Luis Augusto comenta que essa escolha feita pelo Estado brasileiro tinha se revelado um desastre, pois criou uma grande confusão, porque em algum momento as pessoas não tinham mais ideia de qual era o valor correto dos cupons em sua posse, e de todos aqueles que já tinham perdido completamente o valor devido à inflação, ou por causa de medidas econômicas. Em algum momento foram recolhidas pelo banco central, e isto, como se costuma dizer, foram queimadas as economias de muitas pessoas.

Em face de todo esse conhecimento novo, pode-se entender melhor como e qual foi a grande fortuna do velho Alessandro Tirloni, pai de Rosa: como foi dito, na maioria dos casos ele se fazia pagar em ouro e não aceitava essas notas, e ao final teve razão a sua desconfiança, e evitou perder dinheiro devido à inflação.

Continuando na sua explanação, o primo Luis Augusto atualizou os números em jogo, principalmente com base na grande inflação que atingiu o Brasil em 1994, data da abolição da Cruzeiro (dinheiro que tinha substituído os Reis) em favor de uma nova moeda, o Real que está em vigor hoje. Tendo em conta precisamente esta grande desvalorização, se pode dizer que a dívida de 1.000.000 Reis seria igual a um valor atual de cerca de 28.000 dólares americanos.

Se o valor de hoje em dia certamente não assustaria ninguém, é preciso antes considerar que no início do século XX, quando a dívida foi inscrita, e nas condições econômicas do sul do Brasil, esse número era realmente terrível, mas o poder econômico que Rosa e Carlos tinham, já era tão grande que lhes permitiu pagar o pai em pouquíssimo tempo.

Chegou o momento da última despedida, um acontecimento, em que todos sabiam com certeza que nunca haveria mais um ‘até logo’, mas que se saudavam com a certeza de que nunca mais iriam se ver de novo!

Nós não temos relatos detalhados deste momento, portanto não sabemos como foi exatamente, mas nós gostamos de pensar que pelo menos em uma ocasião semelhante, todos estavam presentes, juntamente com amigos e conhecidos de várias vilas, para cumprimentar e abraçar pela última vez os parentes. Imaginamos que em uma ocasião semelhante, Rosa e Carlos dirigiram-se para Porto Franco, juntamente com a velha avó Maria Mondadori Tridapali, e seus filhos (não se sabe exatamente quantos eles tinham na época, além do maior Luis, que tinha três anos) para pela última vez dizer adeus às suas famílias.

Certamente verteram-se lágrimas. Acima de tudo é de se acreditar que nos relacionamentos com a mãe Elizabetta, mulher mansa e suave, Rosa tivesse alimentado uma afeição profunda e verdadeira, mas é concebível que num momento como aquele, Rosa também tenha sentido muita tristeza. Também ao dizer adeus a seu pai Alexandre, os dois tenham se saudado com sentimentos sinceros. Chegou o momento da separação final, e enquanto todos estavam parados e abanavam, o grupo de 9 pessoas, finalmente, virava as costas para Porto Franco, e se dirigia para a Itália e, gradualmente, suas figuras desapareceram para sempre engolidas pela vegetação densa.

Pouco tempo depois desta triste despedida de seus familiares, Rosa recebeu as primeiras notícias da Itália, muito provavelmente através de uma carta, e tomou conhecimento do triste fim de seu jovem irmão Ângelo, que morreu aos 12 anos de idade durante a longa viagem por mar. E este foi o primeiro familiar que Rosa perdeu!

Três anos mais tarde, Rosa diz adeus a seu irmão Vittorio, que ficou no Brasil todo esse tempo para completar seus estudos, e agora, acima de tudo, ele se preparava para cruzar o oceano sozinho para alcançar seus pais na Itália. Chegado na Itália, a família, talvez para comemorar, se fez retratar no pátio da fazenda Battagliona, na famosa foto de família, foto esta que sobreviveu até os dias de hoje, e que depois de mais de 100 anos transmite-nos os rostos de nossos patriarcas.

Este retrato foi reproduzido e enviado para o Brasil. Podemos facilmente imaginar a alegria de Rosa quando recebeu uma foto inesperada dos pais e irmãos mais novos, em que todos os retratados estavam bonitos e elegantes. Podemos imaginar como enquanto contemplava esta bela foto com os olhos brilhando de emoção, disse

para si mesma que, infelizmente, estava destinada a nunca mais ver qualquer um deles. Vemo-la nos dias seguintes, talvez à noite, terminado todo o trabalho doméstico, parada a fim de olhar para esta fotografia que para ela era um verdadeiro tesouro. Sentava-se para observar cuidadosamente a foto à luz, ou talvez na frente do fogo, e talvez até a acariciava suavemente como se pudesse dar uma carícia aos seus familiares distantes, e imediatamente se deixava tomar pela nostalgia e pelas lembranças.

Rosa observava um por um todos os rostos e, claro, se concentra nas pessoas mais queridas a ela: seu pai (que agora que está longe, e certamente é visto com olhos muito mais benevolentes), mas mais que outros, sua boa mãe, aquela mãe que a defendia das censuras de seu pai e tinha um olhar e pensamento benevolente para cada um de seus filhos.

Considerando o tempo durante o qual as cartas postais viajavam, pode-se acreditar que quando Rosa recebeu esta fotografia da Itália, já era o tempo em que aconteceu um terrível acidente do qual ela, inevitavelmente, não tinha conhecimento: a morte horrível que ocorreu com a querida mãe Elizabetta, que foi encontrada afogada no canal ao lado da fazenda, no dia 10 abril de 1912, talvez como resultado de um mal estar grave que a matou apenas aos 56 anos de idade.



Cascina Battagliona: Vista da área onde antes havia o canal em que estão inseridos Elizabeth Colombi (fotos - 2002 e 1997)

Já eram quase três anos que Rosa certamente lia e relia as cartas que tinham vindo da Itália. Agora ela as tem memorizadas, mas isso não importa, pois a distância engana e não se é capaz de ser racional. Estava sempre esperançosa de receber novas cartas, porque dessa forma se sentia conectada com a sua família que tanto lhe fazia falta. Mas no meio de 1912, quando no Brasil o inverno estava às portas, a carta que Rosa recebeu era muito triste, porque revelava a todos os irmãos brasileiros a triste notícia da morte da mãe, tão querida, à qual nada foi poupado na vida, e que tão horrivelmente veio a faltar.



Mãe de Rosa: Elizabetha Colombi Tirloni (fotografia - ano 1912)

4.4.2 - A correspondência com a Itália

Aquilo que foi dito foi uma maneira de dizer que Rosa foi deveras importante não só para os seus descendentes diretos, mas também para toda a nossa grande família grande, pelo seu papel como guardião da verdadeira história!

Rosa foi a irmã que recebeu todas as antigas cartas (escritas por parentes na Itália) das quais se tem conhecimento. No total são 10 cartas escritas por quatro de seus irmãos e irmãs, mais um bilhete que acompanhava uma fotografia (que porém não tem muita importância para fins de reconstrução histórica) e toda esta correspondência está dentro do arco de 20 anos que vai de 1914-1934.

O próprio fato de que existam essas cartas indica o nível de ensino de cada um dos irmãos Tirloni, e sabemos que esse grau era muito variado. Sabemos que Joana, Rosa, Albina e João sabiam ler, escrever e manter a contabilidade dos seus negócios (mas não sei se eles frequentaram escolas), sabemos que Vittorio estudou na faculdade, sabemos que Ângela, Francesca e Eliseu sabiam escrever de forma decente, e sabemos que Emmanuel nunca foi à escola e não sabia escrever, mas sabia ler, e só sabia fazer a sua assinatura. Nós não sabemos o que estudaram os outros irmãos, mas pode-se supor que todos sabiam pelo menos ler.

Além do bilhete escrito pela cunhada Rosa Morosini, esposa de seu irmão Emanuele (ou seja, meus bisavós), todas as cartas têm um valor histórico - além do simbólico - que realmente poderia quase ser descrito como de valor inestimável. Digo isso porque essas cartas antigas em sua simplicidade direta, nos contam - ou para dizer melhor - elas nos revelam a verdadeira vida de todos os dias, que acontecia com a nossa família, há quase um século, levando-nos ao conhecimento de todos, e não poucos problemas graves que os nossos antepassados tiveram de suportar ao custo de muito esforço.

Como sempre acontece, geralmente o tempo cura as feridas, as mágoas são esquecidas, os erros são minimizados, mas acima de todas as coisas ruins tendem a ser eliminadas ou, pelo menos, tendem a ser filtradas e diluídas. As histórias originalmente contadas por quem viveu na pele aquilo que descrevia, após anos inevitavelmente tendem a perder mais e mais detalhes que as enriqueciam, (e isso é devido ao fato de que eram transmitidos oralmente), podiam ser alteradas ou falsificadas, mas especialmente tendiam a ser envoltos em uma névoa que as tornava cada vez menos credíveis quase como se fossem mitos.

Aquilo que nasce como verdade histórica, depois de um longo período de tempo tende a se tornar uma lenda para "ter o benefício da dúvida", como se fosse falsa, porque, inevitavelmente, assumiu-se que foi muito distorcida, ou, como se diz hoje em dia foi "uma ficção".

Por exemplo, se não tivesse existido nenhuma fotografia ou filmes autênticos, ninguém teria acreditado nas barbáries que foram constantemente perpetradas nos campos de extermínio nazistas, porque isso transcende demais à compreensão humana. Da mesma forma, todos nós sempre ouvimos de nossos avós que o nosso patriar-

ca Alessandro Tirloni era mau e horrível, mas tudo ficou envolto em uma aura de lenda da qual não se sabia a verdadeira magnitude, e não se tinha o limite entre realidade e ficção.

Tudo isto levava ao resultado de fazer-nos rir, porque trazia à mente a imagem do idoso mal-humorado avarento e despótico, um pouco louco, mas no final, simpático tipo do famoso Tio Patinhas da Disneylandia ou a memória de Don Arpagone de L'Avaro de Molière, os quais eventualmente sempre resgatam um final feliz. Eu me lembro quando eu ouvia as histórias que o meu avô Peppino contava de seu famoso avô, todos nós na família ríamos e chegávamos a considerá-lo quase simpático em sua loucura, uma pessoa do qual até mesmo podia se vangloriar ou tido como um exemplo.

A opinião de todos sempre permaneceu a mesma. Ninguém nunca a contradisse, até que nos foi autorizado ler essas cartas preciosas. E foi assim que a verdade dos fatos veio aos olhos, em todo o seu grave peso, e o nosso sorriso quase presunçoso deu lugar a muitos pensamentos e sérias reflexões sobre o que sempre havíamos ouvido e aprendido, porque o nosso ancestral saltou aos nossos olhos absolutamente sem máscaras, mas em toda a sua maldade.

É quase impossível que os familiares italianos escrevessem só para Rosa (temos a certeza de que a correspondência foi sempre dirigida para todos. O tio Dorval Luiz Maestri lembra que sua mãe Albina mantinha correspondência com seus irmãos na Itália. Portanto, pode-se afirmar com certeza o que foi dito no início desta seção: Para Rosa vai o reconhecimento do grande mérito de ter sido a única entre os irmãos de ter tido a precaução de preservar a correspondência que ela recebeu, transmitindo-a até o dia de hoje, e graças a esta abnegação e cuidado, nos revelou a verdade.

Devemos sempre lembrar que esta descoberta e tomada de consciência é tudo mérito só e exclusivo de Rosa Tirloni Tridapalli!

Tia Cremilde, uma de suas numerosas netas, lembra como sua avó Rosina cada vez que recebia uma carta, e sabia que chegava da Itália, apenas ao vê-la chegar e antes mesmo de abri-la, imediatamente começava a chorar de emoção. Relia cada carta por dias e dias, e cada vez voltava a chorar. Lembro-me de Tia Cremilde - que naquela época era apenas uma menina, mas viveu quase em simbiose com sua avó - comentou este comportamento tão extremo com uma piada, dizendo: "paría semper chegheras arghù mort" (= Sempre parecia que havia morrido alguém)!

Esta reação emocional tão forte era sempre provocada em Rosa pela grande nostalgia para com seus parentes que estavam agora muito longe e não teria revisto nunca mais. É por esta razão que qualquer coisa que vinha da Itália, tinha para a Rosa um grande valor e era zelosamente preservada, com cuidado e dedicação, como se fosse um verdadeiro tesouro!

Do modo como foi descrita por seus descendentes, Rosa era uma mulher muito meticulosa e precisa. Ele cuidava particularmente de arquivar e conservar qualquer coisa que pudesse ter significado ou importância, portanto há de se acreditar que ela

guardava para a vida cada uma das cartas que chegavam da Itália, mas provavelmente depois de sua morte, durante todas essas décadas, a maior parte desta correspondência foi perdido para sempre.

Digo isso porque olhando para as datas em que estão escritas as cartas, podem-se evidenciar algumas notas particulares, a partir das quais podemos facilmente deduzir a conclusão apenas afirmada, enquanto a ordem cronológica de toda a antiga correspondência que sobreviveu até os dias atuais é a seguinte:

- 01/12/1914: carta de Angela Tirloni e Agostinho Nava
- Ano 1915: nota de Rosa Morosini Tirloni pela fotografia
- 04/11/1917: carta de Angela Tirloni Nava
- 16/12/1919: carta de Eliseu Tirloni
- 24/02/1920: carta de Francesca Tirloni Pesenti
- 30/03/1920: carta de Eliseu Tirloni
- 24/02/1921: carta de Angela Tirloni e Agostinho Nava
- 20/03/1921: Carta de Vitorio Tirloni
- 24/10/1921: carta de Eliseu Tirloni
- 14/06/1922: carta de Angela Tirloni Nava
- 23/01/1934: carta do sobrinho Tirloni Ângelo (filho de Emanuel)

Como já foi mencionado no início deste capítulo para a nossa análise, podemos evitar de considerar o bilhete de 1915 (já que simplesmente acompanhava uma fotografia, mas sem dar indicações úteis para o histórico familiar) mas também podemos omitir a última carta do sobrinho Ângelo porque foi escrita depois de quase 12 anos após da carta imediatamente precedente..

Tirando esta última carta, nota-se imediatamente que todas as outras 10 estão concentradas em um período de tempo muito pequeno de 8 anos, de 1914 a 1922, mas sobretudo vê-se que no triênio 1919-1921, no Brasil chegaram seis cartas em apenas 22 meses, uma concentração deveras incrível que demonstra o quanto pôde ser densa e contínua entre os dois ramos da nossa família. Pode-se quase dizer sem medo de contradição, que de ambos os lados de nossos ancestrais as informações eram dadas quase em tempo real, sobre tudo o que acontecia com seus parentes distantes!

Para provar a afirmação acima, eu lembro do meu avô Peppino em suas histórias de infância, que sempre insistiu muito no detalhe da correspondência: o meu avô me disse que sua mãe Rosa Morosini muitas vezes escreveu cartas para os parentes

no Brasil em nome do velho pai de Alexandre, o qual, na tentativa de convencer algum de seus filhos a se juntar a ele na Itália, sugeria à nora de escrever que "*na Itália é sempre uma primavera*", e outras coisas semelhantes. Percebe-se como estas cartas escritas "por conta de terceiros" eram muito controladas pelo velho patriarca que, deliberadamente, decidiu contar inverdades apenas para atingir seu objetivo.

É realmente uma pena que ninguém na Itália tenha preservado as cartas recebidas do Brasil, pois teria sido muito bom e útil para saber como os irmãos brasileiros comentavam sobre o que estava acontecendo na Itália, mas também saber o que diziam sobre tudo o que acontecia em sua terra natal brasileira.



Os irmãos que escreveram para Rosa foram: Angela, Eliseu, Francesca e Vittorio, os cunhados: Agostinho Nava e Rosa Morosini (fotografias - anos 10s e anos 20)

Analisando e sintetizando tanto quanto possível cada uma destas cartas podemos reconstruir todas as notícias que Rosa recebeu durante estes anos e podemos facilmente intuir o seu estado de ânimo cada vez que ela lia uma dessas cartas.

A carta mais antiga que sobreviveu até os dias atuais é datado de 01 de dezembro de 1914 e, imediatamente a partir desta primeira carta, descobrimos que a correspondência não era sempre portadora das boas e serenas notícias, mas, pelo contrário, em todas as cartas encontradas, se vê como estas eram uma forma de desabafo dos filhos oprimidos pelo jugo despótico do velho pai de Alexandre. Esta primeira carta foi escrita por sua irmã mais nova, Ângela e seu marido Agostinho Nava. Não é completa porque falta totalmente uma área equivalente a um quarto da carta, mas também é muito interessante, porque se vem a saber notícias muito importantes sobre a vida familiar, num período em que o mundo começava a ver os primeiros passos sangrentos da I Guerra Mundial que em poucos meses iria perturbar a vida dos italianos.

Esta carta, que começou como de costume a tranquilizar em relação à boa saúde que gozavam todos os parentes italianos (praticamente era uma abertura com palavras típicas de cada carta) torna-nos conscientes dos seguintes fatos:

- O velho pai Alessandro estava cada vez mais mesquinho e até mesmo havia piorado em seu já duro caráter, de tal modo que os filhos do Brasil teriam dificuldade de reconhecê-lo.
- Ângela ainda não havia recebido sua parte do dote que seu pai havia lhe dado (por intercessão da mãe falecida)
- Eliseu, no ano novo, iria partir para o serviço militar, apesar de todos os esforços feitos por seu pai para mantê-lo em casa (porque tinha a intuição de que a guerra que acabara de começar, em breve envolverá a Itália).
- Francesca queria se casar, mas o pai não concordava com o casamento porque queria que ela ficasse em casa para ajudar a família.

A segunda carta preservada por Rosa também foi escrita pela jovem irmã Ângela, no dia 04 de novembro de 1917, quase três anos após o primeiro. A Itália estava totalmente devastada pela Grande Guerra que mesmo poucos dias antes tinha atingido o seu pico negativo para a nação. Já na abertura desta carta se lê a angústia em que vivia sua irmã Ângela: as palavras de abertura em que ela fala da boa saúde de toda a família se parece com um "dever" mas que sobre isso não se pára, mas se passa rapidamente a escrever sobre todas as suas preocupações relacionadas com a guerra: os alemães (como os chamava Ângela, mesmo que eles fossem o exército austro-húngaro), poucos dias antes infligiram à Itália a famosa derrota de Caporetto e agora estavam avançando mais e mais no território italiano (apontando para Veneza ganhando todo o nordeste). Bérgamo estava muito longe do teatro de guerra, mas isto não era suficiente para manter a calma de Angelina que estava com medo de ter que fugir a qualquer momento, deixando sua casa e todos os seus pertences.

Para o que diz respeito à nossa família, verifica-se que esta carta:

- Agostinho Nava foi um dos primeiros a sair para a frente de guerra e por muito tempo não havia notícias dele, nem se sabia se ele ainda está vivo
- Emanuele e Vittorio partiriam para a frente de guerra no dia imediatamente seguinte a esta carta, apesar dos esforços desesperados de Alessandro.
- O velho pai Alessandro, encontrando-se sem os filhos que dirigem a fazenda, decidiu arrendar a terra com a fazenda para os vizinhos Colzani, e se transferiu com todas as mulheres e as crianças para uma pequena fazenda situada no centro da cidade, apenas atrás da igreja, e chamou para junto de si as duas filhas casadas Ângela e Francesca, porque seus maridos estavam todos na frente da guerra.
- Eliseu, que agora era militar há 2 anos, estava na Albânia, mas apesar de tudo, a situação era descrita como tranquila.
- Vittorio não pode suportar a interferência do velho pai Alessandro e, por esta razão há 6 meses os dois não estão mais se falando(o que cria confusão e problemas para toda a família). Angelina recomenda, no entanto, à sua irmã Rosa

para não fazer menção a isto quando ela escrever a seu velho pai Alessandro, porque ela tem problemas suficientes e não quer participar dessas discussões.-A Itália está atingido por um "grande carestia" e por isso, mesmo havendo dinheiro, é difícil de encontrar comida.

A terceira carta foi escrita por Eliseu, o irmão mais novo, dois anos após a precedente, ou seja, 16 dezembro de 1919. A Grande Guerra já terminara há pouco mais de um ano, mas, apesar de seus efeitos desastrosos sobre a fraca economia italiana, os ânimos ainda estavam cheios de gratidão pelo desaparecimento do perigo, e pelo fato de todos terem voltado para casa com segurança .

A partir desta carta, descobrimos que:

- Eliseu voltou para a família no dia 30 de outubro são e salvo. O serviço militar durou, por sua própria admissão, 4 anos e 10 meses, e as dificuldades que encontrou foram tantas que, em alguns casos, ele duvidava que iria sobreviver.
- Vittorio e Emanuele também estavam de volta são e salvos da frente de guerra
- .- Depois de anos de preocupações relacionadas com a guerra, agora, finalmente, a família tomou a vida de todos os dias, tanto que o velho pai Alessandro comprou mais parcelas de terra para as necessidades da família
- A irmã Antonia estava casada há dois meses com o rico Francesco Galliani
- Poucos dias antes, na Itália, recebeu uma carta de um tio de Porto Alegre, que anunciou a morte de outros dois tios, Batista e Fermo. Essas pessoas são ainda completamente desconhecidas e se supõe que possam ser dois irmãos mais velhos do velho pai Alessandro.

A quarta carta que foi escrita, Rosa a recebeu de sua irmã Francesca, escrita em 24 de Fevereiro de 1920 e merece ser analisada em sua totalidade porque esta carta mais do que qualquer outra, nos levou à conclusão, estabelecida no início deste capítulo, relativa a "importância absoluta de Rosa para o fato de ser a guardião da VERDADE '.

Já em 1917, antes de os irmãos do sexo masculino partirem para a Grande Guerra, sua irmã Francesca, casada há apenas dois anos, começou a sofrer de uma misteriosa doença que nenhum médico pôde diagnosticar e erradicar. A jovem, apoiada pela família de seu marido, ia para cada especialista conhecido, na tentativa de se curar, mas cada tentativa era em vão, e sua saúde se deteriora mais e mais. Ela precisa de medicação constante e em algum momento ela se encontrava sem dinheiro.

O marido Agostinho Pesenti foi obrigado a emigrar para a França a fim de ganhar o dinheiro necessário para cuidar de sua jovem esposa, que desde então deu à luz dois filhos. Neste ponto, Francesca começou a voltar-se para seu pai para a assistência financeira, mas mesmo diante de uma desgraça semelhante, o velho Alessandro balançou a cabeça e disse que agora ele não tinha mais que tomar cuidado dela!

Nós não sabemos se Rosa (e todos os irmãos brasileiros) durante estes anos foram mantidos constantemente cientes da precária saúde de sua irmã Francesca. Parece incrível que apenas 2 meses antes, seu irmão Eliseu escreveu na carta que "go-

zava de boa saúde e também toda a família." A coisa nunca foi esclarecida e, infelizmente, está destinado a permanecer para sempre no esquecimento do tempo.

O quadro clínico de Francesca piorava sempre mais e depois de uma provação que durou três anos, com medo de seu destino que parecia inevitável, dilacerada pela preocupação com seus filhos que eram bebês e do marido longe, mas também psicologicamente destruída pela crueldade do pai, que se recusa a pagar o tratamento dela, Francesca tomou as suas últimas forças para escrever uma carta desesperada para Brasil.

Houve sempre uma decisão de escrever aqui esta carta na íntegra, mesmo para dar a todos uma chance de tirar o máximo proveito de todo o sofrimento, preocupação e horror que teria tomado conta de todas as pessoas que teriam tomado conhecimento destas poucas e entristecedoras linhas Esta carta deve ter sido um verdadeiro golpe para o coração de Rosa!

Covo, 24/02/1920

Querida irmã e cunhado.

Com muita dor eu te devo fazer saber das minhas tristes condições de saúde.

Há 36 meses que estou doente a ponto de não poder servir-me sozinha.

Eu tentei de tudo, cada mês, a fim de recuperar a minha saúde. Eu experimentei em casa e no hospital de Bérgamo por dois meses; fui aconselhada a ir a Gênova para um especialista, e eu fiquei lá por quatro meses no hospital com gastos 0,11 libras por dia, e agora estou em casa, e eu estou ficando pior a cada dia.

Outra coisa que pode agravar a minha longa e dolorosa enfermidade é "nosso pai!" O egoísmo com esse dinheiro! Acredite sobre o meu nome e da cabeça da minha duas crianças: nosso pai nunca teria me oferecido um copo de água, se custasse cinco centavos.

Você sabe o que acontece? Além disso, acontece que o nosso pai fez um testamento, e já sabemos como isso é feito: para nós, mulheres, está destinado 5.000 libras. Quando, em vez, os irmãos ficam com mais de 60.000 libras cada um. Veja qual é a proporção que há! E ninguém pode dizer nada, pois ainda conserva esse perverso caráter.

Termino com a esperança de que, com a tua primeira carta possas dizer algo a nosso pai, sobre mim, porque agora eu realmente preciso de um socorro

Ao ver o meu marido e a sua família, o quanto eles têm feito por mim, quanto e quanto dinheiro eles gastaram, e nosso pai, que possui muito mais dinheiro do que a família Pesenti, nunca contribuiu para uma pequena despesa para mim, nunca, nunca, nunca.

Eu te escrevi várias vezes, mas eu nunca tive qualquer resposta direta para mim.

Saudações infinitas para você e para toda a tua família: saúda em meu nome também os nossos irmãos, e conta-lhes sobre a minha triste condição de saúde,

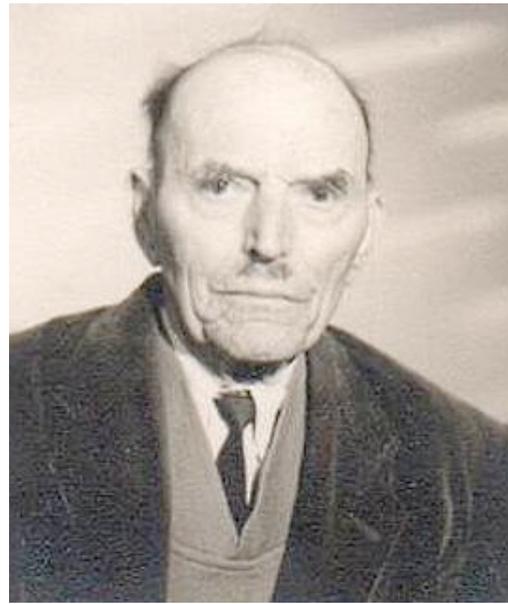
Eu termino porque eu não aguento mais, minha querida (irmã) Estou esgotada; as forças físicas todos os dias estão desaparecendo, e agora eu tenho uma perna morta, e eu tenho que me servir das muletas, e o busto de metal dia e noite.

*Saudações Infinitas.
Eu sou sua irmã amada.
Francesca*

Esta carta não precisa de comentários! É o triste desabafo de uma jovem mulher, exausta das injustiças perpetradas por seu pai em nome do deus do dinheiro. Uma vez que havia pago um dote para sua filha, agora pertencia inteiramente a seu marido, como se fosse uma mercadoria, e ele não tinha obrigação de qualquer tipo para com ela. Com esta carta, endereçada a sua irmã Rosa de Nova Trento, preservada até os dias atuais, a figura do velho Alessandro fica uma vez mais desmascarada, e entregue ao julgamento da posteridade, em toda a sua real crueldade!

Nós não sabemos o que aconteceu depois desta carta, não sabemos como se comportaram os irmãos do Brasil e da Itália. Não sabemos se o velho Alessandro cedeu às de suas convicções absurdas, mas agora não havia tempo para fazer qualquer coisa: dois meses depois, na manhã de 22 de abril, depois de receber a consolação espiritual, Francesca alcança a paz eterna com a idade de 26 anos.

Quem sabe se o velho pai Alessandro, pelo menos nesta ocasião, tenha sido tocado por um sentimento de culpa ...



Francesca Tirloni ed Agostino Pesenti (fotografia - anni '10 ed anni '50)

A quinta carta veio de Eliseu, e escreveu no dia 30 março de 1920, um mês após a carta muito triste de Francesca. Verdaderamente surpreendente - para não dizer até, um absurdo – é que, neste caso, as palavras de abertura usadas por Eliseu foram sempre as mesmas: "Estamos todos contentes por saber que a vossa saúde é perfeitamente ótima, e eu possa também garantir-lhes a nosso respeito em família" . Apenas três semanas depois de sua irmã Francesca morrer! Quase parece que ninguém na casa queria ser muito consciente do que estava acontecendo, mesmo se as péssimas condições em que se derramou Francesca eram visíveis por qualquer um.

Esta carta nos faz saber o seguinte:

- O velho pai Alessandro nunca quis que os filhos freqüentassem escolas, tanto é verdade que todos tiveram que arranjar-se por própria conta para aprender a ler e escrever.
- Na Itália, a crise econômica tornou-se muito pesada, e Eliseu para provar isso faz uma lista do aumento nos preços de muitos alimentos, comparando-os com o aumento menor dos salários.
- Eliseu, cansado da vida na Itália, gostaria de voltar ao Brasil, mas o velho pai Alessandro não permite que ele possa realizar seu sonho porque a viagem custaria muito. Eliseu, por seu lado, pergunta a Rosa se para ele haveria trabalho no Brasil. O pai finalmente rebateu Eliseu comentando que ele era uma "cabeça maluca".

A sexta carta veio de Ângela e seu marido Agostinho, e é escrita quase um ano depois, em: 21 de fevereiro de 1921. Nesta carta, agora, a vida de todos os dias assumiu o predomínio dos maus momentos que tiveram durante a guerra, e as atenções de todos são dirigidas aos vários problemas familiares e à crise econômica sempre presente. As notícias que são tiradas dessa carta são os seguintes:

- A família da falecida irmã Francesca - de acordo com Ângela - conseguiu encontrar um equilíbrio que lhe permite viver calmamente. Somente a única filha de Francesca, que tem pouco mais de um ano, é guardada por uma ama de leite.
- O velho pai Alessandro está cada vez mais intratável, tanto que seu irmão Vittorio decidiu abandoná-lo e ir com sua família longe da fazenda Battagliogna.
- Ângela desabafa, dizendo que ela não recebeu um bom tratamento de seu pai, porque não lhe concedeu todo o dote que teria direito, enquanto que para as outras irmãs Vitoria e Antonia ele foi muito mais magnânimo. Nesta ocasião - ao contrário de quando escreveu sobre as divergências entre o pai e seu irmão Vittorio
- Ângela pede expressamente à sua irmã para interceder por ela junto de seu pai para fazê-lo rever sua posição.
- Devido à grave crise econômica na Itália, a vida estava realmente difícil, então Ângela e seu marido Agostinho estão considerando seriamente a possibilidade de vir para o Brasil e pedem conselhos à sua irmã Rosa.

Agostinho, na parte escrita por ele, reitera o que já foi afirmado pela esposa escrevendo textualmente no início da carta: "Aproveito esta oportunidade de unir este meu pequeno bilhete, para notificar os maus tratos que estão sendo feitos na família de seu pai." Com sua escrita Agostino nos faz conscientes de muito mais detalhes, e também de seus julgamentos como observador "externo" à família:

- Vittorio, que deixou a fazenda de seu pai Alessandro, realmente vive fazendo serviços diversos: ele é forçado a fazer mesmo os trabalhos mais braçais, como caçar as toupeiras para vender a pele para poder alimentar a sua família

- Nenhum dos irmãos Tirloni se mexeu para defender sua esposa Ângela que reclamava apenas a parte do dote que lhe cabia. Comentário de Agostinho é que este comportamento pode ser procedente da ganância por parte de todos.
- O velho Alessandro, que ainda mantém o controle total da economia familiar, fez com que certos investimentos ou decisões acabaram por não serem dos melhores, e isso tem irritado todos os filhos que se rebelaram contra. Agostinho não teve nenhum problema de definir essas escolhas feitas pelo sogro como verdadeiros "absurdos".

A sétima carta chegou mesmo de seu irmão Vittorio, e foi escrita exatamente um mês após a anterior: 20 de março de 1921. Foi uma sorte que foi guardada esta carta - a única sua carta que chegou aos dias de hoje – porque o argumento mais crucial que tanto preocupava toda a grande família naquela época, era essa briga entre Vittorio e seu pai, Alessandro, que o levou ao abandono da sua família. Neste breve carta Vittorio confessa que:

- Tudo o que se ouve dizer sobre ele é infelizmente verdade, pois de fato ele e sua família estão passando por um período muito ruim
- Não pode registrar-se na lista de colocação para os desempregados, por ser filho de um homem rico, por isso mesmo, mesmo querendo, não pode se separar do pai que, com sua dureza, o levou a fazer um gesto tão extremo.
- Sempre leva nos relacionamentos com o velho pai de Alexandre o respeito que lhe é devido como um pai, mas não experimenta mais nos seus relacionamentos a atenção sincera e o carinho que se esperaria de um filho.
- A família de sua esposa ajuda-o financeiramente pelo pouco que pode, mas, a fim de poder alimentar a família, é forçado a trabalhar dia e noite, contentando-se com todas as pequenas oportunidades que oferece um mercado econômico em plena crise.
- Ele examinou certamente muitas vezes a idéia de voltar para o Brasil com sua família, tanto que até mesmo os seus dois filhos pequenos falam sobre isso, mas sua esposa ainda não está totalmente convencida.

A oitava carta foi escrita por seu irmão Eliseu, e é datada de 24 de outubro de 1921. Esta carta em si não leva ao conhecimento de coisas particulares, é muito curta, e sobretudo é um grande desabafo do jovem Eliseu, que pede encarecidamente ajuda a sua irmã Rosa, e neste seu incrível pedido de ajuda é muito direto, e deixa claro o fato de que simplesmente não é capaz de lidar com a situação despótica em que os familiares vivem. Esta carta não é nem sequer assinada. Eliseu está no auge de sua impaciência para não se debruçar sobre os formalismos, mas ele envia uma mensagem clara e direta. Desta carta verifica-se que:

- Eliseu pede aos irmãos brasileiros para fazer uma coleta entre si para enviar-lhe o dinheiro necessário para comprar um bilhete só de ida para o Brasil. Ele não tem dinheiro suficiente para pagar, e o velho pai de Alexandre não está absolutamente disposto a pagar.

- O velho pai Alessandro tornou-se realmente um verdadeiro monstro de maldade e chega a levar ao desespero até Emanuele (que dentre todos os irmãos deve ter sido o mais obediente e com o caráter mais suave)
- Eliseu também pensou em emigrar para a França (onde muitos dos habitantes de Covo decidiram emigrar, entre eles está também o cunhado Agostino Pেসenti, viúvo de sua irmã Francesca). Talvez apenas o suficiente para ganhar o dinheiro necessário para fazer a viagem para o Brasil – se os irmãos não sejam capazes de enviar dinheiro suficiente - mas não pode fazê-lo porque não tem dinheiro nem mesmo para fazer esta viagem.

A nona carta é a última que chegou até nós, escrita por sua irmã Ângela e leva a data de 14 de Junho 1922 (mas não temos certeza), e é também ameno útil para obter informações úteis sobre a família, mas também a mais difícil de entender. A única informação relevante está contida em uma breve passagem em que Ângela torna-nos conscientes do fato de que seu marido Agostinho, embora já tenham passado quase quatro anos, ainda sofre as consequências da guerra e deve passar por tratamento para tentar recuperar a saúde.

Além deste detalhe, toda a carta não é nada mais do que o típico desabafo solitário, mas desta vez as acusações de Ângela não são dirigidos apenas contra o velho pai, mas são dirigidas contra todos indistintamente. Desta vez, Ângela não pôde sequer manter um fio lógico em seus discursos, incorre em muitos erros, e em muitos termos coloquiais utilizados em conversas comuns, mas não adequados para uma carta, porque são pouco claros e é por esta razão que esta carta é realmente difícil de entender plenamente, e se tem que usar muitas vezes a livre interpretação. Por fim, a mesma Ângela se dá conta que faz tempo que continua a escrever as mesmas coisas, e de repente decide terminar a carta, admitindo que tem dificuldade de se explicar melhor.

Estas são, resumidas o mais possível, todas as cartas que Rosa recebeu dos irmãos em pouco menos de 8 anos, e podemos muito bem imaginar como se sentia Rosa ao lê-las. Analisando-as em sua totalidade pode-se ver como seria o estado de ânimo e a atenção de quem escrevia (os irmãos italianos) no curso desse decênio.

No começo, se fala sobre os problemas que a família passa todos os dias por causa do velho patriarca, mas o tom ainda é bastante calmo e resignado enquanto para claramente a apreensão criada pelo conflito armado que ainda tem poupado Itália, mas está cada vez mais perto. Percebe-se que durante o conflito, as raivas e os ressentimento foram reduzidos, porque havia coisas mais importantes para pensar. Depois da Grande Guerra, em toda a correspondência, se lê a alegria pela fuga do perigo, mas apenas passados alguns anos, estas preocupações foram esquecidos para dar lugar à decepção, ficando mais forte a revolta contra o velho patriarca (também alimentada pela profunda depressão que investe Itália).

Desde a primeira carta começamos a ler frases dirigidas contra o velho pai de Alexandre, e de fato se diz que seu mau caráter piorou ainda mais. Durante o período da guerra, não se faz menção disto, antes é só neste momento de objetiva dificuldade (em que há temores pela segurança de seus entes queridos lutando na frente de guer-

ra, longe de casa e não dando notícias) que se lêem palavras de gratidão e até mesmo de sincera preocupação para com o velho pai, Mas poucos anos mais tarde, todas as cartas se assemelham e acabam sendo autênticas e unânimes condenações do despótico patriarca.

Em ordem cronológica, Rosa ouve a respeito dos relacionamentos com seu pai estas palavras: *"Se você visse como se tornou o pai, não poderias acreditar", "São anos, em quando as coisas estão indo bem para o pai e para os ricos ... mas ele reclama sempre, com tanta graça de Deus que o rodeia "*, portanto se entende imediatamente o tom de crítica aberta contra ele.

Em tempo de guerra, pelo contrário, os tons são abafados completamente e de fato se lê: *"Papai fez tanto, mas tudo deu em nada"* e até mesmo *"se você visse a que estado nosso pai se reduziu ... já não sebe o que pensar também ele"*. Nesta passagem podemos ver pela primeira vez e talvez a única, o aspecto humano do despótico velho Alexandre. Pode-se colher toda a sua fragilidade e seu espanto diante da impotência dessa situação, muito maior do que ele, mas se lê, também, que os filhos, pelo menos nesta ocasião, reconhecem o mérito de terem feito todo o possível, e de não terem sido egoístas.

Até mesmo a irmã Ângela chega a defender seu pai (ela que muitas vezes, em vez, esteja na precedência das críticas, e que sobretudo no futuro acusa abertamente) pois escreve: *"Eu leio em sua carta que você quer saber alguma coisa de nosso pai, se ele tem raiva com vocês. Não duvideis disso, ele não tem raiva de ninguém, e não escreve porque está sempre ocupado no trabalho. Mas agora você vai ver que quando ele chegar perto de mim, e trabalho não tem mais, vai escrever mais vezes. "*

Esta passagem é realmente muito bela e podemos dizer quase doce: uma imagem em que a filha defende o pai, cobrindo suas fraquezas e faz dele uma boa imagem. É também útil, porque nos permite compreender que o velho pai não só cuida de assuntos de dinheiro e gestão burocrática da fazenda, mas ainda corre pessoalmente, até mesmo para o trabalho físico pesado, que envolve a fazenda, e isso mostra que o velho Alessandro, embora no momento já tivesse 65 anos (idade que já foi considerada como velha) ainda era um homem em plena força e vigor.

No início do período depois da guerra, os tons são ainda tranqüilos. A única queixa que se faz contra o pai Alessandro é uma crítica justa, devido ao fato de que ele nunca se preocupou em dar uma instrução para os filhos e, de fato, seu irmão Eliseu, recomenda a Rosa para fazer seus filhos estudar, dizendo: *"não faça como o nosso pai, que nunca pensou em nos enviar para a escola, todos nós crescemos grandes burros"*. Mas pouco tempo depois, os tons aumentam vertiginosamente, e um comentário que primeiro era: *"Papai não quer me deixar ir [para o Brasil], porque ele diz que custa muito dinheiro "*(uma simples referência sem muitos comentários), logo torna-se: *"Eu quero ir para o Brasil, para a companhia de todos vocês, porque na Itália eu não suporto meu pai, ele continua a ensinar-me o caminho, mas o dinheiro para vir para o Brasil ele não quer me dar.*

Realmente os tons tornaram-se cada vez mais aquecidos e pesados. Cada carta é um desabafo ininterrupto, mas também sempre mais pesado. Na verdade, parece

quase inacreditável que os comentários sejam unânimes em todos os aspectos, seja quem for que escreva.

Aqueles que vivem fora de casa escrevem coisas como: *"o pai é pior do que quando ele estava no Brasil"*, *"Papai nunca faz as coisas certas"*, *"eu sempre vou lembrar de nossa pobre mãe, mas o pai eu tenho certeza que não vai fazer as coisas certas, mesmo quando ele morre"* e ainda *"olhando para seus méritos, eu deveria fazer uma das minhas"*, *"eu respeito-o mais porque ele é nosso pai, mas ele com o seu interesse em sua conta [dinheiro =] também morreria de fome se não fossem os familiares de minha mulher para me ajudar um pouco"*, mas ao longo dos anos, o tom se deteriora tanto quanto a escrever: *"Eu quero estar longe para não ver mais ninguém"*, e até mesmo *"Eu posso dizer que eu não sou filha do papai por causa de erros que faz muito bem debaixo dos olhos."*

Até mesmo um cunhado (que Rosa nunca iria ver em pessoa), provavelmente irritado com o que ele vê na casa Tirloni, ele se sente na obrigação de fazer conhecer à desconhecida cunhada o que acontecia, só para destacar o fato de que ele, pessoa neutra, seja menos influenciável e mais objetivo em sua análise. Ele escreve no início da carta e sem qualquer preâmbulo: *"Aproveito esta oportunidade para unir este meu bilhete, para notificar os maus tratos que acontecem na família de seu pai"*, ele continuou a escrever: *"Eu nunca teria acreditado que era um homem tão egoísta para com seus filhos, que agora passam por necessidade"* e termina permitindo-se a sugerir a sua cunhada Rosa: *"., se você tem a oportunidade de escrever para lembrar o dever que é também seu dever de amar uns aos outros"*

Se já essas coisas parecem muito fortes, é preciso pensar que os piores comentários vêm de quem mora na casa com o velho pai de Alessandro. Para eles deve ser um real e contínuo martírio, tanto que se lê: *"Se você soubesse querida irmã, como se tornou o pai, ele nos faz sofrer todos por um centavo e não se pode tornar a vida um pouco melhor. Este é o presente que me faz, por vir para a Itália"*, *"Não se pode andar de acordo por um minuto, que nos deixa todos loucos"*, *"em casa com o pai eu não fico mais, porque eu tenho medo de que aconteça alguma coisa ... e eu ainda choro todos os dias porque eu não posso sair agora, porque ele não me dá um tostão."*

Além do mencionado até agora, no auge da lista de críticas, dos desabafos e dos desesperos, há a carta de Francesca, a irmã infeliz que perdeu a sua vida por causa de uma doença misteriosa, acusando o pai por ele nunca ter ajudado para curar-se, como deveria. Provavelmente esta pobre filha teria por certo, morrido, porém, pelo menos ela teria tido o consolo de ver seus pais cuidarem dela, ao invés de desinteressar-se completamente.

Essas são as cartas que recebeu Rosa. Cada uma delas deve ter sido um duro golpe para o coração!

Voltando ao que foi dito no início deste capítulo: A tia Cremilde Tridapalli disse que sua avó Rosina quando lia as cartas vindas da Itália sempre chorava muito ... mas deve ser dito que, em face de tais cartas, lhe restava de fato pouco de outra coisa para fazer, a não ser chorar !

Pobre mulher, podemos quase imaginá-la em sua casa grande em Nova Trento e talvez à noite, quando a agitação da sua pousada finalmente dava trégua, recordando o que tinha lido às pressas assim que as cartas lhe eram entregues, teria se sentado confortavelmente (talvez em uma cadeira de balanço, sempre presente em todos os lares daquela parte do Brasil) e, embora talvez cansada dos seus dias trabalhosos, ia reler com mais calma, ajudada pela fraca luz de uma lâmpada ou vela, e isolando-se do mundo ao seu redor, começava a pensar no que dizer a seus irmãos e seu pai assim tão distantes

Talvez a resposta a cartas tão pesadas e difíceis não viria logo. Talvez terá sido o resultado de reflexões com seu marido Carlos e os filhos mais velho, ou com as irmãs (no caso de se encontrarem) ou talvez até mesmo de algumas pessoas amigas de confiança da família (também se a delicadeza do caso, sobretudo naquele tempo, era aconselhável de manter tais assuntos bem fechado entre os muros da casa). E eis que ao fim de uma noite como tantas, Rosa sentava-se à mesa, pegava uma caneta e papel, e começava a responder. Também neste caso, parece quase pode ver sua silhueta agora grossa e grisalha, talvez sob a supervisão de alguns dos familiares, tomava a caneta, mergulhava-a na tinta, e com toda a devida seriedade e meticulosidade se punha a fixar para sempre no papel seus pensamentos e conselhos.

É uma pena que ninguém tenha mantido suas cartas de resposta!

4.4.3 – Os afazeres de Família

Após a análise de toda a correspondência da Rosa, nós nos concentramos sobre a descrição de sua vida muito ocupada e surpreendente, passada com seu marido Carlos, que a acompanhava e auxiliava ao longo de sua curta vida.

Como já foi mencionado, até recentemente, na Itália, realmente sabia-se pouco ou quase nada sobre este casal. As notícias sobre eles permaneceram confinadas e, naturalmente, eram bem conhecidas entre os seus descendentes, que poderiam realmente contar com material histórico, muito cuidadosamente preservado - especial-

mente pela Tia Cremilde Tridapalli - mas o tamanho desta família tinha causado que as várias memórias de Rosa e Carlos tivessem sido finalizadas, ao longo dos anos, e inevitavelmente divididas entre os vários descendentes que se mudaram, nesse meio tempo, para outros lugares do Brasil.

Para fazer esta reconstrução nós nos servimos especialmente da ajuda muito útil, recebida do primo Luiz Augusto Tridapalli Archer, que não se limitou apenas a partilhar conosco a sua riqueza de memórias e material preservado, mas mesmo entrevistou alguns velhos amigos e conhecidos que na juventude tinham conhecido pessoalmente Rosa e Carlos. Entre estes devem ser mencionados, em particular:

- Carlos Luiz Tridapalli, chamado de "tio Nenê" (84 anos), neto mais velho de Rosa e Carlos, e que sempre viveu em estreito contato com estes seus avós paternos.
- Durval Luiz Maestri (88 anos), filho de Albina Tirloni Maestri, sobrinho de Rosa e Carlos, que ia muitas vezes visitar esses tios em companhia de seus pais
- Lina Carmelina Tomazoni (89 anos) e Rosa Maria Orsi Archer (85 anos) neotrentinas amigas das filhas de Rosa e Carlos, que passavam muito tempo na casa de Rosa e Carlos. e que também muitas vezes ali ficavam para dormir
- Francisca Andriolli viúva Tirloni (92 anos) neotrentina desde o nascimento e nora de João Tirloni, irmão mais novo de Rosa
- * Mercedes Maria Tridapalli Franzoni, Francisco Tridapalli e Maria Aparecida Tridapalli Archer, irmãos mais novos de Carlos Luís, também sobrinhos de Rosa e Carlos, mas que nunca se encontraram com eles, ou eram crianças na época de sua morte
- Ramon Tridapalli, filho mais velho de Carlos Luiz, portanto bisnetos dos mais antigos de Rosa e Carlos, mas que não conheceram esses bisavós

Para fazer essas entrevistas, o primo Luiz Augusto não teve nenhum problema de fazer longas viagens, mas seu esforço realmente trouxe à luz uma grande quantidade de material (além de histórias) que seria uma pena perdê-las para sempre, com o desaparecimento dessas preciosas testemunhas.

Estou quase certo de que o mesmo primo Luiz Augusto, no curso dessas entrevistas, encontrou coisas para ele mesmo - muito apaixonado e especialista em história da família - desconhecidas! Sua perseverança, amplamente premiada pelos excelentes resultados alcançados, serve de exemplo e, especialmente, a ele a nossa gratidão sincera por tudo o que ele fez!

Olhando para todas as entrevistas realizadas por Luiz Augusto, de imediato se tem uma clara confirmação de um detalhe interessante - uma das poucas coisas já conhecidas desde sempre - que Rosa e Carlos eram muito ricos. Pode-se até fazer uma hipótese que, entre todos os 11 irmãos Tirloni (excluindo-se o irmão Ângelo que morreu prematuramente no mar durante a viagem de volta para a Itália), Rosa teria sido, provavelmente, a mais rica de todos!

Certamente não é fácil de estimar a riqueza de uma família, e ainda mais difícil de comparar com a de outras famílias. Mas certamente existem alguns dados objeti-

vos que podem ser referenciados e, certamente, não podem levar a engano. Portanto, uma vez ouvidas todas as histórias destas onze famílias, podemos fazer uma idéia preliminar e, com base nisso, elaborar uma "classificação" hipotética, mas isso não é suficiente.

Primeiro é preciso "contextualizar" o quanto mais possível de acordo com os lugares e o período histórico, uma vez que é preciso lembrar que estes onze irmãos viveram em épocas diferentes (19 anos certamente não são poucos, especialmente quando intercalados com guerras e com progresso rápido avançado) mas acima de tudo, em lugares diferentes. Essas diferenças podem ter grandes vantagens ou desvantagens em termos de oportunidades para os empreendedores individuais. De fato, o potencial econômico que o Brasil ainda rural, poderia oferecer, nos anos 20 e 30, certamente não pode ser comparado aos oferecidos pela industrializada Itália! dos anos 50.

Olhando para as histórias de todos os irmãos Tirloni pode-se dizer, sem medo de contradição, que no ranking dos que fizeram render mais seus talentos, para ganhar o pódio, há três irmãs: Joana, Rosa e Antonia. Mas qual delas pode estar no topo?

Apenas para confirmar todas as considerações feitas acima, devemos descartar a irmã mais nova Antonia, porquanto viveu em um período mais recente, e em um mundo com mais oportunidades. Portanto, foi muito mais favorecida do que as outras, mas além disso, temos de acrescentar outro critério : o mérito.

Usando este critério deve-se certamente também "eliminar" desta competição a Antonia, porque toda a sua riqueza era devida unicamente ao casamento excelente com o rico Francisco Galliani, que tinha uma grande capacidade empreendedora na direção de sua empresa de construção. Antonia, em si, tinha contribuído apenas com o seu dote (maior do que o dado para as outras irmãs por seu pai Alessandro), mas por toda a sua vida de casada nada fez para ajudar o marido, porquanto sempre foi uma dona de casa. No máximo, esforçou-se para administrar da melhor forma a fortuna deixada pelo seu marido, que morreu 10 anos antes dela.

A esta altura, precisamos entender que entre Joana e Rosa, as duas mais velhas de todo o grande número de irmãos, (nascidas um pouco mais de um ano longe uma da outra, e também mortas em datas próximas, e que portanto viveram na mesma época) qual seja a mais meritória. Nisto é preciso fazer uma distinção dos méritos, enquanto sabemos, com certeza, que Joana trabalhou duro, mas foi muito ajudada por seu marido João Morelli - homem de grande tino comercial - que teve um papel muito ativo nas decisões financeiras da economia familiar, enquanto que pelas histórias proferidas pelos velhos, veio-se a saber que Rosa fez praticamente tudo sozinha, porque só ela cuidava da gestão financeira da grande família Tridapalli!

Não se podendo quantificar com suficiente certeza a fortuna das famílias de Joana e Rosa, pode-se concluir dizendo que talvez Joana teria sido a irmã mais rica, mas Rosa era definitivamente e sem dúvida, a de maior merecimento, por causa de sua riqueza incrível, e portanto, a ela vai o degrau mais alto do pódio!

Além do aspecto há pouco tratado da grande riqueza (que, como foi mencionado, era um aspecto já conhecido) há muitas outras coisas que são realmente bonitas, interessantes e até curiosas, que surgiram através das várias entrevistas. Nos foi dada a oportunidade de poder analisar a partir de diferentes pontos de vista (às vezes também pouco clementes) as figuras de Rosa e Carlos, e isso permitiu-nos reconstruir um quadro muito completo e detalhado da vida de cada dia da família Tridapalli.

Primeiro, vamos falar sobre o que os levou a serem tão ricos: ou seja, o seu trabalho. Rosa Tirloni e Carlos Tridapalli tinham um terreno enorme localizado na principal rua de Nova Trento, no Bairro Besenello - este é o nome do bairro onde viviam - e por esse motivo, ao lado da casa em que viviam, tinham erguido uma loja de conveniência (uma venda, como se diz em Português). Não sabemos exatamente em que ano foi construída esta loja, e nem sabemos ao certo, se este era o empório original dos pais de Carlos, mas a sua presença neste lugar foi tão significativa, e marcou muito a memória de todos os neotrentinos, a ponto de que hoje em dia esta estrada foi renomeado precisamente com o nome de "Rua Carlos Tridapalli".

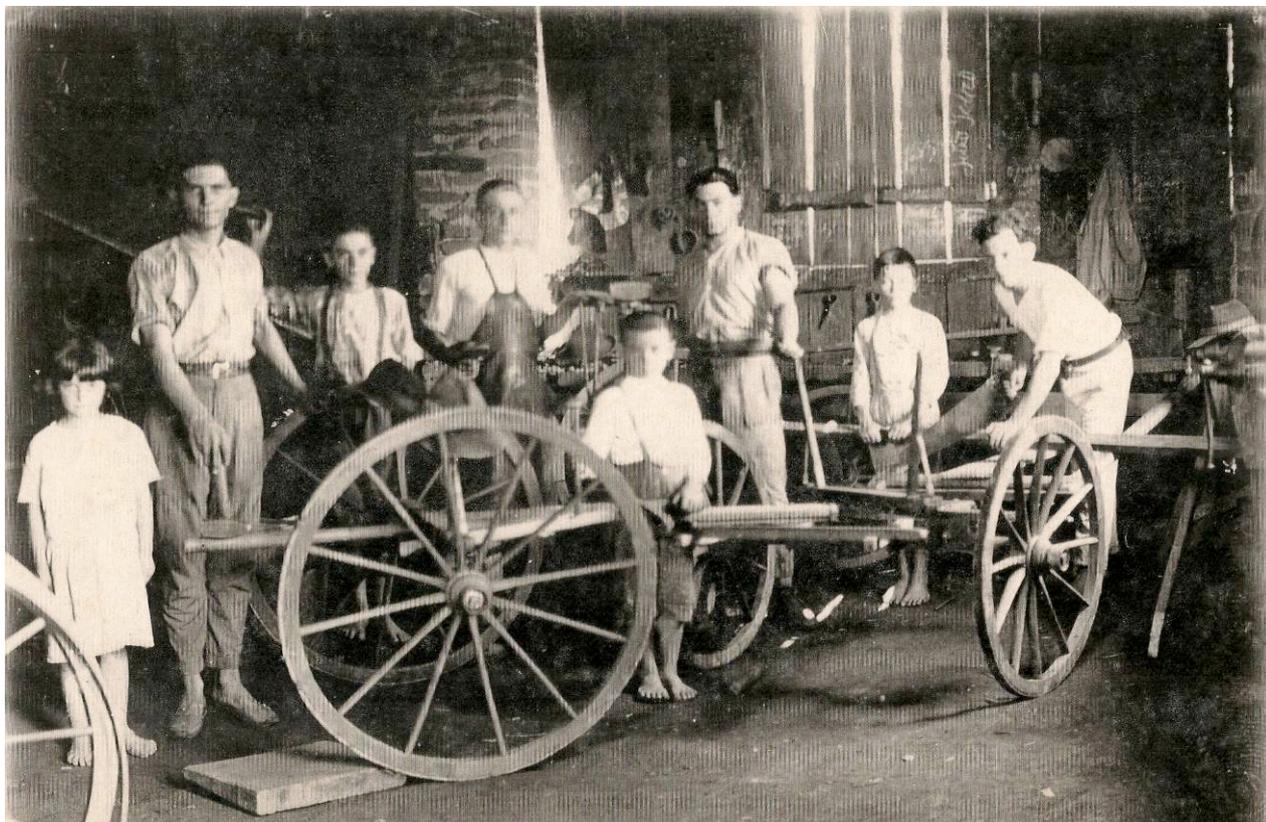
Este empório dos Tridapalli era muito grande, com 4 vitrines e degraus muito elevados (detalhe muito notável que ocorre na memória de todos), em que se podia encontrar qualquer coisa! Lendo os três grossos livros das contas, cuidadosamente compilados por Rosa, e que ainda são guardados pelo primo Luiz Augusto, mas também ouvindo as histórias dessas velhas testemunhas, de fato, no empório Tridapalli se podia comprar de tudo, por exemplo:

- Alimentos como carne, banha de porco, farinha, pão, manteiga, milho, queijo, biscoitos, açúcar, canela, cravo, ovos, peixe como o bacalhau, farinha de milho, salsicha, peixe seco, sal, etc. (Tudo isto era armazenado em um grande depósito.)
- Bebidas como vinho, licores, cachaça, etc. (o que podia ser vendido tanto em garrafas, como em copos individuais, caso algum cliente pedisse para tomar um aperitivo.)
- Bens de necessidade, como: azeite de oliva, sal, sabão, fumo, velas, tecidos, algodão, roupas, papel, etc.
- Várias ferramentas como: pregos, cordas, serras, tesouras, material de costura, etc.
- Remédios (a velha senhora Lina Tomasoni informa que na loja Tridapalli era um dos poucos lugares onde se podia encontrá-los).

Este empório era construído em um terreno verdadeiramente grande, onde, além da loja e do armazenamento de alimentos, Rosa e Carlos, ao longo dos anos, também tinham criado uma pousada para dar hospedagem aos viajantes que passavam por Nova Trento. Os hóspedes deste hotel eram, em sua maioria, pessoas que vinham de Tijucas, Porto Belo, e Florianópolis, que se dirigiam a Brusque, ou que tinham vindo especialmente para Nova Trento para ir em peregrinação ao Morro da Cruz. Mas acima de tudo, eram principalmente comerciantes, chamados de "tropeiros", que vinham das montanhas do oeste do estado de Santa Catarina, a região co-

nhecida como Planalto Serrano (ou Serra Catarinense) e, principalmente, a partir da cidade de Lages.

Estes comerciantes traziam consigo: carne seca, queijos, peles de animal, diretamente do Planalto Catarinense, e os trocavam por produtos que podiam encontrar em Nova Trento, como sal e outros produtos. Estes comerciantes vinham com seus cavalos e carruagens, comiam e dormiam em Nova Trento. Era mesmo para oferecer aos clientes um serviço completo que Rosa e Carlos decidiram iniciar o que foi chamado de "Ferraria" com estrebarias para o cuidado dos cavalos e das carroças. Estes comerciantes vinham mesmo em grupos com 10 ou 12 cavalos e, além de encontrar um ponto de descanso para eles mesmos, também podiam fazer qualquer tipo de manutenção necessária de suas carroças e dos cavalos, que durante o período de parada, eram guardados e tratados no "pasto", um grande pasto que estava perto da pousada e do empório.



Ferraria Tridapalli em Nova Trento (fotografia - anos 20s).

Luiza ??? , ??? , Josè Erbs (futuro marido di Albertina Tridapalli), ??? , Luiz Carlos, Vitorio, ???

O edifício, no piso térreo abrigava a Ferraria, tinha no plano superior os quartos os podiam dormir os diversos viajantes que paravam na pousada.

Adjacente ao terreno em que se situava a loja, a taberna, a ferraria e o pasto, havia um grande portão que dava para um caminho que levava à vasta terra de propriedade da Rosa e Carlos, que era usada para plantações e pomares, onde eram cultivados arroz, mandioca, fumo, milho, batatas de todos os tipos, cana-de-açúcar, legumes, frutas cítricas. Nesse terreno também foi levantado, com o tempo, um edifício, onde foi instalada uma fábrica de fazer farinha.

Uma parte desta terra também foi deixada livre para a criação de animais, como: porcos, galinhas e vacas. Tudo isso servia para ajudar a sustentar seja a família como a loja e a pousada. Criavam também cavalos, e alguns eram de uma boa raça, e entre eles estava um "Baio", com sua característica cor marrom claro, que era provavelmente o mais valioso.

Os negócios da família Tridapalli, no entanto, não eram apenas concentrados no empório e na atividade receptiva. Tendo surgido uma oportunidade extra para aumentar a sua renda, Carlos e Rosa começaram, no bairro de Vígolo (outra localidade de Nova Trento) um "fecularia" que era uma fábrica para o tratamento de mandioca da qual era extraída a farinha (mais um ingrediente da comida brasileira).

Rosa e Carlos conduziam todos estes negócios auxiliados por todos os seus sete filhos (principalmente: Luis Carlos na ferraria, Vitorio na fecularia, Eliseu no empório) e outros membros da família. Mas, naturalmente, para executar todo esse aparato era necessário a ajuda de muitos outros funcionários. Estes trabalhadores - em alguns casos, famílias inteiras - foram inevitavelmente viver em Nova Trento, a fim de estar perto do local de trabalho. Foi assim que Carlos e Rosa tiveram a idéia de construir, em terrenos que possuíam, algumas casas pequenas e simples (provavelmente de madeira) que foram alugadas para os seus próprios trabalhadores.

Pode-se ver, portanto, como a atividade econômica da Rosa e Carlos foi de vital importância para toda a comunidade de Nova Trento, porque era o pivô em torno do qual girava a sobrevivência de muitas pessoas, e colaborou para o desenvolvimento da cidade. Podemos realmente dizer que este casal foi fundamental no crescimento, na emancipação, e na urbanização de Nova Trento!

A partir das histórias transmitidas por testemunhas oculares antigas, sabemos que, naquela época, havia apenas dois empórios na cidade de Nova Trento: o dos Tridapalli e outro, no Bairro do Salto, de propriedade da família Archer, mas que, no entanto, era muito menor .

Quanto à fecularia, os velhos dizem que esta foi a primeira construída em Nova Trento, e que Carlos a tinha construído inteiramente com suas próprias mãos (um sinal de que tinha boas habilidades manuais, assim como o talento - visto que realizava uma coisa sem poder "copiar " de algo semelhante). Mas o interessante é que o velho tio Nenê lembra-se bem - e ele quer fazer notar - que a idéia de realizar isso, não era do seu avô Carlos, mas de sua avó Rosa!

Esta história apenas relatada nos permite abordar a questão que me levou a considerar Rosa como a "vencedora" no ranking para a emancipação dos irmãos Tirloni. Carlos e Rosa foram reconhecidos por todos como comerciantes muito fortes e ricos. Eram também proprietários de muita terra, e tudo isto - de acordo com o velho tio Durval Luiz Maestri - tinha feito rapidamente estes seus tios serem a família mais rica de Nova Trento. Todos estes testemunhos antigos concordam que Rosa era uma verdadeira especialista nos negócios, e a cabeça indiscutível da família Tridapalli. Como nos contavam os velhos com sua maneira de dizer, ela era "a mão direita".

O velho primo Carlos Luiz Tridapalli, seu neto mais velho, diz que a avó Rosa era muito capaz, experiente e responsável nos negócios. Era uma comerciante muito hábil, mas também uma trabalhadora incansável, que era capaz de fazer praticamente tudo, sem problemas, e manter sob constante controle todas as atividades que tinha iniciado. Ela, aliás, era também muito exigente em relação a todos os seus funcionários e seus familiares.

O avô Carlos, por outro lado, só não gostava de atender às questões econômicas e burocráticas. Ele nem tinha atração pelos negócios. Era um homem forte, de ação, e preferia em primeiro lugar o trabalho físico. Arriscando um extremo palpite, embora hoje em dia possa parecer incrível, Carlos preferia mais dobrar as suas costas nos campos, ou na ferraria ou na feclaria, em vez de esquentar a cabeça sobre os livros da contabilidade.

Eis, então, que enquanto seu marido Carlos suava no trabalho braçal, (mas, obviamente se fosse preciso ajudar, ele também iria atrás do balcão da loja), Rosa tinha total poder de decisão e gerenciava todo este grande império econômico. Dirigia com total autonomia a loja, a taberna, a ferraria, a feclaria e também todos os funcionários que giravam em torno deste grande negócio.

Em suma, é opinião unânime das testemunhas, que o negócio da família prosperou exclusivamente graças a ela. Rosa era a cabeça, e todos os seus familiares eram os braços!

Ouvindo essa história se chega facilmente a um paralelo óbvio entre Rosa e seu pai Alessandro (o nosso patriarca famoso), que como sabemos, tinha uma habilidade empreendedora e uma visão de negócios realmente incrível.

Ouvindo as histórias de todos os irmãos Tirloni, se percebe como na maioria dos casos, a tendência paterna foi transmitida e bem marcado no DNA de todos eles. Alguns mais outros menos, todos tiveram um sentido apurado para negócios. Em quase todos os núcleos familiares criados pelos filhos do patriarca Alexander, a economia da família sempre foi gerida pela família Tirloni (seja o marido ou a esposa). É claro que isso não quer dizer que todos os irmãos Tirloni eram empresários ou empresárias qualificados. Só estou dizendo que a maior parte do tempo foram eles que mantiveram um olho no banco, e fizeram face às despesas, tomando decisões econômicas.

No caso de Rosa, pode-se até dizer que ela percorreu, de uma forma mais moderna, os mesmos passos feitos há muitos anos atrás por seu pai. O fez não em trabalho rural, porque ele apostou tudo na exploração dos recursos naturais, como a madeira (negócio que já estava em vigor há décadas) Ao passo que ela percebeu o potencial que podia oferecer não só aos habitantes, mas acima de tudo aos viajantes que passavam por Nova Trento, e ela lhes ofereceu quanto mais serviços possíveis, obtendo assim a sua grande fortuna.

Voltando às histórias transmitidas pelos velhos testemunhas oculares, chega-se a descobrir que Rose não tinha herdado de seu pai apenas as competências empresariais e a visão de negócios, mas também a enorme coragem, e até a ousadia: em uma época em que não só era considerado perigoso, mas também impróprio para uma mu-

lher viajar sozinha, Rosa não se importava com essas coisas, e até mesmo ela costumava viajar sozinha, muitas vezes!

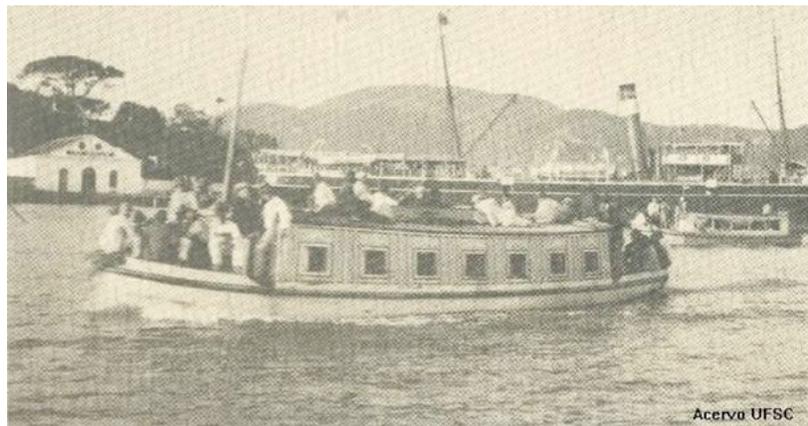
Dizem que até mesmo muitas vezes se dirigia para Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina (cidade, que é cerca de 100 km de Nova Trento), para negociar pessoalmente o necessário para o seu empório comercial de Nova Trento. Mas não só por isso, e esta é, aliás, outra descoberta surpreendente feita através de entrevistas: que o negócio de Rosa e Carlos correu tão bem e deu lucros tão altos que Rosa tinha chegado ao ponto de viajar para Florianópolis também para emprestar dinheiro a Carlos Hoepcke (1844 - 1924), rico industrial e armador de origem alemã, proprietário da empresa nacional Hoepcke, bem como de várias fábricas e atividades comerciais.



Carl Hoepcke (fotografias - 20s)

Este detalhe é realmente impressionante, e bem demonstra o poder econômico da Rosa. Ela podia até mesmo correr o risco de emprestar dinheiro a outras pessoas (não só para a rica família de Florianópolis de que foi falado, mas emprestar dinheiro era uma prática que Rosa também fazia com muitas outras pessoas). Obviamente não o fazia por alguma pura filantropia, mas ela se reservava o direito de receber os juros apropriados e acordados. Isto nos diz que Rosa e Carlos realmente lidavam com um monte de dinheiro!

As testemunhas mais velhas lembram que Rosa, para fazer essas viagens longas que, aliás, a envolviam por dias a fio, ela usava o ônibus que a levava até o Estreito de Florianópolis, e de lá pegava um barco para chegar à cidade que estava situada na ilha, porque nos primeiros tempos quando ela fazia essa viagem, ainda não havia a famosa ponte Hercílio Luz, que hoje caracteriza esta cidade (ponte construída em 1926).



Fotos de balsas, do Estreito, de ônibus e da ponte Hercílio Luz (fotos - 20 e 30)

Muitas vezes aconteceu que durante essas viagens a Florianópolis, Rosa levasse consigo durante a viagem de ida, determinados bens, que em seguida trocava ou vendido a comerciantes do Estreito de Florianópolis. Portanto é preciso pensar que durante todo esse percurso, seja de ida, seja de retorno, Rosa estava cheia de coisas para vender, ou apenas compradas na capital. Em suma, nada era deixado ao acaso, e não havia tempo a perder. Ela ia para Florianópolis para vender suas mercadorias, e enquanto ela estava na capital emprestava dinheiro para lucrar os juros, e voltar de Florianópolis com o que ela precisava para vender em Nova Trento.

Em face de uma mulher tão engenhosa e com um sentido de negócios tão afiado, seu marido Carlos estava completamente divorciado dessa realidade, e isso quase parece desfigurado quando comparado com sua esposa. Francisco Tridapalli, um dos

muitos netos de Rosa e Carlos, neto esse que não chegou a conhecer pessoalmente esses avós, conta que o avô Carlos não chegava a conhecer alguns desses mecanismos econômicos delicados e complicados. Diante dessas coisas, mostrou-se ainda um pouco ingênuo e continuava a avisar sua mulher para não depositar o dinheiro em bancos, em várias cidades por onde ela andava, porque ele simplesmente não confiava nos banqueiros.

4.4.4. – A Vida de Todos os Dias.

Como vimos, a vida de Rosa, Carlos e seus sete filhos ocorria completamente em torno deste grande negócio. Todo mundo tinha seu próprio trabalho e todos eram supervisionados por sua mãe Rosa, que tinha os olhos em todos os lugares e controlava tudo.

Além da família, havia muitos funcionários que eram contratados por Rosa, e todos (às vezes eram famílias inteiras) viviam e agiam no pequeno reino criado pela incansável Rosa. Podemos facilmente imaginar que tanto Carlos como especialmente Rosa, tinham muito pouco tempo para descansar, ou para o bem estar deles mesmos,

porque realmente o trabalho era muitíssimo. Certamente a grande riqueza deste casal lhes permitiu se darem talvez alguns caprichos e alguns momentos confortáveis, que para outras pessoas de Nova Trento eram certamente impensáveis.

Em sua casa, não era como na Itália. Todos os irmãos de Rosa, que tinham se mudado para a Itália com seus pais, também tiveram que lidar com a fome, porque o tremendo pai Alessandro proibia a todos as menores despesas e para economizar o máximo possível, chegava a comprar alimentos que estavam começando a apodrecer. Na casa Tridapalli boa comida nunca faltou e todas as antigas testemunhas oculares (especialmente o Tio Durval Luiz Maestri) todos concordam em dizer que Rosa e Carlos trabalhavam muito, mas viviam muito bem.

Apesar de todas as responsabilidades que pesavam sobre os ombros e, apesar da riqueza imensa que possuía, Rosa permaneceu por toda a vida (confirmado por todos) uma pessoa simples. Não empinava a cabeça, e não se pavoneava (como talvez se poderia esperar de uma pessoa muito enriquecida). Nem se deixa levar pela ganância por dinheiro, tentando aumentar mais e mais as suas riquezas de forma irracional, em detrimento da qualidade de vida (como sempre fez seu pai Alessandro). Rosa foi sempre capaz de entender qual o limite que não se deve ultrapassar, além do qual se excede em exageros, e sempre conseguiu ser mais humana do que o seu pai, e mais justa para todos.

Lina Tomazoni lembra muito bem este período, lembra-se bem quão grande era o trabalho duro, o movimento constante e as idas e vindas de pessoas e de bens. Se lembra de quantos foram os trabalhadores que giravam em torno da figura de Rosa e sua atividade comercial. Dentre eles lembra especialmente da figura de Ângelo Eccel, provavelmente um dos homens “faz-tudo”, uma clássica pessoa em quem se confia, e que Rosa chamava em dialeto Bergamasco de "Angelin".

Lina Tomazoni, em suas histórias, relata um particular realmente útil, que também nos ajuda a compreender o aspecto mais humano e generoso dos Tridapalli. De fato, diz que quando a noite chegava, no final de um dia longo e trabalhoso, antes do jantar ou antes da chegada da hora de dormir, a família de Rosa e seus funcionários se encontraram no empório, para beberem juntos algumas das bebidas que estavam à venda.

Era um momento de relaxamento que sempre era dividido igualmente com qualquer pessoa que queria participar e, portanto, faz-nos compreender como Rosa e toda a sua família tinha guardado "os pés no chão" e, embora fossem os patrões, continuavam a manter uma relação de igual para igual, e uma amizade honesta com todos os seus trabalhadores. Para enfatizar ainda mais esse detalhe, basta pensar que um de seus funcionários de nome José Erbs se casou com sua filha Albertina. Rosa e Carlos (exatamente como havia feito anos antes o patriarca Alessandro Tirloni) não se impunham sobre as escolhas emocionais de seus filhos, e acolhiam em casa indistintamente quem se apresentasse, fossem elas pessoas humildes ou ricas.

Um aspecto do qual Rosa e Carlos tomaram particular interesse estava ligada à educação: Eles exigiram escolaridade para todos os seus filhos, e porque eles podiam pagar, devido à sua riqueza, deram-lhes a oportunidade de não parar nos primeiros anos de escola, mas de chegar ao nível de ensino que mais lhes agradasse. Exemplo foi o seu quinto filho, José, que mudou-se para o Rio de Janeiro para estu-

dar na Universidade de Medicina, e é quase certo que foi o primeiro graduado de todos os 58 primos Tirloni (netos do grande patriarca Alessandro Tirloni).

O detalhe da escolaridade dos filhos vem bem observado em uma carta que Eliseu, irmão menor de Rosa, escreveu no dia 30 de março de 1920. Nesta carta, logo na abertura, após os cumprimentos de conveniência, o jovem Eliseu ressaltou sua admiração por esta irmã, que concordava em assumir uma despesa grande para pagar os estudos dos filhos. Eliseu reclamou que, em vez, seu velho pai Alessandro nunca quis se interessar pela cultura dos filhos, tornando-os, como Eliseu mesmo escreveu, "grandes e burros."

Os dias de trabalho duro e diligente de Rosa, Carlos e de seus filhos são abruptamente interrompidos em um dia de outono em 1924, quando da cidade vizinha de Porto Franco chegou uma má notícia: João, irmão de Rosa, que decidiu ficar no Brasil por amor a uma jovem, com a qual depois se casou, teve um grave acidente no mato do Garabel, e estava em condições realmente desesperadoras. Provavelmente esta notícia chegou muito rapidamente a Nova Trento, porque nesta cidade não apenas vivia Rosa mas também toda a família da esposa João. Então, certamente, quando Rosa recebeu esta notícia, descobriu que seu irmão ainda está vivo mas que está enfrentando um verdadeiro calvário.

O irmão João, cerca de seis meses antes deste acidente, havia deixado sua terra natal, Porto Franco, e se mudou com sua esposa grávida e os filhos para uma propriedade que tinha adquirido em um lugar chamado Garabel, que estava no meio do mato mais selvagem, distante horas de caminhada para chegar a qualquer vila. Esta escolha foi tomada por seu irmão, como resultado das divergências constantes e desencontros que ele teve com sua irmã Albina, que era parceira nos negócios. Nós não sabemos o que pensava Rosa destas divergências, não sabemos exatamente se ela apoiava alguém, ou se ela revelou suas idéias sobre estas discordâncias entre seus irmãos. Mas podemos facilmente imaginar que considerava erradíssima a idéia de seu irmão de ir ao meio do mato para cortar a madeira da floresta.

Conhecendo a mentalidade de Rosa e tendo observado onde ela concentrou seus investimentos, se vê claramente que a escolha de seu irmão João foi diametralmente oposta ao de Rosa, tanto do ponto de vista econômico quanto da praticidade. Assim como Rosa tinha investido tudo no setor de serviços, nos alojamentos e nas atividades de atendimento aos viajantes, em vez seu irmão João decidiu deixar tudo e ir viver como um pioneiro, fugindo do progresso e da modernidade. Por isso não seria nenhuma surpresa que ela fosse totalmente contrária à escolha feita pelo irmão mais novo.

As lesões sofridas por seu irmão João, mal cuidado pela única pessoa que ia à sua casa para dar-lhe os medicamentos mais básicos, imediatamente começaram a gangrenar, e foram infectadas com tétano, que piorou a sua situação já trágica. Certamente novas notícias continuaram a chegar a Nova Trento e elas preocupam mais e mais Rosa. Podemos imaginá-la por trás do balcão de sua loja, ver as pessoas conhecidas que entravam com uma cara triste para contar as últimas notícias - cada vez piores - recebidas do Garabel. A certa altura Rosa ouviu também o relatório do cunhado João Morelli, marido de sua irmã Joana (o único da família que foi visitar o cunhado).

Não sabemos se João Morelli procurava tranquilizar tanto quanto possível as irmãs Tirloni, dando-lhes falsas esperanças, ou se ele relatava honestamente o que tinha visto. Não há razão para acreditar que escolheu a primeira opção, pois a cena que desfilou diante de seus olhos devia ter sido realmente brutal. O cunhado havia sido amarrado à cama para evitar que, contorcendo-se de dor, pudesse reabrir as feridas. Mas a dor era tão intensa e insuportável que seu irmão gritava como um louco.

Este irmão, tão diferente dela, estava em agonia e teria morrido no dia seguinte. Mas como ele morava em um lugar tão distante, desconfortável e difícil de alcançar, Rosa imediatamente teve que abandonar a idéia de ir para lhe dar a extrema despedida. Ela o veria só no dia 17 de abril de 1924, quando seus restos mortais foram levados a Porto Franco para o funeral e enterro. João tinha apenas 38 anos e era o terceiro irmão de Rosa que veio a faltar prematuramente.



João Tirloni (fotografia - '10s)

Pouco mais de um ano depois, chegou uma carta da Itália que trouxe para Rosa uma má notícia: seu pai Alessandro Tirloni, o homem era duro e despótico que tanto fazia desesperar seus irmãos, na Itália, após uma curta doença, morreu no dia 09 maio de 1925 com a idade de 72 anos.



Alessandro Tirloni (fotografia - anno 1912)

Junto com esta notícia, Rosa também veio a saber que seus irmãos italianos já haviam decidido enviar para o Brasil parte da herança para cada um dos irmãos no Brasil. Como já tive ocasião de escrever, no momento da sua morte, o velho “siúr Lissander” ou de outra forma, ‘Al siúr Americá” não era mais o fazendeiro poderoso e rico que servia como equilíbrio da microeconomia Covo. Já não tinha a incrível riqueza referida na famosa carta escrita pela já desesperada e agonizante Francesca (irmã mais nova de Rosa).

Por causa da grande crise econômica que ocorreu na Itália nos anos 20, e por causa da política de deflação (conhecida como a Cota 90") ordenada pelo então ditador italiano Benito Mussolini, a situação econômica do patriarca Alessandro, nos últimos cinco anos, foi muito reduzida. Através das histórias relatadas pelos velhos tios João Tirloni (filho do irmão infeliz de Rosa) e Durval Luiz Maestri (filho de sua irmã Albina) que ainda se lembram dessa história e das cotas que eram destinadas a cada membro da família, chegamos a saber que a herança do avô Alessandro Tirloni tinha passado das £ 275.000 libras em 1920, para o valor final de £ 75.000 libras. O velho patriarca tinha perdido 73% dos seus ativos, uma perda abissal!

Com base nessa liquidez, os irmãos italianos tinham decidido, provavelmente por unanimidade, mudar completamente o que tinham sido os desejos de seu pai, estabelecendo novas cotas para dividir a herança, ou seja, £ 10.000 libras para cada filho homem e £ 5.000 Libras para cada filha mulher. Esse número, que infelizmente é difícil de atualizar ou capitalizar em réis, dinheiro da época, era uma quantidade discreta, e a escolha feita pelos irmãos italiano era uma sorte para Rosa, porque recebia como herança uma soma igual a duas vezes o que o pai, apenas 5 anos antes, tinha decidido conceder a cada uma de suas filhas.

Passado o tempo necessário, o dinheiro da herança chegou no Brasil, mas para retirar cada cota devia-se atender a algumas formalidades burocráticas. Para fazer isso, foram escolhidos um filho de Rosa e um filho de sua irmã mais velha Joana, e esta escolha foi feita porque os dois homens eram jovens e instruídos e, portanto, mais confiáveis e mais conformes com os pais, para resolver este tipo de problemas. Tudo foi organizado, e as cotas foram embolsadas por Rosa e por suas duas irmãs. Mas para a cunhada Narciza, viúva de pobre João, irmão que havia morrido recentemente, jamais chegou qualquer coisa ...

A cunhada Narciza, após a morte de seu marido, ainda estava vivendo por alguns anos na propriedade no meio do mato do Garabel. Neste lugar inóspito e distante, não era fácil de se chegar, e portanto as comunicações com esta família eram poucas. Depois de passar algum tempo sem que a parte da herança chegasse, a cunhada Narciza, tendo escrito três cartas para a Itália, mas não tendo recebido uma resposta, decidiu saber claramente a respeito dessa negócio. Ela desceu para Porto Franco para falar com a irmã mais velha de Rosa, precisamente porque era a mais velha de todas, e sob todos os aspectos seria a matriarca da família. Mas infelizmente a Narciza não obteve qualquer resposta.

O velho tio João Tirloni, filho de Narciza, portanto sobrinho de Rosa Tirloni, acompanhava sua mãe naquela viagem, e se lembra muito bem desta história. Lembra-se que junto com sua mãe foi à loja da tia Joana Tirloni Morelli, e que foram recebidos por seu marido, o tio João Morelli (o único de todos os parentes que tinha ido visitar o moribundo João Tirloni). João Morelli confirma que as três tias: Joana, Rosa e Albina tinham recebido sua parte da herança, mas que ele não tinha idéia porque ela, Narciza, não havia recebido a sua parte. Depois de dizer isso, tio João Morelli virou as costas para eles, entrou na cozinha, adjacente à loja, e não mais veio para fora ...

Tanto a cunhada Narciza como os seus filhos maiores (ainda muito jovens), a esta altura chegaram à conclusão óbvia de que todos tinham interesse em manter a parte da herança do pobre João, e que tanto os cunhados do Brasil, como os da Itália, não queriam reconhecer os direitos do irmão morto. E que por isso viraram as costas para esta pobre cunhada viúva e aos seus filhos ainda pequenos, tanto que nunca se reuniram para tentar encontrar uma solução, ou apenas para saber quem tinha tomado posse injustamente dessa parte da herança.

Os relacionamentos que as três irmãs Tirloni tinham com essa cunhada não eram propriamente nada bons (especialmente com sua irmã Albina). Agora também por causa deste roubo, este clima de desconfiança começou a cair sobre todos os pa-

rentes, indistintamente, e dividiu ainda mais os filhos do falecido João Tirloni do resto da família, especialmente dos parentes Tridapalli. Este relacionamento foi piorando ainda mais ao longo dos anos, também alimentados por sucessivos equívocos.

A verdade sobre o roubo da herança virá à tona só muitas décadas depois, quando os criminosos já estavam mortos. O Sr. Alcides Sgrott, que em sua juventude estudou e viveu com José Tridapalli (filho de Rosa Tirloni que estudou medicina) iria revelar aos irmãos João e Argentino Tirloni, que quem foi à alfândega retirar todas as cotas da herança que veio da Itália tinham sido um filho de Rosa Tirloni Tridapalli e um genro de Joana Tirloni Morelli. Mas, ao contrário das alegações feitas contra eles por muitos anos, não era deles que tinha ficado com a cota da Narciza! O ladrão era uma outra pessoa, e Alcides Sgrott o revelou aos irmãos Tirloni ...

Hoje em dia apenas velho tio João Tirloni está ciente do nome, mas não é de sua intenção revelá-lo, porque o culpado está morto faz décadas e não poderia defender-se da acusação. Também não era intenção do tio João que os descendentes deste homem que roubou o dinheiro venham a ser marcados como ladrões por crimes cometidos pelo seu antecessor.

É nossa intenção respeitar a vontade do sábio tio João e queremos agradecer por esta lição de vida que nos dá.

Nós não sabemos como Rosa se colocou nesta situação delicada, ela que com certeza teria tido uma palavra a dizer, talvez desde o início, mas não sabemos qual foi o seu ponto de vista. Parece muito estranho que uma mulher considerada por todos como tendo um bom coração, não tenha tentado entrar em auxílio da pobres cunhada, que tinha tantas necessidades. (Embora, como já foi sugerido, não concordou com a escolha feita por seu pobre irmão de ir viver em meio ao mato).

Certamente também ela foi considerada culpada pela cunhada de ter tomado parte no mau plano para apropriar-se da cota da herança, e há razão para acreditar que entre as duas cunhadas também teria havido algumas "palavras pesadas", que teriam resfriado ainda mais a relação entre as duas mulheres.

Durante este mesmo período, na casa Tridapalli houve também momentos de celebração, quando os filhos mais velhos começam a se casar. O mais velho, Luiz Carlos, se casou com uma jovem de origem italiana chamada Josefina Maria Tolomeotti. Não sabemos se essa moça já trabalhava para a família Tridapalli, mas o que é certo é que, após o casamento, ela começou a dar uma mão para o aparelho de grande produção da família. A partir deste casal, em 1928 nasceu um filho a quem foi dado o nome de Carlos Luiz (em homenagem ao seu avô). Eis que Rosa e seu marido Carlos, com a idade de 46 e 53 anos, respectivamente, se tornam avós pela primeira vez .

Os outros filhos de Rosa e Carlos, aos poucos, se casaram e os vários genros e noras, todos começaram a trabalhar sob os controles de Rosa, alguns na fazenda, outros nos campos e outros em várias atividades comerciais. Sabemos que Josefina Tolomeotti, esposa do filho mais velho Luiz Carlos, trabalhou na estalagem e cuidou especialmente na lavagem da roupa. Clara Piazza (que Rosa sempre chamava de "Chiara = Quiara "), esposa do quarto filho Eliseu, também ajudava a Josefina, mas

dedicava-se a trabalhar também no empório e cozinha (e dela Rosa sempre reclamava que salgava muito a comida). Enquanto José Erbs, marido de Albertina, trabalhava, fazia tempo, na Ferraria.

Nós não sabemos exatamente o que os outros membros tinham por funções, mas com certeza gravitavam também neste grande mundo. O único que, certamente, vivia à parte era o quinto filho José, que era um estudante de medicina no Rio de Janeiro. Uma vez graduado, José voltou para Nova Trento para a prática de sua profissão, no meio de seu próprio povo, e então, tornou-se o médico pessoal de todos os parentes Tirloni, tanto em Nova Trento como em Porto Franco. Certamente não tinha nem tempo nem disposição de ajudar os pais e os irmãos em todas as tarefas da grande máquina de produção Tridapalli. Ele era para todos os efeitos o "médico de família", e todos familiares preferiam voltar-se para ele, que era um parente próximo, em vez de recorrer a um médico estranho. José levava a sério sua "missão na família" e ao longo de sua vida, ele foi muitas vezes para Porto Franco para encontrar parentes e, ao mesmo tempo, para manter monitorada a saúde deles.

O velho tio Durval lembra-se bem da figura de seu primo médico (de quem lembra e exalta a grande fé) e confirma o detalhe de sua presença constante junto de todos os parentes Tirloni. Ele diz que ele era chamado por todos com o apelido de "Doutor Zeca" e que, quando ele ia para visitar a tia Albina Tirloni e o tio José André Maestri sempre permanecia com eles para comer, e lhe agradava especialmente a polenta com queijo. Durante estes almoços, juntamente com os velhos tios, Doutor Zeca costumava dizer, exemplificando para que os velhos tios pudessem bem compreender a idéia, que o coração, com o início da terceira idade, começa a ter as falhas de engrenagens, como um carro velho.

Depois de Luiz Carlos virão outros netos, e eis que Rosa e Carlos, apesar de seus muitos compromissos, sempre foram capazes de reservar momentos para curtir os seus netos, para com quem eles são muito afetuosos. Sobre o relacionamento que Rosa tinha com seus netos, há uma história deste primeiro neto, que se lembra de sua avó Rosa como uma mulher muito boa, e disse que ela estava particularmente ligada a ele, porque ele era seu primeiro neto, e além do mais ele era homem (e que portanto levava avante o nome da família). Ele diz que sua avó Rosa começou a rebatizá-lo e se dirigia sempre a ele, chamando-o de "meu Nenê", e por este fato ele, na família, é chamado até hoje de "Tio Nenê".

É tal a ligação de Rosa com seus netos que quando eles se tornaram suficientemente grandes os levava consigo nas viagens que fazia, até para Florianópolis, para mostrar-lhes novos horizontes, diferentes e mais evoluídos do que Nova Trento. Portanto seja Luis Carlos ou sua irmã Cremilde, muitas vezes acompanhavam a avó Rosa durante estas expedições na capital. É muito bonita esta imagem de Rosa, a empresária que conhecemos, a corajosa mulher-gerente, que não se deixava influenciar pelo medo ou por idéias machistas (que na época eram a base do pensamento comum) e passava dias inteiros em viagem para tratar de seus bens e de seu dinheiro, e ela não se envergonhava de levar os seus netos com ela.

O lado materno da Rosa emerge mais forte mesmo nestas circunstâncias onde esperaríamos vê-la mais "racional" e menos propensa a sentimentos. Deve ter sido

muito curioso e divertido para todos que a conheciam ver esta mulher, já não mais jovem, que andava com os seus netos junto de si, e que se punha a lidar com o dinheiro como uma verdadeira especialista, e sem o constrangimento de lidar com os homens!

Sempre entrevistando parentes mais velhos e testemunhas, pudemos fazer uma imagem realmente completa de Rosa e Carlos, também e sobretudo sobre o que eram as suas características mais "humanas". Também se os julgamentos vêm de diferentes partes (de famílias mais ou menos próximas e de conhecidos), todas as pessoas que puderam conhecê-los mesmo apenas durante a infância, ou pelo menos na adolescência, as opiniões são todas incrivelmente concordes, tanto é que as poucas diferenças são realmente mínimas, portanto nos transmitem uma imagem verdadeira do casal.

Rosa era uma pessoa sempre alegre, ativa e muito falante. Ele amava as crianças, tanto que cada oportunidade era boa para ela deixá-los brincar e fazer suas peraltices, mas ao mesmo tempo, ela era corajosa. Ela também era muito econômica e sabia também ser forte e rígida. Fazia trabalhar duro todos quantos, incluindo novas noras e genros. Ela falava o dialeto de Bérgamo, uma língua totalmente diferente da falada em Nova Trento, muito mais difícil e mais forte do que o dialeto veneziano, que é definitivamente musical. Seu modo de falar bem enquadrado completava a sua figura de mulher de comando. Muitos se lembram que quando ela falava com seu marido Carlos, ela sempre costumava chamá-lo, proferindo as mesmas palavras em estilo Bergamasco: "... *Madona, Madona, Carlin ...*".

Lina Tomazoni disse que Rosa era uma mulher tão corajosa e decidida, a ponto de, por vezes, tornar-se quase insolente e inadequado. Não era certamente uma mulher de meias palavras, pois falava sem qualquer problema, qualquer coisa que ela tinha a dizer, em qualquer momento, e com quem estivesse falando.

Mesmo o velho tio Durval, sorrindo, chega a referir-se à Tia Rosa como uma "uma tramela", de uma personalidade tão marcante a ponto de ser, - sempre em suas próprias palavras – explosiva. Tio Durval lembra que Rosa, por vezes, se envolvia em discussões muito acaloradas que chegava a dizer palavrões e até mesmo blasfêmias. Era uma sua característica típica, mas obtinha um efeito contrário ao que se poderia pensar (para intimidar a outra pessoa), porque, como todos os que a conheciam sabiam que ela era uma pessoa boa, acabavam todos estourando em risos quando a viam perder o controle; porque ver blasfemar, (típico costume Bergamasco) uma mãe de família, devotíssima, e uma mulher de inegável importância social, era realmente muito engraçado.

Carlos, ao contrário, era mais calmo, de bons modos e acomodado, quase tímido. Suas maneiras eram muito comedidas e compostas, e portanto não se pode compará-lo com a exuberância realmente quase excessiva de sua esposa. Era, no entanto, uma pessoa sempre feliz, sorridente e muito simpática, que gostava de contar histórias engraçadas e anedotas para entreter seu público. Ele também tinha muitos amigos e gostava de passar o tempo livre com eles. Aproveitava a oportunidade de jogar,

pois ele gostava muito de boccia e de “mora” (jogos típicos do norte da Itália, especialmente a mora que na Itália foi durante muitos anos proibida, considerada como ilegal.)

As memórias dos antigos parentes se referem ainda mais do que daquelas que eram as características de seu caráter. As imagens de Rosa e Carlos estão ainda tão bem esculpidas na memória de todos eles, que para todos os efeitos chegam até mesmo a descrever minuciosamente como o casal aparecia esteticamente, e como costumavam se vestir.

Chegamos mesmo a saber que Rosa, ao longo dos anos, engordou muito - até mesmo alguém diz impiedosamente que era "bem gorda" (muito gorda) - e lhe tinha vindo uma cintura bastante imponente, e mesmo por isso costumava usar roupas muito grandes. Costumava colocar o lenço na cabeça e mantinha o seu cabelo preso atrás da cabeça, com um coque, vestindo camisetas com mangas $\frac{3}{4}$, abertas ao pescoço, vestidos longos e escuros, saias longas, largas e dobradas, sobre as quais sempre também colocava um avental amarrado atrás. Ela era capaz de fazer-se costureira, e costurava as suas próprias roupas com uma máquina de costura em sua casa.

Rosa costumava usar sapatos, enquanto Carlos, ao contrário de sua esposa, ele tinha o costume de usar os tamancos, Andava sempre bem vestido e com cuidado, e de fato ele costumava usar calças compridas, mantidas por suspensórios, camisa e jaqueta. Ele sempre manteve com ele um relógio colocado na algibeira da jaqueta com uma corrente, e quando ele saía de casa sempre usava um chapéu, coisa que costumavam fazer quase todos naqueles tempos.

As imagens do casal, assim como são descritas, muito me impressionaram, porque eles são as imagens típicas do povo italiano dos tempos do passado. Também os primos do Brasil confirmam esse fato em detalhes. De fato, no seu relato, o velho primo Carlos Luiz, falando sobre seus avós Rosa e Carlos, diz textualmente : "usaram coisas que pareciam aquelas usados na Itália." Este fato é muito importante, pois não é a única referência feita em relação à Itália que se ouve nessas histórias antigas. Rosa e Carlos falavam muito sobre a Itália, contavam histórias da Itália, o que provavelmente liam nas cartas, mas também aquelas que tinham sido transmitidas durante a infância. Infelizmente, já não se lembram dessas histórias. Eles eram muito emocionais e nostálgicos, tanto é verdade que tudo o que os cercava lembravam as coisas da Itália. Carlos gostava de jogar boccia e “mora” que, aliás, são os jogos típicos que se costumava usar na Itália.

Na casa Tridapalli, como já se disse, a comida era sempre abundante. Rosa era uma cozinheira muito boa e tinha construído, em sua casa, um grande forno a lenha, que deu lugar para expressar suas habilidades. Mas acima de tudo, o forno lhe possibilitava cozinhar porções muito grandes para alimentar todas as pessoas que geralmente se sentavam à mesa com a família. Precisamente por este motivo, também a mesa em que a família se reunia para comer era muito grande e podia acomodar até 16 pessoas. Sobre esta grande mesa, durante as refeições, estavam sempre presentes: polenta, sopas, feijão e massas caseiras.

Quanto à forma como viviam, todos concordam que Rosa e Carlos não eram pessoas fechadas em si, mas, pelo contrário, eram pessoas muito agradáveis, simpáticas e alegre (sobre este último detalhe, Rosa Tomazoni era a única a argumentar que Carlos era muito mais alegre do que Rosa). Viviam uma vida simples e gostavam de estar com as pessoas (amigos e família) de tal forma que todos os sábados eles iam com o carro visitar a família de Aquiles Tridapalli (irmão de Carlos) que também morava na cidade de Nova Trento, na localidade de Vígolo. Esta visita se tornou para eles uma tradição que mantinham escrupulosamente e realizavam todos os sábados como uma coisa sagrada.

Rosa ia muitas vezes visitar suas amigas, entre os quais estava a mãe de Lina Tomazoni. Lina sempre lembrava que Rosa dizia à mãe Virginia Piva Tomazoni - que tinha ficado viúva muito cedo – que devia trocar as roupas que vestia (vestidos negros de luto) e que fosse comprar roupas novas em seu empório, e de fato o fez.

Rosa e Carlos gostavam, acima de tudo, receber as pessoas em sua casa, e nessas ocasiões faziam questão de acolher muito bem os seus hóspedes, e sempre os faziam encontrar uma mesa cheia de boa comida.

O velho tio Durval lembra-se deste acolhimento para com todos, e afirma que com relação a esse detalhe, não existem no mundo pessoas melhores do que Rosa e Carlos, porque acolhiam a todos em seu coração. Ele diz que seus pais Albina Tirloni e José André Maestri frequentemente iam visitar sua tia e seu tio em Nova Trento, levando consigo a ele, e ao seu irmão mais novo Romano. Eles iam algumas vezes de carroça, mas às vezes até mesmo a pé. Para ir de Porto Franco a Nova Trento passavam por vezes, pelo Cedro Grande, percorrendo um pequeno caminho no mato, ou em outras oportunidades iam por outro caminho pelas colinas de Águas Negras . Era uma viagem longa e cansativa, tanto é que chegavam a Nova Trento sempre muito cansados e paravam na casa de Rosa e Carlos por 1 ou 2 dias, de propósito para descansar das fadigas da viagem.

Diz tio Durval que quando Rose via chegar a sua irmã, o cunhado e os sobrinhos, imediatamente deixava tudo o que estava fazendo e corria para a cozinha para preparar comida para eles, para refazerem-se do cansaço da viagem.

Rosa e Carlos eram muito religiosos e nunca deixavam de participar com todos os seus filhos da missa de domingo e de todas as outras funções litúrgicas que ocorriam durante o ano. Iam sempre à primeira missa, da qual participava toda a comunidade, e que era realizada no início da manhã. Para participar desta missa deviam levantar-se cedo, todos os domingos às 5 da manhã. O velho tio Durval, no entanto, ao falar deste detalhe, nos diz que acima de tudo era a tia Rosa que era particularmente piedosa, mulher de fé e praticante, e que o tio Carlos não era tão devoto como sua esposa.

Eles também eram pessoas bondosos e não desdenhavam de atender a qualquer necessidade (fazendo mesmo beneficência se fosse necessário) seja na comunidade ou mesmo sobretudo na comunidade paroquial. Especialmente a esta última, pois sabemos que Rosa frequentemente fazia grandes doações à Igreja. Participavam

também da vida social de Nova Trento e nunca faltavam às várias ocasiões festivas da comunidade.

Este é um detalhe muito interessante que nos faz ver a diferença ainda mais substancial, já destacada anteriormente, entre Rosa e seu pai Alexandre, que, ao contrário, tendia a se afastar de qualquer ocasião em que havia "perigo de gastar dinheiro." Rosa e Carlos, ao contrário, eram pessoas muito bem integradas na comunidade, e com funções também muito ativas de ajuda prática. Suponho que desta forma foram capazes também de se fazerem benquistos entre os conterrâneos, com os quais viviam e com os quais estavam em contato.

O dia típico da família Tridapalli era dividida pela luz do sol. Como se diz hoje em dia, que a regra era: acordar com o galo (nascer do sol) e ir para a cama com as galinhas (ou seja, muito cedo)!

Rosa acordava muito cedo (assim como seu pai Alessandro), se preparava e ia imediatamente para a cozinha preparar o café da manhã para todos, o qual era servido pessoalmente por ela, entre 5 e 6 da manhã. Esta era uma refeição muito importante, talvez a mais importante de todo o dia e, de fato, pelas histórias se descobre que este pequeno-almoço diário incluía: polenta, queijo, café, doces (como rosquinhas), muitos pães feitos em casa. ovos fritos, manteiga, creme de leite. Nem todos os habitantes do lugar podiam se permitir tal abundância!

Do café da manhã participava toda a família, mas também alguns funcionários de Rosa e Carlos. Terminado o pequeno-almoço, todos começavam os seus dias trabalhosos

Rosa ia primeiro para a pousada para verificar se estava tudo bem, e então abria o seu empório e ficava atrás do balcão pronta para receber os clientes com quem gostava de conversar, porque ela era muito falante. Carlos também gostava de conversar com as pessoas, e quando estava no empório, conversava muito com os clientes, e ainda os divertia com histórias engraçadas ou piadas saborosas.

Depois do jantar havia também uma oportunidade para um pouco de relaxamento. Como já mencionado, Carlos saía e ia jogar boccia ou a "mora" com os seus amigos. Com certeza, os filhos também saíam e se reuniam com vários amigos, mas às oito horas da noite, na casa eram apagadas todas as luzes e iam dormir. Rosa Archer ainda tem lembranças do quarto de Rosa e Carlos, com a sua cama de dormir, uma cama muito grande, com cerca de 2,5 metros de largura e com pernas grossas e quadradas, muito grande para apenas duas pessoas.

A partir de entrevistas com velhos amigos e conhecidos, surgiram muitas histórias que, provavelmente, corriam o risco de ser esquecidas para sempre. O primo Luis Augusto Tridapalli Archer, quando ele me enviou um relato das várias entrevistas, optou deliberadamente por transcrevê-las exatamente como tinham sido contadas (e, portanto, lembradas) a ele, pelas velhas testemunhas. É minha firme decisão de concordar com a idéia do primo Luis Augusto para manter o quanto possível inalterada a beleza destas histórias que nos fazem entender muito bem a riqueza e a força da tradição oral, com a qual, durante séculos, se transmitia os conhecimentos, as tradições e as histórias de todos os povos.

O Fantasma (narrado por Ramon Antonio Tridapalli)

Rosa Tirloni era muito esperta e não gostava de pagar impostos ao governo. Quando ocorriam negócios entre Rosa e os comerciantes de Lages (queijo em troca de sal), Rosa escondia a maior parte das peças de queijo para não pagar impostos, e os escondia no sótão da casa. Em certo momento, alguns dias depois, todos começaram a ouvir um barulho vindo do sótão da casa, e eles ficavam com medo. Ninguém tinha coragem de chegar até lá para ver o que estava acontecendo.

Foi neste momento que todos começaram a acreditar que a casa era assombrada, que havia fantasmas que vinham à noite para assustar todo mundo. Um dia, novamente ouviram-se esses barulhos vindos do sótão. Era noite e eles estavam com medo. Mas desta vez, um pouco de queijo rolou para baixo das escadas, e foi então que todos perceberam que o barulho que ouviam não era causado por fantasmas, mas eram ratos que vinham em quantidade para comer queijo.

O tesouro (narrado por Francisco e Ramon Antonio Tridapalli):

Diziam os velhos de Nova Trento que Rosa e Carlos Tridapalli eram muito ricos, porque um dia Rosa decidiu cavar sob a cruz que estava na frente da igreja de S. Ágata em Nova Trento, e tinha encontrado um saco cheio de ouro. Esta igreja estava construída ao lado da loja e da pousada de Carlos e Rosa, e foi a primeira igreja da cidade. (ainda hoje ela existe ao lado da casa que era da tia Cremilde Tridapalli).

Tio Francisco Tridapalli conta que no ano passado estava em Nova Trento e decidiu cortar o cabelo. Ele foi ao barbeiro na cidade e enquanto ele estava lá, durante uma conversa, o barbeiro tomou coragem e perguntou-lhe sobre a história deste tesouro, se era verdade ou não. Entre a agitação ansiosa de todos os presentes, o tio Francisco confirmou que a história era verdadeira! Tio Francisco disse que, enquanto se distanciava da barbearia continuou a rir sozinho, por aquilo que eles lhe perguntaram. Porque depois de um século, esta lenda do tesouro ainda despertava interesse entre os moradores da cidade.

Uma viagem a Florianópolis (narrado por Maria de Lourdes Mazzola Tridapalli):

Durante uma das viagens de negócios que ela costumava fazer para negócios, indo de ônibus para Florianópolis, Rosa tinha levado seu neto maior Luiz Carlos Tridapalli (Nenê). Durante a viagem, Luiz Carlos sentiu-se mal e vomitou no ônibus. O problema é que ele vomitou em cima de um dos passageiros, e o passageiro não era outro senão o velho Ippolito Boiteux, um rico empresário e um político local, que havia sido testemunha do casamento de Rosa e Carlos. Em uma das paradas feitas durante a viagem, Rosa, de tanto que era o seu desprazer e seu constrangimento, ela saiu do ônibus e foi lavar a jaqueta suja de vômito num riacho próximo.

O carro (narrado por Luis Augusto Tridapalli Archer):

Durante os anos 30, um homem que fazia fotografias (que na época era chamado de "Retrateiro" ou seja, a pessoa que fazia os "retratos" [Fotos]), ia para a cidade de Nova Trento a cada mês para tirar fotos de pessoas e das famílias. Duran-

te uma dessas visitas a Nova Trento, o homem, do qual ninguém se lembra o nome ou a procedência, bateu seu carro enquanto ela estava dando uma volta no centro da cidade. Como ele não podia mover o carro para onde ele morava, ele decidiu vendê-lo.

Quem comprou o carro foi Rosa Tirloni. Consertado o carro, para dirigi-lo, a fim de levar toda a família para fazer um giro, foi o filho mais velho de Carlos e Rosa: Luiz Carlos Tridapalli. Tempos depois destes fatos foi o próprio Luiz Carlos quem destruiu o carro ao perder o controle de direção e entrar em um pasto. O primo Ramon Antonio Tridapalli ainda hoje tem algumas peças do velho carro que provavelmente deve ter sido uma Ford de 1930 e, sim, este foi o primeiro carro privado de Nova Trento.

Brincadeiras de crianças (narrado por Rosa Maria Orsi Archer):

Rosa Archer conta que quando era criança, sempre brincava no empório de propriedade da família Tridapalli. Não foi a única a fazê-lo, porque ela diz que todas as crianças se divertiam sentadas nos degraus da frente da loja (eram 2 degraus). Quando Rosa Tirloni via as crianças sentadas na entrada [para entretê-las fingia estar zangada] saía correndo da loja gritando em italiano [Bergamasco]: " Crianças vão embora da porta da frente da loja" e todas fugiam correndo.

Ela também conta que Rosa Tirloni mandava os filhos para recolher os ovos que as galinhas punham debaixo da casa, porque eram muitas as galinhas criados em liberdade.

Adoção de um órfão (narrado por Rosa Maria Orsi Archer):

Carlos e Rosa eram tão bons que chegaram a adotar um menino como se fosse seu próprio filho. Era um filho adotivo. Seu nome era Frederico Schneider. A história de Frederico refere-se à chegada de uma família originária da Alemanha. Eram os Schneider, que chegaram em Nova Trento, e a família era composta de marido, mulher e três filhos. O casal morreu de malária e deixou três crianças órfãs. As crianças se chamavam: Maria, Frederico e Charles. Maria foi adotada pela família de Nicolau Bado, de Nova Trento. Frederico foi adotado pela família de Carlos Tridapalli, de Nova Trento, e Carlos foi adotado pela família de André Hoffmann, de Brusque.

Frederico viveu muitos anos com os Tridapalli, e até conseguiu obter uma parte da herança com a morte de Rosa e Carlos. Deixou Nova Trento, anos depois, quando ele se casou.

Bruxas e cavalos (narrado por Rosa Maria Orsi Archer):

A família Tridapalli possuía terrenos muito grandes em que eram criados muitos animais: bois e vacas, porcos, galinhas, cavalos. Todos os animais tinham os seus estábulos e currais, onde passavam a noite. Conta-se que, um dia de madrugada, ouviu-se o relinchar dos cavalos que tinham conseguido sair dos estábulos e continuavam a correr no pasto. No dia seguinte, foram verificar os animais, e encontraram os cavalos cansados, sem fôlego e com as crinas transformadas em tranças.. um verdadeiro mistério!

Este fato continuou a acontecer todos os dias, da mesma forma, mas ninguém permanecia para fazer guarda durante a madrugada para ver o que estava acontecendo. Eles estavam todos com medo! Eles começaram a ouvir, além do barulho feito pelos cavalos que corriam, gritos estranhos como se fossem risos sinistros de mulheres ... Em breve, todos pensavam que eram as bruxas as responsáveis por esses eventos que aconteciam durante a noite. Todos esses fatos estranhos deixaram de acontecer apenas quando se celebrava uma missa especial para a família Tridapalli, celebrada com a intenção precisa para que esses espíritos malignos já não infestassem a sua terra.

Lembro o crescer das emoções que me tinham impressionado pela primeira vez, quando eu li essas histórias transcritas por seu primo Luis Augusto. Não é uma questão de simples narrativas com fins em si mesmas, mas esses contos são cheios de detalhes que não servem apenas para embelezar ainda mais a imagem que temos de Rosa e Carlos e de seu mundo, mas elas são carregadas de mensagens, com tons úteis que vale a pena analisar.

A partir da primeira história, notamos imediatamente o surgimento de fortes paralelos entre Rosa e seu pai Alessandro. Quando li que ela não gostava de pagar impostos e procurava uma maneira para evitar pagá-los, eu imediatamente pensei que também seu pai tinha os mesmos "problemas". Ela não tinha herdado do velho pai apenas as habilidades de negócios, mas também a mesma aversão a qualquer pessoa (mesmo que fosse o estado) tentando tirar o dinheiro que ela havia ganhado. Ela via o Estado como uma espécie de ladrão. Realmente é divertido ver como se empenhasse tentando esconder seus bens e devemos admitir que era muito inteligente e astuta!

Por outro lado, devemos constatar que uma mulher tão corajosa, determinada, e que com pleno direito pode-se dizer, mesmo tão "mente aberta", capaz de ir contra as regras estabelecidas (como pagar impostos) e acima de tudo - ainda mais incrível para a época - de ir contra os costumes e tradições que eram adequadas a uma mulher (ver, por exemplo, o fato de ir sozinha para Florianópolis, tratar, sem temor, com empresários poderosos etc..) que ainda estivesse sob o domínio de superstições populares, e ela também acreditasse na existência de fantasmas e bruxas. Admito que este fato, no momento, me deixou espantado, pois é incrível que uma mulher tão "moderna" e emancipada, ainda acreditasse em tais crenças. No entanto, é preciso pensar que naqueles tempos o nível cultural não era alto o suficiente para entender essas coisas, mesmo sobretudo pela fé, mas, pelo contrário, as superstições eram os elementos fundamentais em que se baseavam, e por isso é que Rosa temia bruxas e fantasmas muito mais do que as convenções sociais que a poderiam ter forçado a ficar em casa e ser submissa ao marido.

A história da viagem para Florianópolis, com o inconveniente que aconteceu com o rico Sr. Boiteux nos faz compreender ainda mais que Rosa era uma pessoa sempre objetiva. A sua riqueza, talvez até maior do que a do Sr. Boiteux não tinha feito dela uma mulher vaidosa, e arrogante, mas ela estava errada, ela estava disposta a admiti-lo e sofrer as conseqüências. E neste caso, de fato, correu imediatamente para lavar a jaqueta sujada pelo neto.

A história do carro me deixou muito curioso e não sei como interpretá-lo corretamente: por que Rosa e Carlos quiseram comprar o carro do fotógrafo: talvez por vaidade? Por uma curiosidade forte que se criou por um objeto tão estranho e diferente da normalidade? Exclusivamente para ajudar o fotógrafo mas procurando tirar algum proveito? Cada uma dessas hipóteses pode ser verdadeira, já que todas são obviamente plausíveis, porque depois de uma vida de trabalho duro, nada impedia que Rosa e Carlos quisessem se distinguir entre todas as pessoas de Nova Trento, pela compra do primeiro carro. Mas pode ser que não eram muito interessados no carro como símbolo de status, e acabaram de fazer a compra para se sentirem mais confortáveis em suas viagens de negócios ou nas viagens para Florianópolis, e também para serem independente dos horários dos ônibus.

A adoção do órfão é um particular muito agradável que eu fiquei muito feliz em ouvir, porque faz crescer a estima por este casal. Não se trata apenas de ter recebido em casa e ter feito crescer uma criança infeliz. A criança, antes de tudo, foi deixado o seu nome e sobrenome originais, preservando-lhe para sempre a identidade original (não uma adoção real), mas foi incorporado na família e, especialmente, também aceito pelos irmãos, para o qual também foi concedida uma parte da herança, o que significa que todos eles tinham uma real e genuína afeição. Para conseguir esta integração foi essencial o bom exemplo dado, desde logo, por Rosa e Carlos aos seus filhos.

Quanto à história do tesouro ... bem, isso era uma história realmente surpreendente e engraçada: eu não fiquei surpreso tanto pelo fato de que naquele tempo os velhos de Nova Trento chegassem a pensar que Rosa tornou-se tão rica e poderosa, porque tinha encontrado um tesouro (naquele tempo para explicar as coisas particularmente estranhas se chegava a imaginar muito longe), mas realmente, como bem comentou Francesco Tridapalli, deixa muito impactado ao ver que, ainda hoje, depois de tanto tempo, as pessoas reterem na memória, mas também levarem em consideração esta história contada pelos velhos!

Como bem se compreendeu por todas as histórias contadas até agora, quem comandava na casa Tridapalli era Rosa. Seu marido Carlos não tinha nenhum poder de decisão nas coisas domésticas relacionadas com a família. Tudo isso nos leva a pensar nele como o clássico homem bom - talvez até simplório e ingênuo, - a quem tocava se submeter de modo passivo e impotente, às conseqüências de um casamento com uma mulher vulcânica e muito forte (quase uma mulher masculinizada), por quem ele era totalmente dominado. Mas as coisas não eram exatamente como apareciam: Carlos Tridapalli, por ser um filho de imigrantes, tinha um currículo político verdadeiramente notável e isso significa que ele devia ter sido um homem muito inteligente e perspicaz!

O seu currículo político é claramente afirmado no livro "Nova Trento", escrito por Walter F. Piazza, e publicado em 1950. Verifica-se assim que Carlos era um político muito influente no município de sua cidade, e é por isso que hoje em dia a rua principal em Nova Trento é chamada de "Rua Carlos Tridapalli", uma homenagem ao grande neo trentino que foi!

Carlos começou sua vida política como um homem jovem e provavelmente atingiu seu auge máximo nas eleições realizadas no final de 1918, quando com apenas 44 anos, foi nomeado o 20º presidente do Conselho Municipal da cidade de Nova Trento (que tornou-se um município independente a partir de 1892). O fato de que ele ter sido nomeado Presidente do Conselho da Cidade indica que Carlos não era um novato na política, porque nunca se deixou a presidência do conselho nas mãos de um novato. Certamente este deve ter sido o coroamento de uma carreira que começou anos antes, talvez sob a orientação de seu testemunha de casamento, o Ippolito Eugenio Boiteux, que foi o segundo prefeito de Nova Trento.

O primo Luiz Augusto Tridapalli Archer, graças à sua investigação, também descobriu que o conselho da cidade era composto: de 01/01/1919 a 01/01/1923, pelos seguintes membros: Carlos Tridapalli (Presidente 1919-1920), Romeu Boiteux Piazza, João Cipriani, Victor Emanuel Mazzoli, Francisco Domingos Vale e José Battisti Archer. Após esse mandato houve eleições e Carlos foi novamente eleito, portanto de 01/01/1923 a 01/01/1927. Carlos Tridapalli era vereador com Miguel Joaquim de Oliveira, Romeu Boiteux Piazza, João Bayer Sobrinho, Pedro Piva, Luiz Busnardo, Egídio Piazza e Giacomo Tomasi Júnior.

A paixão de Carlos pela política foi herdada por muitos de seus descendentes. De fato, o seu primo Luiz Augusto diz-nos que até o dia de hoje, da família Tridapalli foram políticos:

- Luiz Tridapalli Sobrinho - Vereador
- Luiz Carlos Tridapalli (filho de Rosa e Carlo) = Vereador
- Eliseu Tridapalli (filho de Rosa e Carlo) = Vereador
- Dr. José Tridapalli (médico, filho de Carlos e Rosa) = Prefeito Interino de Nova Trento de 29 / 10 / 1945 a 15/02/1946
- Cremilde Tridapalli (neta de Carlos e Rosa) = 1º Vereadora mulher de Nova Trento
- Ramon Antônio Tridapalli (pro-neto de Carlos e Rosa) = Vereador
- Rosita Tridapalli Vale = Vereadora
- Rogério Mendonça (bisneto de Rosa e Carlos, (o filho de Cremilde) = não foi político em Nova Trento, mas foi vereador e prefeito de Ituporanga, foi deputado estadual de Santa Catarina e atualmente é Deputado Federal de Santa Catarina na Câmara dos Deputados, em Brasília.

Realmente interessante é esta série que o primo Luiz Augusto nos fez conhecer dos políticos que a família Tridapalli deu ao Brasil. Quer dizer que o ensino e o compromisso do patriarca Carlos deu bons frutos.

Carlos teve um mandato muito importante – embora se breve - como presidente da Câmara Municipal. Uma responsabilidade não fácil, por certo, pois é preciso estar muito bem preparado e saber ser pessoa de pulso para lidar com os temas candentes políticos. O fato de que Carlos tenha sido novamente eleito como vereador implica que realmente era uma pessoa especializada neste negócio, e isso permitiu-lhe estar na mesa das decisões por 8 anos seguidos, mas, comentava ironicamente o primo Luis Carlos, enquanto comentava estas coisas sobre o seu bisavô, "*Acho que Carlos mandava só lá na Câmara, em casa quem mandava era ela, he-he-he-he.*"

Outra notícia curiosa que se descobriu, sobre Carlos, graças à entrevista com Lina Tomazoni é que Carlos sempre foi muito atraído para o sexo feminino e até mesmo em idade avançada nunca parou para apreciar belas mulheres. Até mesmo o termo que as testemunhas antigas utilizavam para definir esta característica é "mulherengo",

Lina Tomazoni quando criança era muito acostumada a ficar em casa dos Tri-dapalli, a ponto de às vezes parar para ali dormir. Ela se lembra muito bem que em algumas ocasiões aconteceu de assistir à mesma cena. Lina diz que o quarto de Rosa e Carlos estava no andar de cima da casa, e para descer para o andar térreo havia uma longa escada. Carlos esperava que sua esposa Rosa começasse a dormir, então, aproveitando da escuridão, de forma prudente, se levantava da cama grande, caminhava lentamente pelo corredor e descia as escadas com cautela, cuidando para não fazer barulho. Mas logo que chegava ao fim da escada, ouvia uma voz conhecida vindo de seu próprio quarto e que perguntava: "Carlin, andoè ta set adrêe a andà"? Traduzindo: "Carlos para onde você está indo?! Eis que o infiel Carlos, depois de todo o trabalho que havia feito para chegar ao fundo das escadas, era desmascarado, e portanto precisava voltar atrás.

Confesso que a história em si mesma realmente me fez rir em voz alta, porque eu imaginei a cena de Carlos, que, depois de todo o trabalho feito, havia sido desmascarado como uma criança, e teve que voltar atrás. Mas confesso que eu também fiquei muito surpreso quando ouvi esta história. Eu posso dizer que eu fiquei quase "envergonhada" por este fato, que tem me deu a oportunidade de refletir sobre o fato de que eu sempre pensei destes antecessores, nossos velhos, como pessoas de integridade sobre este ponto da fidelidade. Talvez homens implacáveis e cruéis, mas sempre muito fiéis às suas obrigações e suas promessas. Eu nunca tinha criado qualquer perturbação pelo fato de, talvez, alguns deles até mesmo na velhice, não deixarem de admirar a beleza feminina, mas daqui para chegar até querer trair suas esposas Parecia estranho, eu nunca tinha pensado que poderia ter sucumbido a uma tentação tão humana!

Não sabemos se realmente ele tenha "colocado em prática" essas intenções ou tenha sido um sonho nunca realizado, mas o fato é que Rosa tinha que dormir com um olho aberto! ☒

.5 – *Os últimos anos*

No final de 1932, morreu aos 81 anos (uma idade incrível, considerada na época, o número de anos, mas também as condições em que a mulher viveu sobretudo como jovens) a avó Maria Mondadori, viúva Tridapalli. Rosa e Carlos tinham há poucos dias completado, respectivamente 51 e 58 anos, mas na época eram pessoas já consideradas vivendo na maturidade (senão talvez mesmo na velhice).

A sorte quis que chegassem até os nossos dias as fotografias, de ambos durante estes anos de maturidade. Não sabemos exatamente quando essas fotos foram tiradas, que por outra, são as últimas fotos que temos deles. Portanto podemos ter uma idéia de como eram os seus rostos e como mudaram nos quase 30 anos desde a primeira fotografia que temos deles.



Rosa e Carlos Tirloni Tridapalli (fotografias, dos anos 30)

Os rostos do casal aparecem inevitavelmente muito mudos e quase contradizem com a imagem que tínhamos feito com base em suas histórias ouvidas até agora. Este comentário se aplica especialmente a Carlos: sua fotografia durante os anos da maturidade, mostra o rosto objetivamente muito duro em que as maçãs do rosto salientes, as sobrancelhas ligeiramente enrugadas e olhos penetrantes amplificam ainda mais um olhar rigoroso, quase sombrio. Em suma, muito pouco tem a ver esta fotografia com a imagem do marido elegante e ladeado por uma mulher volumosa; do homem alegre, dos modos bem compostos e bem medidos. Não se pode dizer se a foto foi retocada, mas mesmo se não fosse autêntica se pode seguramente assumir que quaisquer mudanças afetaram apenas sua roupa elegante.

Além do detalhe dos olhos, deve-se admitir que Carlos, mesmo envelhecendo se manteve objetivamente bem: só o bigode espesso é grisalho, o cabelo cortado muito curto, revela um traço de forte recuo, mas ainda é muito escuro, testa larga e grande, não tinha rugas como o resto do rosto. Seu rosto é perfeitamente proporcional, não é nem muito fino, nem muito inchado, o que indica que nem o trabalho físico (a que sempre preferiu dedicar-se) e a abundância de alimentos teve a melhor sobre ele, arruinando a sua velhice, mas foi o justo equilíbrio entre a ginástica e a nutrição que lhe permitiu ser forte e em boa forma.

Estima-se que Carlos, na foto, estaria com a idade entre 55 e 60 anos, mas é definitivamente considerado um homem bonito, ainda em pleno vigor. Não é de admirar, então, que ele ainda se sinta atraído - talvez até mesmo correspondido - por mulheres, (a ponto de fazer algumas escapadas extraconjugais, como foi mencionado acima).

Rosa, também, nesta fotografia, não aparece como a mulher vulcânica, enérgica e combativa que foi descrita. Pelo contrário, parece uma mulher tão simples e humilde. Seu rosto gordo (quando antes era muito fino e afinilado), o seu olhar bondoso, e sua expressão relaxada nos levam a pensar nela como uma pessoa tranquila e de boa índole. É realmente difícil de imaginá-la perdendo a paciência e começando a vociferar (como disse o Tio Durval Maestri)

Rosa, a julgar por esta fotografia, foi submetida a um envelhecimento que, afinal, não ocorreu tão cedo e inclemente como acontecia com quase todas as mulheres da época. Só o cabelo dela parece um pouco grisalho, (uma característica que quase todos os irmãos Tirloni tem herdado de seu pai Alessandro). Tinha algumas rugas ao redor dos olhos, e sua pele ainda parecia lisa e elástica. Orelhas grandes, mandíbula ampla, pescoço largo e bastante robusto, que nos levam a imaginar que Rosa era realmente uma mulher muito grande e volumosa, sinal que talvez, mais do que deveria, teria aproveitado a abundância de alimentos que caracterizava a sua casa.

Neste caso, podemos dizer com certeza quase absoluta que a fotografia sofreu alterações, porque o vestido parece demasiado "plástico" e sem profundidade. As dúvidas aparecem principalmente ao olhar para o colete que supera os ombros, e que está perfeitamente alinhado com o vestido, sem menor volume ou espessura. Quanto às jóias que ela usa, leva a pensar que elas são autênticas e não redesenhadas, especialmente porque o colar da gargantilha segue o decote muito bem. Se assim for, e se o medalhão era - como parece - de ouro, pode-se imaginar que Rosa não era apenas uma trabalhadora incansável, mas tinha pelo menos um pouco de vaidade feminina, e adorava usar jóias chamativas que, obviamente, ela tinha dinheiro para comprar!

Nós estimamos que, quando foi retratada nesta foto, Rosa tinha cerca de 50 anos (ou seja, a imagem dela e de seu marido Carlos poderiam ter sido tomadas na mesma ocasião). Além do problema de excesso de peso, pode-se imaginar que, aos olhos de todos os neotrentinos deve ter parecido não uma velha, mas certamente, pelo contrário, ainda uma bela dama.

Olhando atentamente para a fotografia de Rosa, é preciso admitir que realmente mudou muito em relação a quando ela era uma jovem noiva. Está quase irreconhecível (ao contrário do marido Carlos que tudo somado não mudou tanto assim), Mas uma coisa muito interessante é a semelhança muito grande que Rosa tem agora com sua mãe Elizabeth (retratada em uma idade quase igual à sua). Pode-se estabelecer uma hipótese que sua mãe, enquanto jovem, tinha a mesma aparência física de Rosa, quando foi retratado nos primeiros anos de casamento.



Rosa Tirloni Tridapalli e mãe Elizabetta Colombi Tirloni comparação (fotografias, dos anos 30 e anos 1912)

Embora Rosa e Carlos não fossem mais jovens e o peso dos anos começassem a se fazerem sentir, continuam a trabalhar incansavelmente todos os dias, e as pausas para eles eram poucas. Nunca foram transmitidos relatos de suas férias ou de quaisquer lugares de descanso ou lazer, como talvez viagens marítimas: as viagens de Rosa para Florianópolis eram apenas para negócios e de trabalho. Não havia tempo para relaxar.

O único entretenimento que o casal constantemente se permitia, eram ligados às circunstâncias de reuniões com a família, mas que sempre tinham lugar em Nova Trento. Isso é uma coisa estranha. Além dos domingos passados junto do irmão de Carlos (que vivia também ele em Nova Trento), nunca se soube que Rosa e Carlos tivessem ido a outros lugares fora de Nova Trento para encontrar algum parente!

Parece incrível pensar que Rosa, por exemplo, nunca tivesse viajado para Porto Franco para visitar seus familiares. Provavelmente ela também o teria feito, mas se isso aconteceu deve ter ocorrido realmente em ocasiões muito raras, tanto que ninguém retém uma memória significativa a esse respeito..

No entanto, há dois fatores a ter em mente para explicar o comportamento de Rosa. Primeiro, ela era a única que, em comparação com seus parentes, tinha sempre mais trabalho. (obviamente tinha menos tempo para se dedicar a si mesma), Ali[as ela vivia em um ponto mais "turístico" porque em Nova Trento estava o santuário do Morro da Cruz, para o qual muitas pessoas desta região, porque eram muito devotas, o tornavam destino de peregrinações constantes. Por isso, era mais fácil para Rosa acomodar seus familiares em sua casa, quando eles viessem especialmente para Nova Trento para fazer um gesto de devoção.

A confirmação desta suposição me vem, dada pela própria memória do velho tio Durval Luiz Maestri, que disse que seu pai mantinham a devoção de ir ao Morro da Cruz. Não podiam ir muitas vezes, mas ao menos duas vezes por ano faziam visi-

tas a este santuário e naquelas ocasiões (como já foi dito) paravam na casa dos tios Rosa e Carlos.

O Tio Durval confirma que Rosa e Carlos eram muito ligados aos parentes Tirloni e, especialmente, lembra-se de que a tia Rosa e sua mãe Albina (irmã menor de Rosa) eram muito ligadas uma à outra, e quando elas se encontravam, passavam muito tempo a conversar.



irmãs Rosa Tirloni Tridapalli e Albina Tirloni Maestri (fotos, dos anos 30 e anos 1948)

As visitas entre essas duas irmãs, embora não freqüentes, no entanto, ocorriam por causa do hábito de Albina Tirloni e José Maestri (pais tio Durval) fazerem peregrinação a Nova Trento. No entanto, lembra-se o tio Durval, que a outra irmã mais velha, Joana Tirloni Morelli, não ia quase nunca para Nova Trento, porque ela estava sempre envolvida em sua loja (herdada de sua mãe Elizabetta, quando, há muitos anos, tinha ido de volta para a Itália).

Tio Durval ainda se lembra bem que quando ela recebia a visita de sua irmã Albina e de sua família, Rosa - como já foi dito - imediatamente cessava todas as suas atividades, imediatamente corria para a cozinha preparar alguma comida para servir aos parentes cansados da viagem, e parava na cozinha para conversar com eles. Esta era uma das poucas ocasiões em que a trabalhadora incansável que sempre teve total controle sobre seu império de negócios, decidia parar, e preferia passar o tempo com a família, algo que não fazia nunca o seu marido Carlos. Ele corria para saudar e receber parentes, mas era improvável que dedicasse um tempo para conversar com eles, porque ele sempre tinha um monte de trabalho a fazer, e ele era muito leal a seu dever.

Tio Durval lembrar que nas ocasiões de suas visitas, tio Carlin (como todos o chamavam) sempre se oferecia para substituir sua esposa no balcão da loja, por causa da maneira de ser de Rosa ao receber os seus parentes. Mas infelizmente não era o trabalho mais agradável para Carlos. Rosa, por isso, enquanto ela estava na cozinha com sua irmã, cunhado e sobrinhos, sempre tinha um olho no empório para controlar seu marido, que muitas vezes ficava confundido ou não sabia onde encontrar as coi-

sas, que os fregueses lhe pediam. Carlos não estava acostumado a ficar atrás do balcão, mas a sua boa vontade era certamente muito apreciada por sua esposa Rosa!

Falando da relação com os vários parentes da família Tirloni, também temos de relatar um fato não muito agradável que surgiu de uma carta, a última em ordem de tempo a chegar até os dias de hoje, dentre aquelas que Rosa recebeu de parentes italianos.

Partimos da carta: no início de 1934 Rosa recebeu a seguinte carta da Itália, escrita por seu jovem sobrinho Ângelo Battista Tirloni, em nome de seu pai, Emanuel (meu bisavô e irmão mais novo de Rosa, que no Brasil sempre foi conhecido por todos como Maneca), o qual infelizmente não sabia escrever.

Abrindo esta carta, Rosa lê:

Covo li 23-1-34

Caríssima Tia Rosinha.

Ao abrir a vossa prezada carta percebi logo que vós e vossa família estais muito bem de saúde, e este é o nosso desejo. Agora, depois de tanto tempo, vos dou notícias de minha família. Nós gozamos de ótima saúde, e o mesmo desejamos hoje a vós todos.

Caros tios, o desejo de meu pai seria de vir para o Brasil para ver-vos a todos ainda por uma última vez, e por certo esse desejo também seria de todos vós.

Cara tia, vós me escrevestes que se meu pai quiser vir para ali, por certo não permaneceria morando à beira da estrada porque vós tendes muitas casas e muita terra, mas que também ali é preciso trabalhar muito para não se perder aquilo que se tem. Quando chegam cartas pelo correio, meu pai fica muito triste, e diz que quer deixar a Itália e ir para a sua terra natal, [Porto Franco], mas isso ele diz só quando as coisas não andam bem.

Cara Tia Rosinha, para viver nós temos o suficiente. Trabalho temos também aqui, porém, em última análise, ainda vivemos discretamente bem. Neste tempo de crise, não se pode ganhar dinheiro, mas talvez esse tempo passe depressa, e se aproxime um outro melhor.

Repito o desejo de meu pai, que seria o único. Mas quando? Qual a hora em que seria o momento propício para reabraçarem-se?

Que alegria vós haveríeis de experimentar?

E qual o desejo que permaneceria a meu Pai?

Quer queiramos ou não, é preciso que as coisas andem um pouco melhores. Mas nestes anos, precisamos deixar de lado esse desejo o mais depressa possível, porque também nós somos ainda muito jovens. No que se refere aos tios e às tias do Brasil, daquilo que ouvimos em vossa carta, o que mais nos preocupa é a tia Narcissa, que vai mal. Ela não quer ouvir os vossos bons conselhos, mas que fazer? Procurai saber o que se passa com ela, e fazei-lhe o bem enquanto puderdes. Sei que sois ricos, e por certo, os bons conselhos que lhe dareis, um dia terão a sua recompensa junto de Deus.

Cara Tia, por enquanto nos nossos tios e tias passam todos bem. Faço-vos saber que a vossa carta, apenas lida, nós a fizemos ler por todos. Ao dar-nos a vossa

resposta, fizeti-me saber se alguém daqui encontrou tempo para vos escrever. Para interesses, sempre há tempo. Mas quando se trata de escrever, não se encontra tempo para duas linhas.

Meus caros tios, faço-vos saber que morreu a Narcisa Nava, primeira filha da tia Angelina. Estava no convento das reverendas Irmãs Canossianas, mas depois de um ano de escola, foi acometida de meningite, e depois de oito dias precisou deixar a vida terrena. Era uma das primeiras alunas, nos estudos, em seu colégio. Os tios estavam maravilhados com ela, como também os padres de nossa vila, e todas as assistentes eclesiásticas. Mas Deus a quis para si, como uma linda flor.

Cara tia Rosinha, no mês de março devo apresentar-me para o serviço militar, mas o meu tempo será curto, de apenas seis meses, enquanto muitos ainda servem por dezoito meses. Eu, sendo o primogênito, por uma lei decretada pelo ministério, recebo cartas de segunda classe, o que aliás, ocorre com muitos. Mas se isto não for ainda mudado, porque não somos nós os que mandam.

Meus caros tios e primos, sou eu que escrevo e me dirijo a vós, mas sempre em nome de meu pai, porque, como sabeis, cara tia, ele nunca frequentou as escolas, e por isso ele não é capaz de escrever.

Agora vos escrevo como vão as coisas referentes aos nosso genros.

Neste ano tiveram uma grande baixa [econômica] e a causa principal é o leite, que para nós é o produto mais importante, pois conseguimos meio quintal ao dia, como média anual. A queda é de 9 liras por quintal. O gado também teve uma queda ainda pior, como também o trigo. No ano passado conseguimos 110 liras por quintal, mas neste ano não conseguimos mais do que 80 liras por quintal. O milho, no ano passado, era vendido por 58 liras, mas agora vale só 48. Portanto, vós podereis fazer um cálculo, porque, por certo, deve ser assim também ali, pois o mercado mundial neste ano está em baixa. Os impostos governamentais, ao contrário, subiram muito. Essas coisas não as digo por dizer, mas afirmo tudo isso com sinceridade e verdade. Portanto, é preciso cuidar bem com o que se faz, para não ficar com menos do que se tem.

Já não sei mais o que dizer-vos. Termino saudando-vos de todo coração, bem como ao tio Carlos e aos primos. Eu vos peço que me façais o favor de saudar muito, muito, a tia Narcisa e aos seus filhos, que para mim, também eles são meus primos primeiros, como todos os outros. Mesmo à distância os recordo sempre como se fossem meus irmãos. Fazei-me saber como vai a tia Narcisa, se está melhor, ou como vai.

Quem sabe. Talvez um dia possamos nos encontrar.

Agora vos deixo as mais cordiais saúdamos, como as de meu pai, e também de toda a minha família.

Adeus!

Adeus!

Sou para sempre vosso sobrinho Ângelo.

E meu pai Emanuel.

Esperamos uma pronta resposta.

Esta carta, muito bonita e rico, revela um vislumbre da vida da Itália agrícola nos meados dos anos 30. Não falta mesmo nada: após os cumprimentos iniciais e

gentilezas feitas, como sempre - mais por hábito do que por convicção – ele tranquiliza sobre a saúde dos parentes italianos, que é definida como ótima para todos, inclusive para mãe de Ângelo (Rosa Morosini, esposa de Emanuel, que ao contrário, tinha uma doença do coração há muitos anos). O sobrinho Ângelo imediatamente começa a falar sobre o desejo de seu pai Emanuel de voltar para o que foi bem definido como "o seu país natal."

A fim de entender claramente os detalhes é preciso primeiro afirmar que, para todos os irmãos da Rosa que voltaram para a Itália em 1909, o Brasil seria sempre aquele lugar de conto de fadas encantado, onde tudo é bonito e todos gostariam de voltar. A nostalgia era realmente forte, e o irmão Emanuel, um homem de 43 anos, que estava ausente do Brasil por 25 anos, alimentava o pensamento, e cultivava a idéia de que a qualquer momento pudesse partir e voltar para o Brasil para se tranquilizar de qualquer preocupação. Esta era sua válvula de segurança e a sua âncora: pois se as coisas dessem errado na Italia, ele poderia sempre ir para o Brasil onde encontraria ajuda!

Este detalhe do desejo do irmão Emanuele de voltar para o Brasil era o elemento mais comum nesta carta, e foi repetido 3 vezes só no início, e esta insistência contínua do jovem filho Ângelo é certamente devido ao fato de que seu pai Emanuele tinha realmente sempre em mente o Brasil, e cada ocasião era boa para invocá-lo. Engraçada é a imagem deste irmão que fica com raiva quando vem os impostos a serem pagos. A mesma coisa que sucedia com Rosa e que remonta ao seu pai Alessandro: Nisto, toda a família se parece.

A carta continua a dizer que não falta trabalho para ninguém, mas por causa da crise global (que começou alguns anos antes nos Estados Unidos pela Grande Depressão de 1929), não se pode poupar. - ou "colocar de lado", como se costumava dizer naquele tempo - até mesmo um pouco de dinheiro. E neste momento o jovem sobrinho Ângelo começa a pedir informações dos parentes do Brasil e, desde o início ele pára mais vezes (repercutindo até mesmo nos termos conclusivos) sobre a situação muito preocupante da brasileira tia Narciza, viúva de João Tirloni, irmão de Rosa, que morreu há 10 anos, no acidente que ocorreu no mato em torno da serraria do Garabel, para onde ele se havia mudado com sua família.

Na época desta carta, a cunhada Narciza, exausta da vida desconfortável e perigosa que levava no meio do mato e convencida por sua mãe que lhe dera uma pequena casa ao pé do Morro da Cruz, tinha deixado a casa e as terras que o falecido marido a tinha deixado no meio do mato, e há alguns anos havia se mudado para Nova Trento (sua vila natal), com todos os seus filhos.

É preciso admitir que esta cunhada de Rosa era totalmente desprovida de perspicácia e habilidades empreendedoras (ainda pior do que o marido de Rosa) e de negociações – coisa admitida pelo velho tio João Tirloni, e por ele bem evidenciada cada vez que ele falava de sua mãe Narciza – assim, uma vez que ficou viúva, com os filhos pequenos, não foi capaz de gerir seus próprios negócios. Ela tinha chegado mesmo a vender as várias ferramentas e animais que tinha no Garabel apenas o suficiente para ganhar algum dinheiro, e também por isso ela teve que deixar a serraria. Pior ainda porque logo depois entrou em vigor uma lei que proibia o corte de madeira, e por isso o valor de sua terra foi reduzida a uma ninharia. Por causa de toda esta

série de problemas, a cunhada Narcisa se viu em uma situação de total pobreza, e a notícia chegou na Itália.

O velho tio João Tirloni, contando esses fatos admita que naqueles tempos o dinheiro em casa era tão escasso que praticamente tinham que trabalhar em troca de comida, se não se trabalhava não se comia ... porque o dinheiro ganho era apenas o suficiente para se alimentar, e não havia nenhuma maneira de fazer mesmo a menor reserva. No empório (não sei se o Tio João estava se referindo à loja de Rosa) para comprar tudo o que se tinha necessidade era preciso fazer crédito, com a esperança de que com o tempo a situação melhorasse economicamente. e se pudesse pagar as dívidas.

Infelizmente, porém, a crise da família foi assim durante vários anos, tanto que a certo ponto, Narciza precisou vender a casa recebida da mãe para pagar todas as dívidas que havia contraído no empório, e transferiu-se com todos os seus filhos para uma pequena casa de madeira alugada!

Como a cunhada Narcisa e os sobrinhos Tirloni viviam em Nova Trento, Rosa definitivamente tinha a ocasião de encontrar a cunhada e os sobrinhos e, obviamente, de ver as suas desesperadas condições econômicas ...

Ninguém sabe quais foram exatamente os conselhos dado por Rosa que a cunhada Narciza não queria entender. Eram provavelmente sugestões de medidas econômicas para evitar uma maior deterioração a longo prazo, mas é realmente difícil pensar que nas circunstâncias de extrema pobreza em que Narciza estava, pudesse pensar em fazer economias em previsão de um futuro de bem-estar.

Entre essas duas cunhadas, as relações não eram certamente boas, mas enfim elas eram parentes, e nos momentos de maiores dificuldades deve-se recorrer também a eles... Provavelmente num desses momentos, Narciza deve ter falado com sua cunhada Rosa expondo seus problemas, talvez com a esperança de receber ajuda, e Rosa se sentiu compelida a advertir sobre os prováveis riscos a que ia de encontro.

Infelizmente, quando se tem que fazer as contas com os alimentos diários e com a fome, tudo parece lícito, e também a manobra economicamente pior, (como a venda da casa recebida da mãe) parece ser a única solução para colocar um pouco de comida no estômago e sobreviver!

Analisando esta carta, é claro o conselho que transparece das palavras de seu sobrinho Ângelo: quer como estejam as coisas, o jovem Ângelo sugere à tia Rosa de ser paciente e entender a situação realmente trágica da Tia Narciza. E vai tão longe a ponto de sugerir de "fazer o bem", isto é, de ajudá-la também economicamente, e desse ato certamente ela receberia uma recompensa no Além.

O sobrinho Ângelo, na época era um jovem de 20 anos, e pode até parecer atrevido em se permitir de fazer tal sugestão para uma senhora de 52 anos. Mas é preciso considerar que Ângelo escrevia em nome de seu pai Emmanuel, e sua tarefa era de relatar fielmente o que era sugerido pelo pai, e portanto é sob este pondo de vista que deve ser lido o conselho escrito à tia brasileira: O irmão Emanuele, preocupado com a situação da cunhada Narciza e dos sobrinhos, sugere à rica irmã Rosa de "colocar a mão em seu coração "e de alguma forma ajudar os parentes em necessidade. O Irmão Emmanuel é conhecido como o irmão suave e de bom coração (o único que nunca havia se rebelado até mesmo contra o despótico pai Alessandro);

não se omite nem mesmo desta vez: faz prevalecer seu bom senso de dever e de ajudar aos mais fracos, sobre o orgulho e a raiva.



O cunhada Narciza Geselle e o Emanuele Tirloni (fotografias - final dos anos 40 e início dos anos 30)

As incompreensões infelizmente pioraram, e as relações entre as duas cunhadas esfriaram-se mais e mais até chegar ao ponto em que se envolveram até mesmo os filhos mais jovens da cunhada Narciza. Aconteceu realmente uma coisa muito triste que, certamente, foi ditada mais pela raiva momentânea do que por objetiva maldade: no final dos anos 30, um dos filhos mais jovens da cunhada Narciza (não sabemos se foi Argentino ou Palmo), impulsionado pela fome ou enviado por sua mãe, foi até o empório de Rosa, e entrando encontrou o marido – o Tio Carlin - e pediu-lhe 5 biscoitos, especificando que não os queria como um presente, mas, pelo contrário, para marcar o preço na conta apropriada, para receber o pagamento.

Tio Carlin não teve nenhum problema, marcou as despesas na conta de cunhada e deu os biscoitos ao sobrinho, que agradeceu e saiu feliz da loja e foi para casa. Logo em seguida, veio ao empório a tia Rosina, e seu marido imediatamente a colocou ao par do que ocorreu. Ela, não aprovando o que ele fez, obrigou-o a ir atrás do menino para fazer devolver os biscoitos!

Não sabemos se entre as duas cunhadas, Rosa e Narciza teriam sido feitas as pazes ou se permaneceu para sempre a discórdia, mas é de temer que infelizmente prevaleceu a segunda hipótese. Talvez o caráter forte da vulcânica Rosa a fez reagir mal nos confrontos com a submissa e mais dominada cunhada Narciza. Talvez Rosa pode ter dito algumas palavras demais, e a diferença quase total de experiências e idéias foram uma barreira intransponível para permitir a Rosa de chegar a um acordo com a cunhada. Mas pode ser que todas essas minhas suposições sejam totalmente erradas e, para além de alguma violenta explosão de ira de Rosa, tenha prevalecido o bom senso, e as exortações recebidas do irmão italiano Emanuele, tenha levado Rosa a ajudar de alguma forma a cunhada Narciza. Isto nós nunca saberemos.

O que é certo, porém, é o fato de que, infelizmente, Rosa não tinha muito tempo para implementar qualquer plano que decidiu realizar em favor de Narcisa porque, infelizmente, a sua hora estava chegando ...

Poucos meses depois de receber a carta do sobrinho Ângelo (cerca de 5 anos antes desta história narrada dos biscoitos) morreu de repente, com apenas 53 anos, a irmã mais velha Joana. Com isso, Rosa tornou-se a matriarca da grande família Tirloni.



Última imagem de cônjuges e João Morelli Joana Tirloni (fotografia - cedo para meados trinta)

Joana era a quarta irmã que Rosa perdia, após Ângelo, Francesca e João. A causa da morte de Joana foi um ataque cardíaco, e observando a vida de todos os irmãos Tirloni pode-se notar que a maioria deles acabava de morrer por causa desta doença. Na família há uma propensão genética clara, não tanto para doenças do coração, em geral, mas mais para o infarto em particular.

Mesmo para Rosa, infelizmente, não parece ter sido menos verdade, pois quase todos os entrevistados concordam que Rosa morreu de um problema do coração, e até mesmo alguns argumentam que era problema de cardiopatia. O último caso, na minha opinião, é talvez demasiado distante, pois até mesmo para dizer tal coisa significa que, antes de morrer, Rosa tinha qualquer suspeita, qualquer problema de saúde. Enquanto que ninguém nunca relatou alguma doença que Rosa teria tido, tanto assim que, pelo contrário, todos eles concordam em dizer que ela trabalhou duro até o fim.

Di questi ultimi periodi di vita di Rosa è fortunatamente stata ritrovata dal cugino Luis Augusto, in questi ultimi mesi del 2012, una bellissima fotografia che ci mostra Rosa, Carlos ed alcuni familiari ritratti di fronte al loro emporio.



Ultima immagine dei coniugi Rosa e Carlos di fronte all'emporio (fotografia – fine anni Trenta)
Si riconoscono da sinistra a destra: Rosa Tirloni, la nuora Clara Piazza, la figlia minore Luiza, ??? e Carlos Tridapalli

Il gruppo è palesemente ritratto in piedi sugli scalini che conducono all'emporio e c'è da credere che Rosa sia posta su uno scalino più basso rispetto alle giovani ragazze ed al marito Carlos, e questo spiegherebbe la sua forte differenza di statura se paragonata a tutti gli altri.

Questa fotografia è davvero preziosissima per molti motivi: anzitutto si intravede anche se solo in parte il grande emporio di Rosa, dalle grandi vetrate descritte da tutti i vecchi testimoni, così noi possiamo adesso farci un'idea di dove sia trascorsa la maggior parte dell'operosa vita di questa incredibile donna ma soprattutto ci rende un'immagine fedele dei due coniugi nei loro ultimi anni. Purtroppo il volto di Carlos è davvero difficilmente decifrabile poiché ombreggiato dal cappello. Sicuramente è stato fotografato in una pausa dal lavoro e lo si capisce dal fatto che ha le maniche della camicia risvoltate e si vede come il suo lavoro fosse prettamente di fatica nei campi infatti infatti sia la faccia che le braccia sono completamente arse dal sole; la suo confronto tutti gli altri soggetti fotografati sembrano diafani!

Rosa invece possiamo appurare che è davvero molto invecchiata. I capelli sono quasi completamente canuti, il volto molto più gonfio e cadente e gli occhi pesanti. Anche il suo sguardo piuttosto spento e la mole molto grossa e inflaccidita (come raccontato dai vecchi) in generale evidenziano un indubbio affaticamento di questa donna che iniziava a risentire di tanti anni di duro e costante lavoro.

Apenas Lina Tomazoni e Rosa Archer argumentam que a causa da morte de Rosa não pode ser atribuída a um ataque cardíaco, mas à influência de um mal súbito

e muito forte. Na verdade dizem as duas testemunhas que, de repente, Rosa começou a sentir-se mal, foi tomada de constantes ataques de vômito e febre alta. As duas mulheres afirmam que esses são sintomas de uma influência muito forte, mas se olharmos para estes mesmos sintomas, ainda podem ser associados a um ataque cardíaco, porque dependendo de que parte do coração pode ser afetado, os sintomas de enfarte podem ser: dor no peito, no braço esquerdo ou o próprio vômito.

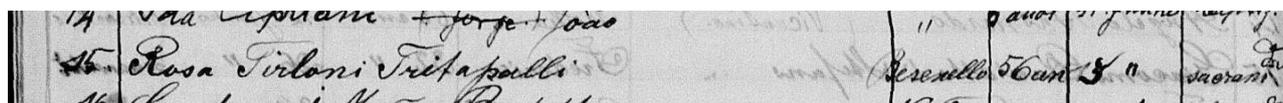
Este sinal de alarme é mais sutil e difícil de interpretar corretamente, mesmo hoje em dia, porque é o que ocorre de forma muito mais lenta que tudo. A primeira vista, suspeita-se de problemas digestivos ou doenças de constipações (e de fato Rosa se sentiu mal quando ocorreram os primeiros dias do inverno brasileiro) e não lhes dão a devida importância.

Talvez, por essa razão, Rosa não foi levada para o hospital. Ficou em casa e se recolheu à cama. à espera de que todos estes sintomas melhorassem enquanto a nora Josefina, esposa do filho mais velho, Luiz Augusto, era a responsável de ajudá-la. Não sabemos quanto tempo durou sua agonia, mas pode-se acreditar que não foi muito longa. O mais estranho é que Rosa nunca foi levado para um hospital, mas não sabemos quando sua família se tornou ciente do fato de que o quadro clínico de Rosa era realmente gravíssimo.

A única coisa que me espanta, pessoalmente, nesta situação, é o fato de que a doença de Rosa não foi compreendido até mesmo por seu filho José, que na época tinha 25 anos. Provavelmente já havia terminado seus estudos médicos ou tinha chegado aos últimos testes antes de clinicar. Eu estou pensando que seu filho José não tinha se formado ainda, e ele ainda estava no campus para terminar a escola. Provavelmente se ele estivesse em Nova Trento, em casa com a família, as coisas para Rosa teriam sido diferente ...

Talvez a situação piorou de repente e inesperadamente, ou talvez, pelo contrário, em breve se imaginou que para Rosa não se podia fazer mais nada, e a sua hora tinha inexoravelmente chegado. Nós nunca saberemos. A única coisa certa sobre esta história é o epílogo: no dia **15 de junho de 1939**, Rosa Tirloni entregou sua alma a Deus. Ela tinha 57 anos.

Após o funeral, os restos mortais de Rosa foram enterrados no cemitério de Nova Trento, em uma tumba que existe até os dias atuais.



Certidão de óbito de Rosa Tirloni (fotocópia - ano 2012)

Seu atestado de óbito, muito básico e conciso, foi encontrado por seu sobrinho Luiz Augusto Tridapalli Archer, e só menciona que Rosa faleceu em sua casa, localizada no bairro de Besenello e recebeu todos os sacramentos. Portanto, sua morte não ocorreu de modo rápido, e um padre pôde lhe conferir os últimos consolos da religião. Um único erro relatado se refere à sua idade, que está assinalada com um ano a menos do que a realidade.

Seu marido Carlos, quando ele ficou viúvo tinha 64 anos, mas a partir desse dia, ele nunca mais foi o mesmo, e todos concordam em dizer que nunca mais chegou a se recuperar da perda de sua esposa, com quem estava casado há quase 35 anos.

Este fato nos ajuda a entender que Carlos, o marido que por um lado era submisso à esposa, mas que também tentou algumas vezes a fazer suas escapadelas extraconjugais alimentava um verdadeiro amor por sua esposa. Apesar de sua idade avançada não era ainda um homem curvado pela idade, era um senhor simpático, muito rico, e era definitivamente considerado um viúvo muito interessante para que ele pudesse facilmente encontrar uma nova esposa. Aliás, também jovem o suficiente, mas no entanto não quis absolutamente saber de se casar de novo..

Agora, ao lado dele, não há mais a presença permanente de sua Rosa, a mulher de presença vulcânica, talvez um pouco complicada, mas, certamente, também reconfortadora, e Carlos começa a se sentir totalmente perdido. Ele já não tinha os conselhos de sua Rosa, que não estava mais ali ao seu lado a repreendê-lo - por exemplo – para não comer muito, (a tia Cremilde Tridapalli tinha muito claro na mente a imagem de sua avó Rosa que dizia ao avô Carlos: "Carlin, Carlin, farinha de mandioca não faz bem"), E eis que Carlos começou a descuidar-se, a deixar correr o barco. e a não se importa mais com a sua saúde.

Seus últimos anos foram passados na tristeza completa e na depressão. Provavelmente não trabalhava mais, ou pelo menos ele faz seus trabalhos sem entusiasmo, e como se fosse um dever a que ele não podia escapar. Parece que ele começou a invocar a morte, porque ele perdeu completamente o interesse pela vida, e a morte não se fez esperar por muito tempo.

Depois de quase três anos de viuvez, Carlos começou a adoecer (alguém achava que era câncer, mas, obviamente, não se têm qualquer certeza) E infelizmente ele não fazia nada para tentar curar a doença, e assim a enfermidade levou a melhor sobre a sua fraca vontade de viver, e foi se reunir à sua esposa, no dia **27 de julho de 1942**, aos 67 anos. Como costumavam dizer os velhos, tanto no Brasil como na Itália: Carlos "deixou se levar pela tristeza" (morreu de desprazer).

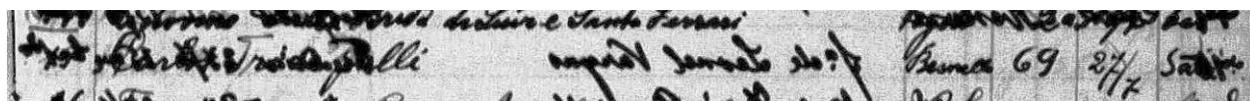
Veio a ser enterrado em Nova Trento, junto de sua esposa, no belo túmulo que sobreviveu até os dias atuais, e pelo fato de que Rosa e Carlos eram os habitantes mais ricos de Nova Trento, o deles é o único dos túmulos antigos em que, além dos nomes, foram incluídas também as fotografias. Para Rosa foi escolhida uma fotografias que a retrata em seus últimos anos, enquanto para Carlos foi inexplicavelmente escolhida uma foto mais jovem.



Túmulo de Rosa Tirloni e Carlos Tridapalli - cemitério de Nova Trento (fotografia - ano 2009)

Seu atestado de óbito é exatamente como o de sua esposa, muito básico e conciso, mas, infelizmente, é mais difícil de ser lido porque, por causa da tinta muito pesada, se lê também aquilo que vem escrito na página seguinte. Diz-se que ele morreu em sua casa localizada no distrito de Besenello, e que recebeu todos os sacramentos. Ele também não foi levado para um hospital próximo, em Azambuja, para tentar um

tratamento adequado, a que ele teria feito forte oposição. Mas sua vontade foi feita e se deixou que ele fosse se reunir com sua Rosa. Também em seu caso, se lê um erro em relação à idade, a qual vem relatada com mais dois anos, do que a realidade.



Certidão de óbito de Carlos Tridapalli (fotocópia - ano 2012)

Ao longo da sua vida operosíssima, Carlos e Rosa geraram muita riqueza. Mas atualmente quase não há testemunhanças porque, praticamente, todas as propriedades ao longo das décadas foram sendo vendidos ou abandonadas por seus descendentes, e também os vários edifícios (a loja, a pousada, a Ferraria, a Fecularia) foram demolidos para dar lugar a novas casas.

A Ferraria foi herdada por seu filho mais velho, Luis Carlos, que havia trabalhado lá desde a infância. Na sua morte, foi legada a seus filhos que continuaram a trabalhar até o início deste milênio, passando por mais de duas gerações da família Tridapalli.

A loja e a casa grande foi legada a seu filho Eliseu, que por 10 anos manteve o negócio da loja, mas depois abandonou tudo, e construiu um torno mecânico muito grande (a localização fica onde ficavam os cavalos). Quando Eliseu morreu, em 1957, (ainda muito jovem) os edifícios da pousada e do empório ainda existiam, mas já estavam em ruínas. Só a casa grande era ainda utilizada. A viúva de Eliseu vendeu tudo para a família Voltolini, e passou a viver com seus filhos na cidade de Gaspar.

Depois de muitos anos após a morte de Rosa e Carlos, sua neta Cremilde Tridapalli, durante sua última viagem à Itália, em 1997, enquanto estava visitando parentes em Covo (município na província de Bérgamo, onde os pais e irmãos de Rosa havia se mudado após deixar o Brasil em 1909) pediu para ser levada para ver a fazenda Battagliona, fazenda onde viveram e morreram, nossos patriarcas. Precisamente quando ela estava na fazenda, decidiu recolher um pouco de terra para levar para Nova Trento, para depois lançar sobre o túmulo dos avós, a fim de oferecer-lhes uma maneira de ainda estarem em contato com sua terra natal.

Com relação aos descendentes de Rosa e Carlos, ainda não temos dados confiáveis. De fato, há muitas deficiências, porque só os descendentes do filho mais velho, pelo menos em parte, foram recentemente atualizado. De acordo com o que sabemos (o censo realizado nos anos 80 e algumas adições comunicadas por vários descendentes em correspondências recentes), podemos dizer que, no momento de sua morte, eram certamente os avós de seis netos (todos os filhos de seu primeiro filho), mas provavelmente todos outros filhos já estavam casados.

No total, de acordo com dados ao nosso conhecimento, eram: 42 netos, 118 bisnetos, 37 trinetos e 1 tetraneto, mas como eu disse, esse número não é realmente confiável e, certamente, pode ter aumentado exponencialmente. Hoje em dia, no final de 2012, todos os seus filhos estão mortos, e a única idosa ainda viva é uma nora Yo-

landa Bitencourt Soares – esposa do quintogênito José, o médico da família Tirloni do Brasil.

"As informações, fotos e documentos referentes a Família Tridapalli, contidos neste Capítulo Rosa Tirloni do Site Famiglia Tirloni, fazem parte do acervo e da pesquisa do escritor e historiador Luiz Augusto Tridapalli Archer, publicados em seu Livro Família Tridapalli. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998 Brasil. É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela internet, sem prévia autorização do autor".